

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE (UNICENTRO-PR)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**JHALLESSON KOVALIKI DE OLIVEIRA**

**HIGIENE, EUGENIA E SAÚDE PÚBLICA NA OBRA DE BELISÁRIO PENNA  
(1910-1920)**

**IRATI (PR), 2020**

**JHALLESSON KOVALIKI DE OLIVEIRA**

**HIGIENE, EUGENIA E SAÚDE PÚBLICA NA OBRA DE BELISÁRIO PENNA  
(1910-1920)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História- Área de concentração: História e Regiões, da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em História.

**Orientador:** Prof. Dr. Vanderlei Sebastião de Souza

**IRATI (PR), 2020**

Catálogo na Publicação  
Rede de Bibliotecas da Unicentro

O48h

Oliveira, Jhalleson Kovaliki de  
Higiene, eugenia e saúde pública na obra de Belisário Penna (1910-1920) / Jhalleson Kovaliki de Oliveira. -- Irati, 2020.  
ix, 121 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração em História e Regiões, 2020.

Orientadora: Vanderlei Sebastião de Souza  
Banca examinadora: Claiton Marcio da Silva, Leonardo Dallacqua de Carvalho, Rosemeri Moreira

Bibliografia

1. Belisário Penna. 2. Higiene. 3. Eugenia. 4. Nação. 5. História da Saúde Pública. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em História.

CDD 981



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE/UNICENTRO  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPESP  
Programa de Pós-Graduação em História - PPGH  
Área de Concentração - História e Regiões



## TERMO DE APROVAÇÃO

**Jhallesson Kovaliki de Oliveira**

### **Higiene, Eugenia e Saúde Pública na Obra de Belisario Penna (1910-1920)**

Dissertação aprovada em 21/07/2020, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração em História e Regiões, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, pela seguinte Banca Examinadora:

*Dr. Claiton Marcio da Silva*  
Universidade Federal da Fronteira Sul  
Titular

*Dr. Leonardo Dallacqua de Carvalho*  
Instituto Federal do Piauí  
Titular

*Dr. Rosângela Moreira*  
Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Titular

*Dr. Vanderlei Sebastião de Souza*  
Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Irati – PR  
2020

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer às pessoas que sempre me apoiaram nos últimos dois anos. À minha família, em especial à minha filha, Isabelly, pelo carinho e compreensão neste percurso. À minha noiva, Marilaine, pela contribuição em ouvir minhas reflexões no processo de escrita. À minha mãe, Luciane, por sempre acreditar em mim. Vocês foram a minha maior fonte de motivação.

Gostaria de agradecer ao meu orientador Prof. Dr. Vanderlei Sebastião de Souza, pelo comprometimento, pela atenção e serenidade durante a pesquisa. Suas orientações foram essenciais para meu amadurecimento enquanto pesquisador, assim como foram de suma importância no decorrer da escrita. Agradeço pela sua compreensão, conselhos e preocupação com a minha formação, a você, deixo, aqui, meus agradecimentos e minha admiração.

Aos meus professores do curso de graduação em História que, de alguma forma, contribuíram com a minha trajetória até aqui, em especial à Rosemeri Moreira, Beatriz Alsemo Olinto, Kety Carla de March, Sílvia Gomes Bento de Mello e Ismael Antonio Vannini, com vocês pude despertar o interesse em me tornar pesquisador. Considero-os exemplos de professores, a quem muito admiro.

Agradeço, especialmente, à Prof. Dra. Rosemeri Moreira, por ter participado da minha trajetória acadêmica. Obrigado por ter me incentivado a dar continuidade na pesquisa, pois foi em suas aulas que ela teve início. Agradeço também por ter participado da banca de minha qualificação e de defesa, pelas suas dicas e sugestões que muito contribuíram para esta pesquisa. Neste mesmo sentido, agradeço ao Prof. Dr. Claiton que, generosamente, aceitou participar da banca de qualificação e defesa, com uma leitura atenta e valiosa acerca do assunto da pesquisa.

Ao historiador, Leonardo Dallacqua de Carvalho, tenho admiração e agradecimentos especiais a fazer, deixo meu muito obrigado pelo compartilhamento de textos e fontes documentais, pelas sugestões e conselhos que contribuíram fundamentalmente para o enriquecimento desta pesquisa. Também agradeço por sua participação na banca de qualificação e de defesa.

Meus agradecimentos aos amigos do Programa de Pós-Graduação em História da Unicentro, companheiros de percurso, em especial, Maria Cristina Kirach, Stafany Moura,

Willian Fernando Peplow e Fernando Germinatti, obrigado pelo companheirismo, pelos debates e angústias compartilhados.

Ao meu amigo, Gleison Silva que, desde a graduação, compartilhamos aprendizados, angústias e reflexões.

Por fim, meus agradecimentos à Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), instituição pública que permitiu a minha formação como professor e historiador.

## RESUMO

Esta dissertação trata das discussões sobre higiene, eugenia e saúde pública, no Brasil, no início do século XX. Seu objetivo consiste em analisar a atuação do médico-sanitarista e intelectual Belisário Penna (1868-1939), no movimento sanitário brasileiro, da década de 1910. Ele integrou a geração de médicos e cientistas do início do século XX que ocupou-se com o debate sobre a reforma da sociedade brasileira, a construção da identidade nacional e o processo político ao qual a nação deveria tomar para seguir o tão almejado caminho da civilização. Nesta pesquisa, analisamos um conjunto de fontes documentais, produzido por Penna, nas décadas de 1910 e 1920, em especial, textos de jornais e revistas, relatórios de viagens científicas e livros publicados pelo autor, entre eles, *Saneamento do Brasil*, publicado em 1918. Essas fontes expressam o envolvimento do sanitário com os debates médicos, políticos e científicos, da época, em torno do processo de reforma da sociedade brasileira e construção nacional. Penna encontrou, na ciência médica e nas concepções higiênicas, as ferramentas necessárias para a construção de um projeto político que visava a implantação de uma ampla engenharia de reforma da saúde pública e da regeneração nacional. Com a emergência da eugenia no Brasil, nos primeiros decênios do século XX, absorveu um receituário eugênico mais suave, ao estilo da eugenia “preventiva”, incorporando essas ideias ao movimento sanitário por ele liderado. Neste sentido, o interesse central desta pesquisa consiste em analisar como Penna aborda higiene e eugenia em suas discussões sobre reforma social e as políticas de saúde pública, no Brasil, entre as décadas de 1910 a 1920. A pesquisa analisa, ainda, dentro do projeto sanitário nacional de Penna, sua concepção de educação higiênica como forma de construir aquilo que ele chamou de “consciência sanitária nacional”. A metodologia para o desenvolvimento desta dissertação está baseada na história dos intelectuais e tem, como suporte, a perspectiva do contextualismo linguístico, proposto pelo historiador Quentin Skinner. Utilizamos, também, o conceito de biopolítica, de Michel Foucault, que representa o exercício do poder da modernidade, caracterizado pela incitação, reforço, controle e vigilância gerido sobre a vida das pessoas.

**Palavras-chave:** Belisário Penna, Higiene, Eugenia, Nação, História da Saúde Pública.

## ABSTRACT

This dissertation deals with the discussions on hygiene, eugenics and public health in Brazil, in the beginning of the 20th century. Its objective is to analyze the performance of the medical-sanitary and intellectual Belisário Penna (1868-1939), in the Brazilian sanitary movement, of the 1910s. He was part of the generation of doctors and scientists of the beginning of the 20th century, who debate on the reform of Brazilian society, the construction of national identity and the political process that the nation should take to follow the longed-for path of civilization. In this research, we analyzed a set of documentary sources, produced by Penna, in the 1910s and 1920s, in particular, texts from newspapers and magazines, scientific travel reports and books published by the author, including *Saneamento do Brasil*, published in 1918. These sources express the involvement of the health worker in the medical, political and scientific debates of the time, around the process of reforming Brazilian society and national construction. Penna found, in medical science and hygienic conceptions, the necessary tools for the construction of a political project that aimed at the implantation of a wide engineering of public health reform and national regeneration. With the emergence of eugenics in Brazil, in the first decades of the twentieth century, he absorbed a softer eugenic prescription, in the style of “preventive” eugenics, incorporating these ideas into the sanitary movement he led. In this sense, the central interest of this research is to analyze how Penna approaches hygiene and eugenics in his discussions on social reform and public health policies, in Brazil, between the decades of 1910 to 1920. The research also analyzes, within the project Penna's national health system, his conception of hygienic education as a way to build what he called “national health awareness”. The methodology for the development of this dissertation is based on the history of intellectuals and is supported by the perspective of linguistic contextualism, proposed by historian Quentin Skinner. We also use the concept of biopolitics, by Michel Foucault, which represents the exercise of the power of modernity, characterized by the encouragement, reinforcement, control and surveillance managed over people's lives.

**Keywords:** Belisário Penna, Hygiene, Eugenia, Nation, History of Public Health.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>CAPÍTULO I</b>	20
<b>O MOVIMENTO SANITARISTA BRASILEIRO: SAÚDE, HIGIENE E NAÇÃO (1910-1920)</b>	20
1.1. República, higiene e modernidade	20
1.2. As viagens científicas do Instituto Oswaldo Cruz	29
1.3. Os Intelectuais e o Movimento Sanitarista	35
1.4. “O Brasil é um imenso hospital”	41
<b>CAPÍTULO II</b>	49
<b>BELISÁRIO PENNA: UM SANITARISTA BRASILEIRO</b>	49
2.1. Vida e a formação de um sanitarista	50
2.2. A Expedição Científica de Arthur Neiva e Belisário Penna	57
2.3. Belisário Penna: a medicina como instrumento político	67
2.4. Belisário Penna entre os anos 20 e 30	73
<b>CAPÍTULO III</b>	80
<b>HIGIENE, EUGENIA E NAÇÃO EM BELISÁRIO PENNA</b>	80
3.1. Higiene e Eugenia no Brasil	80
3.2. Higiene e Eugenia em Belisário Penna: “Sanear é Eugenizar”	89
3.3. Educação higiênica, eugenia e a criação da consciência sanitária	100
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	111
<b>FONTES</b>	116
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	117

## INTRODUÇÃO

*Justificamos agora o doloroso conceito dum notavel jurisconsulto e iminente politico da monarquia que, consultado sobre a restauração da monarquia, ou a instituição da republica parlamentar e unitaria não melhoraria a situação do Brazil, respondeu que não acreditava que isso se desse porque, dizia ele, para que qualquer forma de governo fizesse caminhar o paiz, era preciso que tivessemos um povo, e o que tinhamos “não era um povo, mas um estrume de dum povo que ainda ha de vir”<sup>1</sup>.*

A citação, acima, foi retirada do relatório da expedição científica realizada por Arthur Neiva e Belisário Penna ao interior do Brasil, em 1912, quando viajaram para a região centro-oeste em direção ao norte do Brasil. Oferece uma perspectiva de um discurso comum entre os médicos e intelectuais do início do século XX, a ideia de que o Brasil era povoado por uma população atrasada e degenerada. Esse discurso, que vinha sendo construído desde o final do Império, ganha ainda mais consistência a partir do início da Primeira República. O novo sistema governamental foi um processo elitista, que excluía negros, miscigenados, indígenas e pobres, sem participação e direitos, dentro da máquina governamental. Por outro lado, havia um discurso de que era preciso ter um “povo brasileiro” para constituir uma grande nação e um Estado forte, capaz de penetrar na sociedade e no território do país, a partir de um projeto nacional de unificação, civilização e modernização<sup>2</sup>.

É, neste contexto, que ocorre o processo de modernização da cidade do Rio de Janeiro, então Capital da República, e a aliança entre alguns agentes do Estado e o discurso higienista para legitimar ações de cunho político, social e econômico. Após o processo de grandes transformações, na cidade do Rio de Janeiro, e mobilizados pelo desejo de ocupação do território brasileiro, o Estado passa a financiar expedições científicas ao interior do Brasil, seja por intermédio do exército, seja por instituições como o Museu Nacional e Instituto Oswaldo Cruz. Em prol da modernização e do desejo civilizatório, cientistas, médicos, naturalistas e viajantes adentraram ao interior do país, recolhendo dados sobre as riquezas naturais, a flora, a fauna, as condições climáticas, informações sobre as populações indígenas

---

<sup>1</sup> NEIVA, Arthur; PENNA, Belisário. - Viagem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiaz. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*; 1916, p. 198.

<sup>2</sup>CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

e sertanejas, suas condições sociais, seus hábitos e sua saúde. Nesse panorama, os cientistas revelaram, por meio de seus relatórios de viagem, a imagem de um país doente e abandonado, sendo a doença o aspecto de unificação da identidade nacional. Ao contrário das interpretações da literatura romântica e ufanista, a população do sertão não vivia num paraíso natural, mas, sim, em péssimas condições de saúde e higiene, abandonada a sua própria sorte<sup>3</sup>.

Após a publicação dos relatórios dessas viagens científicas, intensificou-se, no campo político, científico e intelectual, o debate sobre a saúde pública e as condições de vida da população brasileira. A partir da segunda metade da década de 1910, ocorreu o Movimento Sanitarista, que criticava o abandono da população pelo Estado e considerava a saúde, o saneamento, a higiene e a eugenia<sup>4</sup> como formas de intervenção médica e científica fundamentais para tirar o Brasil do atraso social, econômico e civilizatório, e colocá-lo nos trilhos do progresso e do chamado “concerto das nações”.

O médico-sanitarista Belisário Penna, um dos principais líderes do movimento sanitário, esteve amplamente envolvido com os debates científicos da época, tais como a eugenia, a higiene, saneamento e saúde pública. Ele também conquistou legitimidade na esfera pública, após a publicação do relatório de viagem científica que realizou em 1912, ao lado de Arthur Neiva, pelo interior do Brasil. Além disso, Penna ganhou projeção a partir de uma série de artigos publicados em jornais, nos quais denunciava os problemas do país, como a disseminação de doenças e enfermidades que assolavam a população brasileira. Penna pertencia ao quadro de médicos e cientistas ligados ao Instituto Oswaldo Cruz. Nesse estabelecimento, aliás, especializou-se em medicina experimental e foi orientado por Oswaldo Cruz, o que lhe deu legitimidade médica e política em suas campanhas em defesa das políticas de saúde pública no cenário nacional.

O objetivo desta dissertação é analisar os projetos de eugenia, higiene e saúde pública, desenvolvidos por Belisário Penna. Desta maneira, o trabalho investiga a obra, a atuação e a

---

<sup>3</sup>LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. “Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República”. In: Maio, Marcos Chor e Santos, Ricardo Ventura. *Raça Ciência e Sociedade*. RJ: Editora Fiocruz, 1996, p. 23-40.

<sup>4</sup> A eugenia foi inventada pelo cientista britânico Francis Galton em 1883, sendo denominada “a ciência da hereditariedade humana”. Suas concepções eugênicas sobre o melhoramento racial se associaram intimamente às discussões sobre evolução, seleção natural e social, progresso e degeneração. (SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A política biológica como projeto: a “eugenia negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)*. Dissertação (Mestrado em História) - Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, Rio de Janeiro, 2006, p. 10).

trajetória desse sanitarista, entre as décadas de 1910 e 1920, procurando compreender o diálogo com o período histórico, os debates médicos, científicos e intelectuais do período. Consideramos que o sanitarista obteve maior prestígio intelectual, após as suas viagens científicas, tendo mais participação na esfera pública como um dos propagandistas do saneamento e higienização do país. Sua principal obra foi publicada em 1918, *Saneamento do Brasil*, livro ligado à criação da Liga Pró-Saneamento do Brasil, fundada no mesmo ano, sendo Penna o articulador. Durante a gestão do presidente Wenceslau Brás (também membro da Liga Pró-Saneamento do Brasil), a militância saneadora de Penna o levou aos quadros administrativos do Estado, tornando-se um homem público de destaque nacional no campo da saúde pública.

Assim, é neste contexto que a presente pesquisa de mestrado se insere. O trabalho investiga como Belisário Penna aborda higiene e eugenia em suas discussões sobre reforma social e as políticas de saúde pública, no Brasil de 1910 a 1920. Entendemos que Penna foi um produto do “espírito moderno”, que interpretou o Brasil como um país doente e formulou um projeto de nação, a partir de uma forte convicção de que a ciência resolveria os problemas nacionais e conduziria o país ao tão almejado progresso civilizacional, conforme crença bastante difundida entre os intelectuais do período. Segundo o sociólogo Zygmunt Bauman, os casos mais extremos de “engenharia social” baseada na ciência e na técnica, como a eugenia, por exemplo, foram produtos legítimos do espírito moderno, com a ânsia de acelerar o processo de perfectibilidade da espécie humana, e que os problemas sociais iriam ser finalmente resolvido<sup>5</sup>. É com esse espírito, e fazendo parte deste mundo moderno, que Penna investiu seus projetos intelectuais e políticos de transformação nacional.

Neste contexto, os médicos e intelectuais brasileiros absorveram as teorias científicas europeias e norte-americanas com bastante entusiasmo, pois acreditavam que as teorias médicas e eugênicas poderiam colocar o Brasil no rumo da modernidade e da civilização. De acordo com Nancy Stepan, a eugenia no Brasil teve início na década de 1910, de modo “preventiva” e “positiva”, preocupando-se muito mais com as questões sociais do que biológicas, uma vez que a vertente eugênica brasileira aderiu a um evolucionismo neolamarckista, menos radical do que a eugenia mendeliana, que considerava os fatores hereditários imitáveis e independentes do meio. No Brasil, a eugenia se desenvolveu a partir das concepções evolutivas, oriundas das teorias neolamarckistas, que apostavam no

---

<sup>5</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*: tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p. 38.

melhoramento racial, a partir das condições do meio, como saúde, educação, higiene, saneamento, que levariam ao progresso da nação através do melhoramento social<sup>6</sup>. Como um sanitarista preocupado com as questões do meio, Belisário Penna, conforme veremos, foi um fiel adepto da eugenia neolamackista.

O *corpus* documental desta pesquisa é formado por um conjunto de fontes que inclui relatos de viagens, artigos de jornais e livros publicados por Penna entre 1910 e 1920. Entre seus livros, podemos citar, como fonte importante para essa pesquisa, a obra *O Saneamento do Brasil*, publicado na revista *Tribunaes Carmo*, no Rio de Janeiro, em 1918. Outra fonte fundamental é o relatório da viagem científica realizada por Arthur Neiva e Belisário Penna, em 1912, que relata a expedição empreendida pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e norte de Goiás. Analisamos alguns documentos do fundo pessoal de Belisário Penna<sup>7</sup> que contêm artigos e conferências realizadas pelo sanitarista nos primeiros decênios do século XX. Também dialogamos com as obras de Monteiro Lobato, como *Urupês e Problema Vital*, e outros intelectuais do período, para compreender a influência do movimento sanitarista dentro do campo intelectual de início do século XX.

A metodologia, para trabalhar com as fontes da história dos intelectuais, tem a proposta de se utilizar das ferramentas de análise do historiador Quentin Skinner. Ele se contrapõe aos estudos que tratam dos textos clássicos como se fossem veículos de sabedoria eterna e atemporais. As ideias de Skinner estão baseadas na tradição da filosofia da linguagem, a partir da qual desenvolve a compreensão de que a história das ideias busca compreender o significado dos textos a partir dos contextos linguísticos, do uso dos conceitos, das ideias e dos enunciados dos intelectuais em um determinado período histórico. Desta maneira, vamos abordar os textos em relação ao contexto linguístico originais da sua produção, em que o autor da obra está inserido. Assim, analisamos o ato da escrita e da atuação intelectual, em que as ideias, as obras e os projetos intelectuais só ganham sentido quando considerados como forma de ação social e participação no mundo da política. Neste sentido, conforme explica Skinner, para compreender a obra de um determinado autor, significa antes de tudo compreender o próprio contexto de produção e circulação das ideias em uma dada sociedade. Consideramos, portanto, que a linguagem científica e intelectual é

---

<sup>6</sup> STEPAN, Nancy. A Eugenia no Brasil – 1917 a 1940. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (orgs). *Cuidar, Controlar, Curar: Ensaio históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio: Editora Fiocruz, 2004 [1985], p. 331-391.

<sup>7</sup> Os documentos do fundo Pessoal de Belisário Penna foram disponibilizados gentilmente pelo historiador Leonardo Dallacqua de Carvalho.

definida pelo momento histórico, pertencendo a um repertório de ideias que está em diálogo com uma dada sociedade e em um determinado tempo histórico.

Nesta pesquisa, utilizamos, também, o conceito de biopoder, de Michel Foucault. De acordo com esse autor, o biopoder surge, a partir do século XVII, como um poder capaz de gerenciar a vida e controlar o desenvolvimento das populações por meio de práticas modernas de poder/saber<sup>8</sup>. Diferente do poder soberano, que carregava consigo um poder de confisco, o exercício do poder da modernidade, também denominado por Foucault de biopolítica, caracteriza-se pela incitação, reforço, controle e vigilância gerido sobre a vida das pessoas, tornando-as mais saudáveis, disciplinadas, dóceis e produtivas<sup>9</sup>.

O poder sobre a vida, na modernidade, desenvolveu-se de duas formas, a primeira, a partir do século XVII, centrando-se no corpo como máquina, um poder que caracterizava pela disciplina, denominado de biopoder; “anátomo-política do corpo humano”<sup>10</sup>. Nessa fase, ocorreu o adestramento no corpo, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos. O segundo, formou-se, na metade do século XVIII, centrou-se no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos. Essa biopolítica da população volta-se à regulação das massas, utilizando-se de saberes e práticas que permitam gerir taxas de natalidade, fluxos de migração, controle de epidemias, aumento da longevidade da vida e da saúde pública, tais processos são séries de intervenção e controles reguladores<sup>11</sup>.

A transformação do poder do Estado sobre a vida dos seres humanos ocorreu, paralelamente, no início da modernização ocidental e no surgimento da racionalização do Estado liberal, que passa a controlar, disciplinar, adestrar o corpo do ser humano com um processo de individualização e de totalização. Nesta lógica, o Estado começa a promover a vida, contar os indivíduos pertencentes a uma espécie, uma raça, um Estado, que têm uma população a ser defendida, assegurada, que por meio do direito de viver, promovem guerras com o objetivo de exterminar outros Estados, populações e “espécies” que colocam a sua existência em perigo. Assim como ocorreu no imperialismo, no século XIX, em que “raças”

---

<sup>8</sup>FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, p. 128.

<sup>9</sup>FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I*. Ibidem; FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

<sup>10</sup>FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I*. op. cit., p. 131.

<sup>11</sup>FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I*. Ibidem, p. 131-132.

foram exterminadas em nome da civilização e da modernização europeia, que se utilizaram do saber-poder para legitimar suas ações.

Conforme veremos, a intelectualidade brasileira considerou o fim da escravidão e a Proclamação da República Brasileira Federativa, dinamismos essenciais para as mudanças sociais, econômicas e políticas ocorridas no país. Sendo assim, o fim do regime escravista e o processo de urbanização das cidades geraram vários problemas na sociedade brasileira, a serem solucionados, como a necessidade da mão de obra, a aglomeração de pessoas, a intensificação de epidemias, a falta de saneamento, de higiene e de saúde pública. À vista disso, consideramos o processo histórico, ocorrido, no Brasil, em fins do século XIX, como fundamental para a compreensão dos debates científicos e intelectuais dos primeiros decênios da república. Pois, esse cenário contribuiu, de forma direta, para a visão de um país considerado atrasado e incivilizado aos olhos das nações ditas civilizadas. Nessa conjuntura, sob a perspectiva da intelectualidade brasileira, a Proclamação da República foi vista, de início, como uma ação positiva para solucionar tais problemas. Portanto, a biopolitização ao estilo moderno, no Brasil, se intensificou no mesmo período em que aconteceu a mudança de regime monárquico para o republicano, bem como pela necessidade da regulação das massas em um período de urbanização. Assim, os agentes administrativos, médicos e intelectuais, utilizaram-se de saberes e práticas que permitiam gerir taxas de natalidade, fluxos de migração, controle de epidemias e de saúde pública.

A biopolítica é utilizada, nesta dissertação, para pensar o processo de modernização do Brasil, pois, neste procedimento ocorreu uma maior articulação do Estado para interferir na vida da população. Assim sendo, os debates de saúde pública e de controle de epidemias estiverem presentes, uma vez que a ideologia higienista foi usada para legitimar ações estatais e, no processo de modernização dos centros urbanos, imposição de um novo ordenamento social e reforma nacional. Em um segundo momento, a biopolítica esteve presente, nas primeiras décadas do século XX, nos empreendimentos levados a cabo pelo Estado, como as viagens científicas e a exploração do interior do Brasil, o movimento sanitarista da década de 1910 e a institucionalização da saúde pública no Brasil, processo que levou o gerenciamento da vida da população brasileira de forma integral na área da saúde. A interdependência social, causada pela presença de um grande número de doenças, ocasionou

a necessidade da atuação estatal, no âmbito federal, dentro do território brasileiro<sup>12</sup>. A necessidade de disciplinar e adestrar o corpo humano, gerou, também, no meio intelectual e científico, a importância de se discutir a educação como dispositivo disciplinar do Estado.

Para melhor compreensão deste contexto, é importante considerar a prática, tipicamente moderna, da conjunção entre o poder político e a ciência, conforme explica Zygmunt Bauman, a partir da “prática do Estado jardineiro”:

O Estado moderno era um Estado jardineiro. Sua postura era a do jardineiro. Ele deslegitimou a condição presente (selvagem, inculta) da população e desmantelou os mecanismos existentes de reprodução e auto-equilíbrio. Colocou em seu lugar mecanismos construídos com a finalidade de apontar a mudança na direção do projeto racional. O projeto, supostamente ditado pela suprema e inquestionável autoridade da Razão, fornecia os critérios para avaliar a realidade do dia presente. Esses critérios dividiam a população em plantas úteis a serem estimuladas e cuidadosamente cultivadas e ervas daninhas a serem removidas ou arrancadas. Satisfaziam as necessidades das plantas úteis (segundo o projeto do jardineiro) e não proviam as daquelas consideradas ervas daninhas. Consideravam as duas categorias como objetos de ação e negavam a ambas os direitos de agentes com autodeterminação<sup>13</sup>.

A metáfora, utilizada por Bauman, refere-se ao Estado como jardineiro, que tem o propósito de cultivar a sua população que contém “espécies” diferentes umas das outras, sendo algumas consideradas “estragadas” e passíveis de contágio às “espécies consideradas boas”. O papel do Estado jardineiro é intervir, em tal processo, de forma a exterminar as “ervas daninhas”, garantindo a existência das “ervas boas” da sociedade com a utilização das tecnologias científicas e administrativas, como ferramentas de jardinagem e legitimadoras ideológicas do Estado moderno.

É este modelo de Estado que discutimos, durante os debates do período da Primeira República no Brasil. No que se refere à interferência do Estado sobre os habitantes, destacamos a modernização da cidade do Rio de Janeiro. Em seguida, o requerimento dos médicos e intelectuais na interferência do governo no interior do país, o que levaria, na década de 1920, à criação de instituições públicas, no âmbito da educação e saúde, intensificando-se na década de 1930. Portanto, consideramos o período da Primeira República um processo de transformação do poder do Estado na vida das pessoas.

---

<sup>12</sup>HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento: as bases das políticas de saúde pública no Brasil*. 3°. ed. São Paulo: Hucitec, 2012, p. 49.

<sup>13</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. op. cit., p. 29.



Nas últimas décadas, dentro do campo historiográfico brasileiro, o tema saúde e saneamento, no início do século XX, tem ganhado bastante destaque. Entre as pesquisas destacamos *A Era do Saneamento (2012)*, da autoria de Gilberto Hochman, que estuda a formação de políticas públicas de saneamento rural, no Brasil, nas duas últimas décadas da Primeira República. A obra relata que as políticas de saúde e de saneamento tiveram um papel importante no incremento substancial da entrada do Estado na sociedade e no território do país<sup>14</sup>. O trabalho de Hochman contribui, nesta pesquisa, para o debate da importância do movimento sanitário na construção do poder público do território nacional, pois foi um dos movimentos que militou para a interferência do Estado em prol da saúde pública de forma integral à população brasileira. Neste sentido, os agentes históricos envolvidos no movimento formaram uma consciência da interdependência social centralizado na doença como principal problema do país a ser resolvido, visando, assim, a formação da identidade brasileira.

A historiadora Simone Petraglia Kropf realizou, em sua obra *Doença de Chagas, Doença do Brasil (2009)*, um estudo que trata da história dos conhecimentos e das ações que definiram e tornaram reconhecida a doença de Chagas, como objeto médico-científico e problema de saúde pública no Brasil, em um processo que envolveu ciência, saúde e concepção sobre nação. O objetivo de Kropf foi refletir a dimensão histórica e social do processo de pesquisas e ações sobre a doença de Chagas, fato científico que foi sendo produzido e validado em estreita relação com vários grupos e esferas da vida social brasileira<sup>15</sup>. Além de ser uma referência para a História das Ciências, a pesquisa de Kropf contribui para o entendimento acerca da discussão da doença, descoberta por Carlos Chagas, durante a viagem científica em que Belisário Penna foi seu assistente, e teve participação na descoberta do protozoário, até então, desconhecido, nomeado *Trypanosoma cruzi*, o causador da doença de Chagas.

A tese defendida, no ano de 2019, pelo historiador Leonardo Dallacqua de Carvalho, intitulada *O Saneador do Brasil: Saúde Pública, Política e Integralismo na Trajetória de Belisário Penna(1868-1939)*, analisa a trajetória do médico Belisário Penna, principalmente sua atuação como homem público. Carvalho procurou investigar como Penna esteve envolvido com a arena política e encontrou, nela, um caminho para a promoção dos projetos de centralização da saúde pública e das concepções sanitárias. A tese é fundamental para

---

<sup>14</sup>HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. op. cit.

<sup>15</sup> KROPF, Simone Petraglia. *Doença de Chagas, doença do Brasil: ciência, saúde e nação, 1909-1962*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009.

este trabalho, não apenas por trazer informações importantes sobre a atuação de Belisário Penna, no campo da saúde pública, mas por permitir perceber a trajetória multifacetada de Penna, quanto médico, intelectual e homem público.

A historiadora Dominichi Miranda de Sá, em sua obra *O Brasil “modelado” na obra de Belisário Penna (1916-1935)*, aborda o modelo de nação de Penna e suas concepções de sociedade. O objetivo da pesquisa consistiu em analisar como a ideia de nação surge e é desenvolvida na obra do médico, compreendendo, especialmente, a trajetória de Penna pela campanha de saneamento rural. Essa pesquisa é de grande contribuição para entendermos nosso objeto de pesquisa, pois colabora no entendimento da trajetória intelectual de Penna, bem como nos movimentos nacionalistas, além de entender as posições políticas tomadas pelo médico-sanitarista, no rumo da nação, e de definir a identidade brasileira.

De acordo com a historiografia acima, as pesquisas realizadas, na área da História das Ciências e História dos Intelectuais, têm dado centralidade para o médico-sanitarista Belisário Penna. Além de sua atuação nas discussões quanto à saúde pública no Brasil, o intelectual esteve envolvido em debates sobre raça, identidade nacional, educação, eugenia e a construção do Estado, temas essenciais para pensarmos o processo de construção da nossa sociedade. É neste sentido que atribuímos, neste estudo, a importância em analisar a atuação de Belisário Penna, pois compreendemos que sua trajetória esteve envolvida no debate referente à formulação de projetos nacionais em que fez parte toda uma geração de intelectuais com a qual o sanitaria mantinha estreita relação e identidade profissional. Estudar esse agente histórico representa discutir sobre sociedade, política, economia, ciência, intelectualidade, temas capitais para a reflexão da sociedade brasileira nas primeiras década do século XX.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo tem como objetivo compreender o processo de modernização da cidade do Rio de Janeiro e da aliança entre a ação do Estado e a ideologia de higiene. Também apresentamos as viagens científicas do Instituto Oswaldo Cruz como projeto de modernização e de integração do país. Por fim, discutimos o movimento sanitaria e a sua influência no campo intelectual brasileiro no início do século XX.

O segundo capítulo trata da trajetória médica e intelectual do médico Belisário Penna. Veremos sua vida pessoal, formação profissional e sua entrada no quadro de médicos

pertencentes ao Instituto Oswaldo Cruz. No segundo momento, analisamos o relatório da viagem científica empreendida, em 1912, por Belisário Penna, em companhia do também médico Arthur Neiva. Ainda, nesse capítulo, investigamos a atuação de Penna no Movimento Sanitarista, trajeto que o levou a cargos públicos durante a década de 1920 e 1930.

No terceiro e último capítulo, apresentamos a discussão sobre higiene e eugenia no Brasil, procurando compreender como Belisário Penna associa a higiene às ideias eugênicas em suas discussões a respeito da reforma social e das políticas de saúde pública, no Brasil, entre as décadas de 1910 e 1920. Por fim, analisamos, dentro do projeto sanitário nacional de Penna, o papel da educação higiênica para a formação daquilo que o médico-sanitarista chamou de “consciência sanitária nacional”.

Por último, não podemos deixar de destacar que, parte desta pesquisa, foi realizada durante o surgimento de uma doença denominada *Coronavírus* (Covid-19), que tem gerado uma das maiores pandemias da história, um problema de saúde pública com abrangência global e consequências ainda incalculáveis. A pandemia já matou e contaminou milhares de pessoas, acarretando, também, um colapso no sistema de saúde pública, em vários lugares do mundo, sendo o Brasil um dos países mais atingidos pelo vírus, em grande medida pela falta de ação governamental. Além disso, a doença causou mudanças sociais e econômicas, sem precedentes, na história contemporânea, pois, a principal arma contra o vírus, até o momento, é a quarentena, o distanciamento social e os cuidados higiênicos. É de suma importância destacar que a falta de saneamento básico, em algumas regiões do Brasil, tem causado grande preocupação pela disseminação da *Covid-19*, devido às condições socioeconômicas ocasionada pelo processo histórico e pela falta de assistência do Estado. Cabe destacar a importância dos profissionais de saúde que estão na linha de frente no combate ao *Coronavírus*, e dos cientistas e instituições públicas do mundo todo que estão trabalhando para criar remédios e vacinas contra esse vírus. O momento histórico, em que vivemos, aumenta ainda mais a importância de se refletir a saúde pública, o papel do Estado e a intervenção dos poderes públicos na sociedade, temas que consideramos essenciais nos debates promovidos ao longo desta pesquisa.

## CAPÍTULO I

### O MOVIMENTO SANITARISTA BRASILEIRO: SAÚDE, HIGIENE E NAÇÃO (1910-1920)

#### 1.1. República, higiene e modernidade

O modelo de Estado moderno emergiu, no Brasil, especialmente, no final do século XIX, quando ocorre o processo de mudança do regime Monárquico para o regime Republicano. Nesse período, os agentes envolvidos com as políticas estatais utilizaram-se do poder-saber, para intervir na vida das pessoas, em nome da modernização do país. De início, a biopolítica foi empregada no processo de organização dos espaços urbanos, como na cidade do Rio de Janeiro, durante o momento de modernização e higienização da cidade, em uma época de grandes transformações econômicas, culturais, sociais e políticas<sup>16</sup>. Foi, Neste contexto, o Estado brasileiro começou a intervir mais diretamente na vida da população, sendo o responsável pelos problemas do país, pela lógica do liberalismo e pelo desenvolvimento do capitalismo.

Uma das grandes transformações e problemas, a serem resolvidos pelo Governo Republicano, foi em termos de decomposição étnica e de estrutura ocupacional. José Murilo de Carvalho nos mostra que a população de 1872 dobrou até 1890, passando de 266 mil a 522 mil, sendo que, na última década do século XIX, a cidade ganhou mais 200 mil habitantes, entre eles imigrantes europeus e de pessoas que migraram de outros lugares do Brasil, cerca de 45% da população nascidas na capital. Outro componente, para a mudança da cidade, foi a abolição da escravidão, que lançou o restante da mão de obra escrava no mercado de trabalho livre, causando contingente de subempregados, e, ainda, provocou um êxodo para a cidade, advindos da região cafeeira do estado do Rio de Janeiro e um aumento na imigração estrangeira, especialmente de portugueses<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados*. Ibidem, p. 15-41. O autor discute as mudanças no Rio de Janeiro ocorridas no início do regime republicano no Brasil. Foram utilizadas os dados populacionais da cidade do Rio na década de 1890 e as modificações habitacionais, informados por Carvalho.

<sup>17</sup> CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados*. Ibidem, p. 16-17.

Segundo Carvalho, o crescimento populacional acelerado causou um impacto nas condições de vida da população do Rio. Agravaram-se muito os problemas de habitação, tanto em termos de quantidade como de qualidade. Na época, ocorreu o maior surto de epidemias de varíola e febre amarela da história da cidade, que vieram juntar-se às tradicionais doenças matadoras, a malária e a tuberculose. Piorados pelos velhos problemas de abastecimento de água, saneamento, higiene e a falta de casas, especialmente para os pobres, como salientada, em 1892, pela Sociedade União dos Proprietários e Arrendatários de Prédios<sup>18</sup>. De acordo com Carvalho, a Sociedade solicitava à Inspeção de Higiene que fosse mais cautelosa ao mandar fechar habitações, pelas consequências que as medidas poderiam acarretar<sup>19</sup>.

É nesse processo de aglomeração populacional da capital do Brasil que aconteceram os debates estatais de saneamento, higienização e modernização do país, como formas de solucionar os problemas sociais que surgiram, após os eventos da mudança do regime monárquico para o republicano, bem como o fim da escravidão. O Governo republicano, como modelo de Estado moderno, passou a gerenciar a vida da população, utilizando a ciência e a técnica como discurso legitimador das ações estatais em nome da modernização do país.

O evento da demolição do cortiço “Cabeça de Porco”, no dia 26 de janeiro de 1893, como mostra Sidney Chalhoub<sup>20</sup>, marcou o início do fim de uma era, pois dramatizou o processo em andamento de eliminação dos cortiços do Rio de Janeiro. Nos dias seguintes da demolição, o prefeito da Capital Federal, Barata Ribeiro, foi aclamado pela imprensa da cidade, ao varrer do mapa aquela sujeira, uma vez que havia o entendimento, especialmente das elites e das classes médias mais abastadas, que ele havia prestado à cidade “serviços inolvidáveis”<sup>21</sup>. De acordo com Chalhoub, nessa ocorrência, podemos ver a articulação dos poderes administrativos estatais com os discursos ideológicos higienistas, bem como a utilização da ideia de “classe pobre” e “classe perigosa”<sup>22</sup> pelos higienistas brasileiros, duas

<sup>18</sup> CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados*. Ibidem, p. 16-17.

<sup>19</sup> CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados*. Ibidem, p. 18-19.

<sup>20</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial*. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 20.

<sup>21</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril*. Ibidem, p. 20.

<sup>22</sup> Sidney Chalhoub discute a expressão “classes perigosas” citando Mary Carpenter, que referia-se apenas aos indivíduos que já haviam abertamente escolhido uma estratégia de sobrevivência que os colocava à margem da lei. Por outro lado, bastante distante da definição de Carpenter, e bastante utilizada por políticos e intelectuais brasileiros, a expressão referida por M. A. Frégier, um alto funcionário da polícia de Paris, teve como objetivo produzir uma descrição detalhada dos “malfeitores” que agiam nas ruas de Paris. Descreveu que os malfeitores pertencem às classes pobres e viciosas que denotam a mesma designação que as classes perigosas causando um perigo social (CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril*. Ibidem, p. 23-24).

expressões que denotam e descrevem basicamente a mesma realidade social dos cortiços. As classes pobres e perigosas foram consideradas como problemáticas para a elite carioca, e também para o sistema administrativo.

As classes perigosas, expressão utilizada, desde a primeira metade do século XIX, designava ladrões, prostitutas, malandros, desertores, ciganos, ambulantes, recebedores de bonde, carroceiros, floristas, jogadores, engraxates e trapeiros. Mas, sobretudo, a expressão foi utilizada, nas primeiras décadas da Primeira República, pelo incômodo que causava a presença da população negra e mestiça nos centros urbanos, vista como espécie perigosa que ameaçava a ordem social, a segurança e a tranquilidade das elites cariocas. Outro elemento, importante para se destacar, é a imagem da capital federal que as autoridades públicas queriam passar para o mundo exterior, uma vez que o Brasil era considerado pelos países europeus como um país composto por uma população miscigenada, racialmente degenerada e com característica, esteticamente, “feia”<sup>23</sup>.

A partir do fim da escravidão, foi preciso aos senhores encontrarem outros meios para que os negros libertos continuassem a produzir acúmulos de riquezas para seus patrões. Desta maneira, para pensar a nova relação de trabalho, na era republicana, em novos termos, segundo Chalhoub, a teoria da suspeição generalizada<sup>24</sup>, essência da expressão classe perigosa, passou a fundamentar uma estratégia de repressão fora dos limites de produção. Já que não era possível mais acorrentar o produtor em seu local de trabalho, restava a possibilidade de fazê-lo não estar devidamente regulamentado naquele local. Isso explica porque do gerenciamento da ordem social ser administrada pela esfera pública. Desse modo, as instituições de controle passaram a gerenciar as relações de trabalho e a vida dos indivíduos através de mecanismos como a polícia, a carteira de trabalho, a carteira de identidade, de modo que a regulamentação e a disciplinarização passaram a ser estratégias nas relações de produção.

A derrubada do cortiço Cabeça de Porco, de acordo com Chalhoub, mostra a interferência do Estado republicano, na cidade do Rio de Janeiro, e em sua população, com a legitimação que tais habitações ofereciam perigo para a sociedade, uma vez que estariam ali as classes perigosas, formada majoritariamente por negros/as. Elas não passaram a ser vistas como perigosas, apenas porque poderiam oferecer problemas para a organização do

---

<sup>23</sup>Sobre essa discussão ver: SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalismo no pensamento brasileiro*; tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro, paz e Terra, 1976; SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

<sup>24</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril*. op. cit., p.27-28.

trabalho e a manutenção da ordem pública, uma vez que os pobres contribuía também perigo de contágio de doenças, imoralidade social e degeneração racial<sup>25</sup>. A estratégia de combate ao problema era apresentado em duas etapas: primeiro, caberia reprimir os supostos hábitos de não trabalho dos adultos; a longo prazo, era necessário cuidar da educação dos menores, aí entra em jogo, a escola como controle disciplinar do Estado<sup>26</sup>.

Vale lembrar que a discussão, acerca do problema de contágio, começou a partir de segunda metade do século XIX e se intensificou nos primeiros anos da República. As contaminações foram associadas, pelos médicos higienistas, devido às más condições habitacionais da população, sendo os cortiços as principais habitações sem condições higiênicas e de saneamento. Além da propagação de doenças, os médicos higienistas defendiam a ideia, segundo a qual, os problemas dos vícios e da falta de moralidade eram transmitidos de geração em geração de forma hereditária<sup>27</sup>.

Neste período, intensificou-se o discurso médico em prol da higienização e saneamento da cidade do Rio de Janeiro, sendo discutidos projetos estatais que passariam a ser colocados em prática em nome da modernização da cidade. Em seguida, na segunda década do século XX, o discurso higienista e de saneamento serviriam como legitimador para políticas e práticas de intervenção as quais prometiam acabar com as epidemias que assolavam a população brasileira. Para os médicos e higienistas da época, o combate às doenças e os projetos de higiene deveriam ser prioridades do Governo, uma vez que essa conjunção de fatores tornava os brasileiros fracos, preguiçosos, apáticos e doentes<sup>28</sup>. Como veremos, essas ideias ganharam força entre as elites e a burocracia do Estado, o que estimulou o investimento em viagens científicas pelo interior do Brasil, como as viagens realizadas pelo Instituto Oswaldo Cruz, nas primeiras décadas do século XX, com o objetivo de combater doenças e realizar obras de saneamento.

O que queremos dizer é que os higienistas brasileiros da segunda metade do século XIX foram pouco a pouco conquistando destaque, no campo político e intelectual brasileiro, justamente porque as doenças e a falta de higiene se transformaram nos grandes problemas nacionais. Em suas teses e pesquisas científicas, os intelectuais defenderam um ideário, advindo de teorias europeias que traziam a ideia de “progresso”, “ordem”, “civilização”, “modernização”, antagônicos ao ideário de “atraso”, “desordem”, “primitivo”, “colonial”.

---

<sup>25</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril*. Ibidem, p. 33-34.

<sup>26</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril*. Ibidem, p. 33-34.

<sup>27</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril*. Ibidem.

<sup>28</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril*. Ibidem; HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. op. cit.

Nesse ponto de vista, um dos requisitos para alcançar a prosperidade, a grandeza, a modernização dos “países cultos” seria a solução dos problemas de higiene pública<sup>29</sup>. Acreditava-se, segundo Chalhoub, “que haveria uma forma ‘científica’, isto é, ‘neutra’, supostamente acima dos interesses particulares e dos conflitos sociais, geral, gestão dos problemas da cidade e das diferenças sociais nela existentes”<sup>30</sup>.

Seguindo tal raciocínio, era uma maneira de mascarar os objetivos das elites e dos administradores do país. Muitos deles eram higienistas que estavam no gerenciamento da cidade, como é o caso do prefeito Barata Ribeiro. Conforme Chalhoub, os higienistas traziam em seus projetos um discurso ambientalista, mas com finalidades racalista. Desta forma, os cortiços foram considerados como grandes focos de doenças, principalmente, da febre amarela. Nesta lógica, o autor explica em *Cidade Febril* a febre amarela<sup>31</sup>, argumentando que, na segunda metade do século XIX, emergiram políticas de saúde pública com princípios racialistas. Segundo Chalhoub, o combate à febre amarela foi uma preocupação mais efetiva, pois atingia mais os brancos, enquanto a tuberculose, que afetava mais os negros, não teve a mesma atenção da saúde pública. Assim, com o fim da escravidão e a necessidade de atração da imigração europeia para a mão de obra, a febre amarela passou a ser uma questão de saúde pública da maior emergência, visto que o projeto de atração de imigrantes brancos<sup>32</sup> era considerado fundamental para o desenvolvimento do Brasil. Diante desse motivo, os higienistas, subsumidos à lógica das elites econômicas e ao interesse do Estado, teriam privilegiado o combate à “doença de branco”, e teriam deixado de lado a tuberculose, supostamente, “doença de negro”<sup>33</sup>. Portanto, os discursos dos higienistas, mesmo advindo da chancela dos adeptos das teorias ambientalistas, tinham, no horizonte, motivações racialistas e um claro projeto de branqueamento da população.

Por outro lado, Marcos Chor Maio argumenta que, entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do XX, após a entrada em cena dos princípios da bacteriologia e da microbiologia, prevaleceu, no discurso higienista, o ideário ambientalista, em parte, inspirados na matriz neo-hipocrática, principalmente, no que se refere à recusa das explicações raciais. Deste modo, os higienistas também traziam em suas ideias questões

<sup>29</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril*. Ibidem, p.40.

<sup>30</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril*. Ibidem, p. 41.

<sup>31</sup> CHALHOUB, Sidney. *Febre Amarela*. op. cit., p. 69-112.

<sup>32</sup> Uma das questões para legitimar a derrubada dos cortiços no Rio de Janeiro, de acordo com Chalhoub, foi que, os cortiços eram os principais polos da febre amarela, apesar da doença ser menos prejudicial aos negros, eles poderiam ser os transmissores da doença para os brancos e aos imigrantes que chegariam ao Brasil (CHALHOUB, Sidney. *Febre Amarela*. Ibidem, p. 104).

<sup>33</sup> CHALHOUB, Sidney. *Febre Amarela*. Ibidem.



sociais, por exemplo, a visão do regime escravocrata sendo um cancro, que impedia a missão civilizatória que os higienistas se imputavam. Assim, tanto a visão racial como a social poderiam ser lidas como condições econômicas, culturais e sanitárias da sociedade brasileira<sup>34</sup>. Maio defende que os higienistas-ambientalistas não necessariamente portavam um pensamento médico com uma terminologia racial, alguns tinham um pensamento a-racialista, que persistiu nas décadas seguintes<sup>35</sup>. O historiador ainda defende o impacto da febre amarela na época, como evidência dos receios da sociedade em face das epidemias, a imprevisibilidade de uma doença em larga escala e de maneira súbita. Além do mais, a descoberta do seu caráter transmissível trazia a preocupação como um mal público, já que estava em diferentes segmentos sociais<sup>36</sup>. Desta forma, diante do fenômeno da interdependência social, as elites políticas teriam tomado consciência, na última década do século XIX, de que os problemas de saúde não poderiam ser apenas tratados individualmente, visto que o empecilho havia atingido uma dimensão coletiva<sup>37</sup>. Portanto, a mobilização do Estado não estava apenas baseado no diagnóstico da doença, enquanto uma causa da economia nacional, mas também a preocupação em se constituir autoridades sanitárias em frente de numerosas e graves epidemias que grassavam em solo brasileiro. Assim como havia a necessidade de emitir uma imagem positiva do país e de sua inserção nos chamados conserto das nações<sup>38</sup>.

Tanto Chalhoub como Maio ajudam a entender a necessidade dos profissionais da saúde para combater as epidemias que assolavam a população brasileira, seja por fins racialistas ou ambientais. O que pressupõe que havia uma diversificação dos profissionais da saúde, bem como a existência da dicotomia racialista e a-racialista, que permaneceria durante as primeiras décadas do século XX. No que tange ao Estado, a reflexão parte do princípio da necessidade da intervenção do Governo em sua sociedade, da mesma maneira que havia a necessidade de constituir autoridades sanitárias em face das epidemias. No dinamismo da modernização do Rio de Janeiro, é perceptível a participação dos higienistas com os gestores da administração pública. Já nos anos que se seguiram, durante a Primeira República, veremos as autoridades sanitárias exigindo dos agentes públicos uma intervenção no interior do Brasil, que se encontrava abandonado pelo Estado.

---

<sup>34</sup>MAIO, Marcos Chor. Raça, Doença e Saúde Pública no Brasil: um debate sobre o pensamento higienista do século XIX. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça como questão: história, ciência e identidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010, p. 65.

<sup>35</sup>Marcos Chor. *Raça, Doença e Saúde Pública no Brasil*. Ibidem, p.66.

<sup>36</sup> Marcos Chor. *Raça, Doença e Saúde Pública no Brasil*. Ibidem, p. 68.

<sup>37</sup>Marcos Chor. *Raça, Doença e Saúde Pública no Brasil*. Ibidem.

<sup>38</sup>Marcos Chor. *Raça, Doença e Saúde Pública no Brasil*. Ibidem.

A modernização do Rio de Janeiro, ocorrida na década de 1890, e, nos primeiros decênios do século XX, significou grandes mudanças na vida da população da cidade, o que gerou um processo de segregação das classes pobres, que foram empurradas para as periferias da cidade. Foi, nesta conjuntura, que aconteceu a maior revolta popular, até então, da cidade do Rio de Janeiro, a “Revolta da Vacina”. Seus motivos são interpretados diferentemente pela historiografia, como ressalta Chalhoub<sup>39</sup>. Para Nicolau Sevcenko, a revolta não foi contra a vacina, mas contra a história, sendo uma expressão de resistência da população ao procedimento em curso de “capitalização, aburguesamento e cosmopolitização” da sociedade<sup>40</sup>. Em um tom de dramaticidade, Sevcenko escreve:

A revolta não visava o poder, não pretendia vencer, não podia ganhar nada. Era somente um grito, uma convulsão de dor, uma vertigem de horror e indignação. Até que ponto um homem consegue ser espezinhado, desprezado e assustado? Quanto sofrimento é preciso para que um homem se atreva a encarar a morte sem medo? E quando a ousadia chega neste ponto, ele é capaz de pressentir a presença do poder que o aflige nos seus menores sinais: na luz elétrica, nos jardins elegantes, nas estátuas, nas vitrines de cristal, nos bancos decorados dos parques, nos relógios públicos, nos bondes, nos carros, nas fachadas de mármore, nas delegacias, agências de correio e postos de vacinação... Tudo o que o constrange, o humilha, o subordina e lhe reduz a humanidade. Eis os seus alvos, eis a fonte de sua revolta, e o seu objetivo é sentir e expor, ainda por um gesto radical, ainda que por uma só e última vez, a sua própria dignidade<sup>41</sup>.

Já, para José Murilo de Carvalho, o inimigo da revolta não era a vacina, em si, mas, sim, o governo republicano, em particular as forças de repressão do governo. Para ele, haveria uma justificativa moral comum aos grupos envolvidos na revolta. Carvalho buscou explorar o aspecto da invasão domiciliar e da ofensa ao homem chefe de família ausente no momento em que suas filhas e mulheres eram obrigadas a se desnudarem perante a estranhos para aplicarem a vacinação<sup>42</sup>. Em uma sociedade formada em bases patriarcais, é muito plausível o motivo da revolta ser alicerçada por episódios que fere a masculinidade dos homens.

Nesta pesquisa, essas obras contribuem não apenas pelos motivos da revolta, ou pelo mapeamento da vacina, na história do Brasil, ao qual realizou Chalhoub, mas, sobretudo, ao contexto que vivenciou a cidade do Rio de Janeiro no processo de urbanização, modernização

<sup>39</sup> O autor destaca, além de Sevcenko e Carvalho, outras historiografias sobre o tema, tais como, Martha Esteves, Teresa Meade, Jeffrey Needell, José Meihy e Cláudio Bertolli (CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril*. op. cit., p. 112-118).

<sup>40</sup> Apud CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril*. op. cit., p. 113.

<sup>41</sup> SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Scipione, 1993, p. 67.

<sup>42</sup> CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados*. op. cit.; CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril*. op. cit., p. 15.

e embelezamento. A construção de uma nova metrópole, que estava em más condições higiênicas e de saneamento, ruas estreitas, becos e vielas que atrapalhavam no transporte e circulação de mercadorias e pessoas, constituindo-se como um problema estrutural. Tais problemas estavam presentes na proposta de Rodrigues Alves (1848-1919)<sup>43</sup>, que, em seu projeto de campanha para assumir a presidência da república em 1902, prometia investir, acima de tudo, na transformação urbana da Capital Federal<sup>44</sup>.

Ao assumir o governo, Rodrigues Alves manteve a política financeira de seu antecessor Campos Sales<sup>45</sup>, desenvolvendo um programa intensivo de obras públicas e atacando logo as obras de saneamento e de reforma urbana da cidade. De acordo com Carvalho e Sevcenko<sup>46</sup>, o presidente da República conseguiu poderes quase ditatoriais para o engenheiro Pereira Passos, nomeado prefeito da cidade, e, para o médico Oswaldo Cruz<sup>47</sup>, que foi nomeado diretor do Serviço de Saúde Pública. O prefeito Pereira Passos agia a partir de uma intervenção de plenos poderes, ampliou a vigilância higiênica dos espaços urbanos, da vida privada e dos ambientes domésticos<sup>48</sup>. Desta forma, a Diretoria de Higiene e Assistência Pública tinha autorização para fazer visitas e apreensões policiais, regular a construção de reformas e prédios, e exercer o controle da circulação de pessoas, animais e mercadorias<sup>49</sup>.

A modernização da cidade do Rio de Janeiro, segundo o historiador Jaime Benchimol, teve início, em 1904, junto às obras do porto, que foram contratadas pela firma britânica C. H. Warker, tendo percorrido o trecho de 600 metros que ia da região de Manguinhos até o trapiche de Gamboa, obra concluída em 1911<sup>50</sup>. Além da edificação de um cais de 3.500 metros de extensão, foram realizadas obras, na avenida do Cais, que continham 17 armazéns

---

<sup>43</sup> Rodrigues Alves (1848-1919) foi presidente da República entre 1902-1906. Alves teve um papel importante no processo de reforma urbana do Rio de Janeiro e um entusiasta das políticas de saneamento. Em 1918 foi eleito pela segunda vez para a presidência, mas acabou falecendo antes de mesmo de assumir o segundo mandato, vítima da gripe espanhola.

<sup>44</sup> Ver SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina*. op. cit., p.36-39.

<sup>45</sup> O governo de campos Sales tinha sido de recessão econômica, como produto de uma política de combate à inflação, que se caracterizou pela redução do meio circulante e redução dos gastos do governo e pelo aumento de impostos (CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*. op. cit., p. 92).

<sup>46</sup> José Murilo de Carvalho relata a forma de poder concedida a Pereira Passos e Oswaldo Cruz como quase ditatoriais (CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados*. op. cit., p. 93). Já Nicolau Sevcenko usa as expressões “ditadura de Passos” e “ditadura sanitária” (SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina*. op. cit., p. 48-52).

<sup>47</sup> Ver trajetória de Oswaldo Cruz na obra; BENCHIMOL, Jaime. “Reforma Urbana e Revolta da Vacina do Rio de Janeiro”. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, L.A.N. (Orgs.). *O Brasil Republicano; O tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República a Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 251-255.

<sup>48</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*. op. cit., p. 92; SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina*. op. cit., p. 36-39.

<sup>49</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*. op. cit., p. 92.

<sup>50</sup>BENCHIMOL, Jaime. *Reforma Urbana e Revolta da Vacina do Rio de Janeiro*. op. cit.

e outras construções mercantis e industriais, que ligavam a largo da prainha até a avenida Francisco Bicalho, aberta pelo governo federal. A construção da Avenida Central, em 1904, foi executada por cerca de 1800 operários, e tinha como finalidade transformar a velha metrópole colonial com uma metrópole modelada ao estilo de Paris. Milhares de pessoas foram desabrigadas e, cerca de 700 prédios foram demolidos. O eixo da Avenida Central foi inaugurado em 7 de setembro, com serviços de bondes e energia elétrica, sendo recebido com uma grande festa. Inúmeras outras ruas da cidade foram alargadas, rua do Acre, São Bento, Visconde de Inhaúma, Assembleia e a rua 7 de Setembro, transformando o centro da Capital Federal<sup>51</sup>.

Como diretor do Serviço de Saúde Pública, Oswaldo Cruz, em primeiro lugar, enfrentou a febre amarela e, posteriormente, voltou-se para combate à peste bubônica, epidemia que exigia a exterminação de pulgas e ratos, a limpeza e a desinfecção de ruas e casas. Em abril de 1903, os trabalhos sanitários começaram com a atuação de uma equipe, chamada de “guarda mosquitos”, e trabalhadores da limpeza pública, que visitavam casas desinfetando-as, limpando, removendo doentes, interditando prédios, exigindo reformas. Seus alvos preferidos eram onde se localizavam as pessoas pobres, as classes perigosas que moravam em cortiços, habitações coletivas, que obtinham maior densidade populacional<sup>52</sup>. Tal atividade resultou em uma mudança profunda na vida de milhares de pessoas, principalmente dono das casas desapropriadas para demolição, os proprietários de cortiços, obrigados a reformá-las ou a demoli-las. Além disso, as pessoas, sujeitadas a receber os agentes de saúde pública em suas habitações, muitas vezes, eram forçadas a sair das casas para a desinfecções, ou abandoná-las, caso fossem condenadas à demolição, entre outras leis e ações que interferiam na vida da população carioca.

A intencionalidade desta discussão foi perceber a transformação do poder do Estado e de suas instituições na vida de milhares de pessoas, em um processo de transição do regime político monárquico para o regime republicano, que visava a modernização do país e o desenvolvimento do capitalismo, pós-abolição do sistema escravista brasileiro. Nos primeiros anos da República, percebemos a mudança das relações de trabalho em níveis econômicos, bem como a utilização para manter a hierarquia social. Com a utilização do discurso das classes perigosas e a ideologia da higienização e modernização, as elites, política

---

<sup>51</sup> CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados*. Idem, p. 93; BENCHIMOL, Jaime. *O Brasil Republicano*. op. cit., p. 257-258.

<sup>52</sup> CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados*. op. cit., p. 94; BENCHIMOL, Jaime. *O Brasil Republicano*. op. cit., p. 270-278; SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina*. op. cit., p. 52.

e intelectual do Rio de Janeiro, segregaram os negros e os pobres, tirando-os de suas habitações. O início desse processo foi marcado pelas derrubadas dos cortiços, na última década do século XIX, tendo continuidade com a modernização da cidade no início do século XX. Desta maneira, a discussão contribuiu para a compreensão da continuidade da ideologia higienista e modernista, nas primeiras décadas do século XX, em que foram realizadas viagens, financiadas pelo Estado brasileiro, com grandes investimentos nas instituições científicas brasileiras, como veremos a seguir, com as expedições realizadas pelos cientistas do Instituto Oswaldo Cruz.

## 1.2. As viagens científicas do Instituto Oswaldo Cruz

Na virada do século XIX ao XX, visando à incorporação de espaços afastados do interior, o Estado brasileiro, além de promover construções e obras nos portos e estradas de ferro, organizou viagens científicas que constituíam projetos de modernização e exploração da potencialidade econômica do país, projeto que ganhou integração e conhecimento científico do território nacional, no período da Primeira República. Dentre essas iniciativas, destacamos a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, chefiada pelo astrônomo Louis Cruls<sup>53</sup>, entre junho de 1892 e março de 1893, cuja viagem visava a mudança da capital federal do Brasil, também destacamos a Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Rio de Janeiro a Mato Grosso e de Mato Grosso ao Amazonas, realizadas, respectivamente, entre 1891 e 1906 e entre 1907 e 1915; e, por fim, as expedições médico-científicas do Instituto Oswaldo Cruz<sup>54</sup>.

As expedições estabeleceram várias definições e um amplo debate sobre o interior do Brasil, também tratado como um distante e extenso sertão<sup>55</sup>. No que se refere ao objeto desta pesquisa, consideramos que Belisário Penna tinha uma visão dualista entre litoral/sertão,

<sup>53</sup> Louis Cruls (1848-1908) nasceu na província do Brabante, na Bélgica, onde cursou a escola de engenharia civil da Universidade de Gante e foi admitido como aspirante de engenharia militar, alcançando em um ano os postos de primeiro e segundo tenente. Venho para o Brasil em 1874. Em 1881 aceitou o cargo de diretor do Observatório Astronômico do Rio de Janeiro.

<sup>54</sup> SÁ, Dominichi Miranda de. Uma interpretação do Brasil como doença e rotina: a repercussão do relatório médico de Arthur Neiva e Belisário Penna (1917-1935). *História, Ciências, Saúde -Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 16, supl. 1, jul. 2009. p. 185-186; LIMA, Nísia Trindade. *Um Sertão Chamado Brasil*: Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAN, 1999.

<sup>55</sup> A historiadora Nísia Trindade Lima em seu livro *Um Sertão Chamado Brasil*, mostra várias definições de sertão, como o sertão dos naturalistas e dos românticos, o sertão das missões civilizatória da República, o sertão de Euclides da Cunha, de Rondon etc. (Nísia Trindade. *Um Sertão Chamado Brasil*. op. cit., p. 55-91).

aplicada pelo movimento sanitarista da Primeira República, definida pela ideia do sertão distante em relação ao poder público e aos projetos modernizadores<sup>56</sup>. Portanto, para o movimento sanitarista, o sertão, no Brasil, começava onde terminava a Avenida Central do Rio de Janeiro, conforme referia o médico Afrânio Peixoto, que via o território brasileiro como um imenso sertão<sup>57</sup>. Para ele, o sertão era sinônimo de atraso, com uma população doentia, degenerada e fraca, devido ao abandono da população sertaneja pelo Estado<sup>58</sup>. No mesmo sentido de Peixoto, Belisário Penna também proclamava que o “interior começa nos subúrbios da capital do paiz”, ressaltando a necessidade de o Estado incorporar o sertão e os sertanejos ao processo de desenvolvimento nacional<sup>59</sup>.

Neste período, uma das influências mais destacadas da geração de Belisário Penna foi a obra *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, um livro emblemático que colocou a intelectualidade brasileira em contato com o “Brasil real”, em oposição ao “Brasil legal”, conhecido nas regiões litorâneas. Sua obra pode ser lida como uma viagem com início no Rio de Janeiro em direção ao interior do Brasil, destacando o dualismo entre litoral/sertão, representado, geograficamente, na oposição entre os cafés da rua do Ouvidor, e o sertão de Canudos, em que foi caracterizado como um ambiente no qual predominava a supremacia da natureza sobre o homem<sup>60</sup>. De acordo com Nísia Trindade de Lima, “este sentido convive com a representação negativa do homem sertanejo – que com sua mentalidade religiosa mestiça e atávica resistia à mudança e ao fatalismo do qual não poderia escapar”<sup>61</sup>. Desta

<sup>56</sup>Nísia Trindade. *Um Sertão Chamado Brasil*. Idem, p. 60.

<sup>57</sup>Júlio Afrânio Peixoto nasceu em Lençóis, na Bahia, no dia 17 de dezembro de 1876. Concluiu a Faculdade de Medicina da Bahia em 1897. Em 1902 tornou-se catedrático de medicina pública na Faculdade Livre de Direito de Salvador. Mudou-se em 1903 para o Rio de Janeiro, então Distrito Federal, onde se tornou inspetor sanitário da Saúde Pública e, no ano seguinte, diretor do Hospital Nacional de Alienados. Sempre no Rio de Janeiro, em 1906 tornou-se professor substituto das cadeiras de higiene e medicina legal da Faculdade de Medicina. De 1907 a 1911, dirigiu o Serviço Médico Legal da Polícia. Em 1910 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras na vaga de Euclides da Cunha e passou a ocupar a cadeira nº 7. Mais tarde, em 1923, tornou-se presidente da instituição. Assumiu a direção da Escola Normal em 1915, ano em que também se tornou professor da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Foi ainda diretor da Instrução Pública do Distrito Federal em 1916. Deputado federal pela Bahia de 1924 a 1930, tornou-se em 1932 professor de história da educação do Instituto do Rio de Janeiro. Morreu em 1947, no Rio de Janeiro. De acordo com Hochman, a fala de Afrânio Peixoto foi proferida em uma homenagem a Miguel Pereira em 19-5-1918, e teve grande repercussão. Em seu texto o médico discursa: “(...) Se raros escapam à doença, muitos têm duas ou mais infestações (...) Veem-se, muitas vezes, confrangido e alarmado, nas nossas escolas públicas criança a bater os dentes com os calafrios das sezões (...) E isto, não nos ‘confins do Brasil’, aqui no Distrito Federal, em Guaratiba, Jacarepaguá, na Tijuca, (...) Porque, não nos iludimos o nosso sertão começa para os lados da Avenida” (PEIXOTO, Afrânio, 1918 apud HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. op. cit., nota de rodapé 15, p. 70).

<sup>58</sup>PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil*. op. cit.

<sup>59</sup>PENNA, Belisário. *A Era do Saneamento*. Conferência realizada pelo Dr. Belisário Penna, em Entre Rios, no dia 6 de junho de 1920, p. 7.

<sup>60</sup>CUNHA, Euclides. Apud LIMA, Nísia Trindade. *Um Sertão Chamado Brasil*. op. cit., p. 67-68.

<sup>61</sup>LIMA, Nísia Trindade. *Um Sertão Chamado Brasil*. Ibidem, p. 68.

forma, acrescenta a historiadora, que essa ambivalência tornou possível, positivo e necessário, para a “civilização do litoral”, o projeto de incorporação da região litorânea à construção do Estado nacional no Brasil<sup>62</sup>.

Em suas análises sociológicas, Cunha relatou tipos humanos, pouco conhecidos pela intelectualidade brasileira, como o sertanejo, o vaqueiro, o jagunço, o caucheiro, e o meio em que viviam. Suas análises influenciaram a Comissão Rondon e as viagens científicas do Instituto Oswaldo Cruz, diretamente, na ideia de incorporação dos sertões, da necessidade de alertar a elite política brasileira, na crítica da “visão dantesca do sertão brasileiro” e na importância do conhecimento empírico do país<sup>63</sup>.

Uma das primeiras expedições ao interior foi realizada pela Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, que sucedeu na gestão de Floriano Peixoto na Presidência da República, tendo como objetivo principal a de marcação das terras, promulgada na Constituição Republicana de 1891, que previra para a construção da nova capital brasileira. A viagem não se limitou apenas à demarcação geográfica da futura capital do Brasil, mas também realizou estudos geológicos, além de ter produzido um diagnóstico médico para a região do Planalto Central<sup>64</sup>. A comissão acabou realizando, ainda, um papel destacado nas discussões sobre a integração do território nacional, feitas a partir de discussões científicas e intelectuais, que mobilizaram as autoridades públicas do período.

De acordo com Dominichi Miranda de Sá, a aliança mais eloquente, entre integração territorial e a ciência, aconteceu na famosa Comissão Construtora de Linhas Telegráficas Estratégicas, conhecida como Comissão Rondon, que ficou marcada, principalmente, pelas atividades que deram origem às políticas indigenistas. Essas atividades foram empreendidas por militares brasileiros e tiveram duração ao longo de mais de vinte anos. Nas expedições, foram realizados trabalhos de instalação e conservação de linhas telegráficas e serviços de demarcação e inspeção das fronteiras brasileiras. Além disso, naturalistas, sobretudo do Museu Nacional, empreenderam a exploração científica do território, com ênfase no conhecimento da geografia do país, cartografia, a botânica, a geologia, a zoologia, a antropologia e a etnografia de populações indígenas e sertanejas<sup>65</sup>.

---

<sup>62</sup>LIMA, Nísia Trindade. *Um Sertão Chamado Brasil*. Ibidem, p. 68.

<sup>63</sup>LIMA, Nísia Trindade. *Um Sertão Chamado Brasil*. Ibidem, p. 71.

<sup>64</sup>SÁ, Dominichi Miranda de. *Uma interpretação do Brasil como doença e rotina*. op. cit., p. 186.

<sup>65</sup>SÁ, Dominichi Miranda de. *Uma interpretação do Brasil como doença e rotina*. Ibidem, p. 186.

As expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ocorreram no momento em que a instituição se consolidava como o centro da medicina experimental, promovendo o ensino da microbiologia, produzindo soros e vacinas contra as doenças. Desta forma, Oswaldo Cruz percebia a necessidade de ampliar o escopo da pesquisa, abrindo acesso para coletas e pesquisas de novas espécies e a descoberta de novas patologias que assolavam o interior do Brasil. Oswaldo Cruz considerava que as doenças seriam um grande problema para a expansão territorial desejado pelo Estado brasileiro<sup>66</sup>.

De acordo com Maria Cecília de Azevedo, em setembro de 1911, iniciava a expedição liderada pelo médico e pesquisador Astrogildo Machado<sup>67</sup>(1885-1945) e pelo farmacêutico Antonio Martins. A expedição terminou em fevereiro de 1912, e teve como objetivo dar apoio médico-sanitário aos engenheiros e topógrafos da Estrada de Ferro Central do Brasil(EFCB), um prolongamento da linha ferroviária de Pirapora, sentido norte até Belém do Pará. Percorreram os vales do São Francisco e Tocantins. Nessa viagem, os cientistas recolheram insetos hematófagos e parasitos encontrados em pássaros e macacos, registraram, também, casos de doença de Chagas e bócio endêmico<sup>68</sup>.

Outras duas viagens ocorreram em março de 1912, sendo as expedições requisitadas pela Inspetoria de Obras contra as Secas. Uma delas foi realizada por João Pedro de Albuquerque<sup>69</sup> e José Gomes de Faria<sup>70</sup>em que seguiram para o Ceará e ao norte do Piauí, buscando conhecimentos relativos à geografia, zoologia, botânica e condições sanitárias da região, e com o propósito de sustentar as ações práticas da Inspetoria, não tendo um relatório

---

<sup>66</sup> AZEVEDO, Maria Cecília Neves de. *Um olhar sobre o sertão: as fotografias do relatório da expedição científica de Arthur Neiva e Belisário Penna / Maria Cecília Neves de Azevedo*. – Rio de Janeiro: s.n., 2016, p. 15.

<sup>67</sup> De acordo com Kropf, Astrogildo Machado foi um dos mais próximos colaboradores de Chagas nos estudos de tripanossomíase em Lassance, aos quais se integrou ainda como estudante de curso médico (KROPF, Simone Petraglia. *Doença de Chagas, doença do Brasil*, op. cit., p. 175).

<sup>68</sup> AZEVEDO, Maria Cecília Neves. *Um olhar sobre o sertão*. op. cit., p. 80.

<sup>69</sup> João Pedro de Albuquerque (1874-1934), formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, quando defendeu a tese “Da paralisia geral dos alienados: seu histórico e suas causa” em 1896. Participou do Serviço de Profilaxia Específica da Febre Amarela no Rio de Janeiro (1905), da expedição científica aos estados do Ceará e Piauí (1912) e da Comissão de Profilaxia da Febre Amarela em Belém (1910). Ainda exerceu a direção do Serviço Marítimo e Fluvial nas décadas de 1920 e 1930.

<sup>70</sup> José Gomes de Faria (1887-1962), formou-se em medicina, em 1908, pela Faculdade Nacional de Medicina, doutorou-se com a tese "Contribuição ao estudo do carbúnculo symptomatico". As pesquisas helmintológicas em Manguinhos tiveram uma grande projeção com os trabalhos de Gomes de Faria que, além de publicar vários trabalhos sobre Trematódios, descreveu algumas espécies novas. Em 1910, ele publicou a descoberta do *Ancylostoma brasiliense*, parasita de gatos e cães. As larvas, quando penetram na pele do homem, produzem uma dermatose muito característica, a chamada "dermatite linear serpiginosa" (CHIOC- Coleção Helmintológica do Instituto Oswaldo Cruz. Histórico dos Curadores: José Gomes de Faria. Instituto Oswaldo Cruz: on-line, obtido em abr. de 2020. Acesso em: <http://chioc.fiocruz.br/index?history>).



conhecido. De acordo com Maria Teresa Villela Bandeira de Mello e Fernando Pires Alves, existem apenas as imagens, registradas durante a viagem<sup>71</sup>.

A outra expedição é de Arthur Neiva<sup>72</sup> e Belisário Penna, para o norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul de Piauí e de norte a sul de Goiás. As duas expedições partiram do porto do Rio de Janeiro, em 18 de março. A expedição Neiva e Penna durou sete meses e percorreu sete mil quilômetros, sendo requisitada pela Inspetoria de Obras contra as Secas, Órgão do Ministério dos Negócios da Indústria, Viação e Obras Públicas, com o objetivo de fazer um levantamento sanitário e epidemiológico das regiões flageladas pela seca. Tendo como fotógrafo José Teixeira, foi a expedição com maior número de fotos tiradas durante a viagem, formando um acervo fantástico sobre a realidade do interior do Brasil<sup>73</sup>.

Em 17 de abril de 1912, Astrogildo Machado e Adolpho Lutz<sup>74</sup> iniciaram a terceira expedição requisitada pela Inspetoria de Obras contra as Secas. Os cientistas seguiram de trem até Pirapora e cruzaram o rio São Francisco até Juazeiro e seus afluentes, terminando em julho de 1912. O relatório tem como formato um diário de campo, com sessenta e quatro páginas, expondo, em sua maior parte, imagens relativas à paisagem local e à grandiosidade

---

<sup>71</sup> Para saber mais sobre a viagem, ver MELLO, Maria Teresa Villela Bandeira de; PIRES-ALVES, Fernando. Expedições científicas, fotografia e intenção documentária: as viagens do Instituto Oswaldo Cruz (1911-1913). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, supl.1, jul. 2009, p.139-179. O texto analisa as séries fotográficas produzidas pelo Instituto Oswaldo Cruz em expedições científicas ao interior do Brasil, realizadas entre 1911 e 1913. Detém-se na expedição liderada por Arthur Neiva e Belisário Penna e na elaboração do seu discurso documentário. Explícita escolhas e ênfases adotadas na elaboração de cada texto visual, expresso tanto no material produzido durante o percurso quanto na seleção das imagens para publicação. As análises quantitativa e qualitativa das imagens da expedição de Neiva e Penna revelam um percurso narrativo que articula o meio natural, a vida social e as evidências de adoecimento das populações interioranas, para a constituição de um discurso que difunde o movimento pelo saneamento dos sertões.

<sup>72</sup> Artur Neiva nasceu em Salvador no dia 22 de março de 1880, filho de João Augusto Neiva e de Ana Adelaide de Paço Neiva. Formou-se na Faculdade de medicina do Rio de Janeiro em 1903. Em 1906 passou a trabalhar no Instituto Soroterápico, no Rio. O estabelecimento recebeu em 1907 a denominação de Instituto de Patologia Experimental de Manguinhos, modificada em 1908 para Instituto Oswaldo Cruz. Nesta época, Artur Neiva chefiou trabalhos de profilaxia da malária. Em 1915 e 1916, contratado pelo governo argentino, instalou e dirigiu em Buenos Aires as seções de zoologia e parasitologia do Instituto Bacteriológico do Departamento de Higiene. Em janeiro de 1923 foi nomeado diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, do qual era membro correspondente desde 1917. Em janeiro de 1933 foi nomeado diretor-geral de pesquisas científicas do Ministério da Agricultura, tendo organizado por essa época o Instituto Tecnológico, o Instituto de Biologia Animal e o Instituto de Biologia Vegetal do ministério. Faleceu no Rio de Janeiro no dia 6 de junho de 1943. (FGV - Fundação Getúlio Vargas. Verbete bibliográfico: Arthur Neiva. Dicionário histórico-biográfico brasileiro. Fundação Getúlio Vargas: on-line, obtido em abr. de 2020. Acesso em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/neiva-artur>).

<sup>73</sup> Para melhor compreensão sobre a discussão das fotos do relatório Neiva-Penna ver também; AZEVEDO, Maria Cecília Neves. *Um olhar sobre o sertão*. op. cit.

<sup>74</sup> Adolpho Lutz (1855-1940) nasceu no Rio de Janeiro, capital do império brasileiro, a 18 de dezembro de 1855. Nos tempos de universitário, frequentou centros de excelência em Berna, Leipzig, Estrasburgo, Praga, Londres e Paris, doutorando-se em medicina em 1880. De 1893 a 1908, esteve à frente do Instituto Bacteriológico de São Paulo, nesse período Lutz desenvolveu pesquisas importantes, engajadas, nos domínios da bacteriologia, epidemiologia e zoologia médica (BVS- Biblioteca Virtual de Saúde Adolpho Lutz. Trajetória: Adolpho Lutz. Biblioteca Virtual de Saúde. On-line, obtido em abr. de 2020. Disponível em: <http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/html/pt/static/trajetoria/introducao.php>).

do rio Grande e do próprio rio São Francisco. Não há imagens de pessoas nem animais, o relatório totaliza sessenta e oito fotografias. A quantidade de lagoas é destacada pelos pesquisadores, o que justificaria a grande ocorrência de febres palustres<sup>75</sup>. Os cientistas defendem, no relatório, razões para o atraso da população, as questões raciais e climáticas, além da distância dos povoados em relação ao litoral<sup>76</sup>.

A última das cinco expedições, realizadas no período, foi a liderada por Carlos Chagas, Pacheco Leão<sup>77</sup> e João Pedro de Albuquerque, requisitada pela Superintendência da Defesa da Borracha. A expedição seguiu o trecho acima de Manaus, inspecionando boa parte da bacia Amazônica, com o objetivo de conhecer a região para a implementação do Plano de Defesa da Borracha em decorrência do declínio da exploração do produto. A expedição foi intitulada “Condições médico-sanitárias do Valle do Amazonas”. Com duração de seis meses, tendo percorrido os rios Solimões, Juruá, Purus, Acre Iaco, Negro e baixo Rio Branco, segundo Azevedo, o relatório científico é dividido em quatro partes. A primeira e a quarta partes, assinadas por Oswaldo Cruz, sendo ele o responsável pela expedição, e a segunda e terceira partes, por Carlos Chagas<sup>78</sup>, que apresentou o percurso e os estudos teóricos relativos à epidemiologia do vale do Amazonas. Na quarta parte, a autora destaca que o relatório tem informações de que os cientistas realizaram atendimento aos doentes, fizeram exames microscópicos e aplicaram medicamentos<sup>79</sup>.

As expedições científicas, realizadas por pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz a diferentes regiões do interior do país, apresentaram uma nação cujos problemas não se definiam simplesmente pelas questões relacionadas ao clima ou à raça, mas, antes, ao abandono, ao isolamento e às inúmeras doenças. Ao descreverem as condições de vida e o

<sup>75</sup> AZEVEDO, Maria Cecília Neves. *Um olhar sobre o sertão*. op. cit., p. 81.

<sup>76</sup> LUTZ, Adolpho; MACHADO, Astrogildo. Viagem pelo rio São Francisco e por alguns de seus afluentes entre Pirapora e Joazeiro”. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*. V.7, nº 1. Rio de Janeiro. 1915.

<sup>77</sup> Pacheco Leão (1872– 1931) foi um médico e cientista, formado em Bacharel em Letras e Doutor em medicina, além de ter participado da expedição científica na Amazônia, ele assumiu a direção do Jardim Botânico do Rio de Janeiro em 1915. Em 1925, foi efetivado na Cadeira de História Natural médica e Parasitologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (CASAZZA, Ingrid Fonseca. *O Jardim Botânico do Rio de Janeiro: Um lugar de ciência (1915-1931)*. Dissertação (Mestrado em História) – Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, Rio de Janeiro, 2011, p. 31-32).

<sup>78</sup> Ver o texto dos autores SCHWEICKARDT, Júlio César; LIMA, Nísia Trindade. Os cientistas brasileiros visitam a Amazônia: as viagens científicas de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas (1910-1913). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, suplemento, p.15-50, dez. 2007. Neste trabalho, os autores analisam os relatórios das duas viagens científicas do Instituto Oswaldo Cruz à Amazônia, realizadas em 1910 e 1913, sob a liderança respectivamente de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas. Os relatórios colaboraram na construção de representações e imagens sobre a região. As observações de campo, além de trazerem questões para o estudo e controle das doenças tropicais, inserem-se no movimento de denúncia das graves condições sanitárias dos trabalhadores da borracha. A viagem pelo vale amazônico possibilita o encontro direto dos cientistas com o ambiente e as populações doentes e confronta-os com o grande desafio de conhecer e controlar a malária.

<sup>79</sup> AZEVEDO, Maria Cecília Neves. *Um olhar sobre o sertão*. op. cit., p. 81.

cotidiano da população sertaneja, os sanitaristas buscavam relatar a “verdadeira realidade” dos problemas étnicos, sociais e econômicos do Brasil<sup>80</sup>. De acordo com Nísia Trindade Lima e Gilberto Hochman, o novo Brasil descoberto pelo movimento sanitarista “teve um papel central e prolongado na reconstrução da identidade nacional a partir da identificação da doença como o elemento distintivo da condição de ser brasileiro”<sup>81</sup>.

Os relatórios científicos dessas viagens, principalmente da expedição realizada por Belisário Penna e Arthur Neiva, em 1912, foram amplamente divulgados pela imprensa paulista e carioca, revelando o abandono e a precariedade sanitária de muitos estados brasileiros. As viagens serviram de bases instrumentais para a campanha sanitária que se intensificou a partir da segunda metade da década de 1910, a qual juntou-se ao nacionalismo<sup>82</sup> da pós-Primeira Guerra, que buscava resolver as mazelas do país através da educação e da saúde. O movimento sanitarista, segundo Luiz Antonio de Castro Santos, foi um novo caminho encontrado pela elite em construir uma ideologia nacional, sendo um dos impactos mais relevantes na formação do Estado brasileiro, a integração do sertão à civilização do litoral brasileiro, representando o fortalecimento da nacionalidade<sup>83</sup>. As viagens científicas mostraram um novo país, um “Brasil real” cuja principal característica de ser brasileiro era estar doente, era uma forma de identificação nacional, ao qual, o movimento simbolizou sua força ideológica em sua bandeira em defesa do saneamento rural.

### 1.3. Os Intelectuais e o Movimento Sanitarista

Nas páginas seguintes, veremos dois grandes intelectuais influenciados pela campanha do saneamento do Brasil, Monteiro Lobato, com seu personagem emblemático *Jeca-Tatu*, e Gilberto Freyre, em sua obra *Casa-Grande & Senzala*. Posteriormente, referimo-nos a quatro acontecimentos do Movimento Sanitarista, entre eles o discurso de Miguel Pereira, intitulado *O Brasil é um imenso hospital*; o relatório da expedição científica

<sup>80</sup> SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A política biológica como projeto*. op. cit., p. 25-26.

<sup>81</sup> LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. “Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República”. In: Maio, Marcos Chor e Santos, Ricardo Ventura. *Raça Ciência e Sociedade*. RJ: Editora Fiocruz, 1996, p. 23.

<sup>82</sup> Ver OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990. A autora trabalha com novo nacionalismo que surgiu sobre o contexto da Primeira Guerra Mundial, diferente do nacionalismo ufanista naturalista e o ufanismo racial, o novo envolveu a busca de uma nova identidade.

<sup>83</sup> SANTOS, Luiz Antonio de Castro. O pensamento sanitarista na Primeira República: Uma ideologia de construção da nacionalidade. Dados. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v28, p.199.

de Arthur Neiva e Belisário Penna; a repercussão dos artigos de Penna sobre saúde e saneamento, publicado no jornal *Correio da Manhã*, entre 1916 e 1917, artigos que foram reunidos, em 1918, em seu livro, *O Saneamento do Brasil*; por fim, a atuação da Liga Pró-Saneamento do Brasil, entre 1918 e 1920.

“O Jeca não é assim: está assim” (1918)<sup>84</sup>. Uma das frases mais famosas do literato Monteiro Lobato, e reflete um movimento intelectual e político que, entre 1916 a 1920, proclamou a doença como o principal problema do país e o maior obstáculo à civilização. Desta forma, a campanha pelo saneamento do Brasil conquistou grande prestígio no campo intelectual brasileiro. Pois, além de proclamar a doença como maior obstáculo para a civilização do país, se opôs à visão ufanista e rejeitou o determinismo racial e climático sobre a interpretação da identidade nacional. Nesta perspectiva, a campanha sanitaristas, da segunda metade da década de 1910, conseguiu influenciar intelectuais a rever antigas visões a respeito da população sertaneja.

No início dos anos de 1910, segundo Danilo Wenceslau Ferrari, Monteiro Lobato, além de compartilhar do pensamento determinista racial de uma parte da elite intelectual do Brasil, encontrava-se em contato com uma produção caricatural estrangeira do final do século XIX. O que deu a ele bases instrumentais para criar o personagem Jeca-Tatu, criado a partir de suas ambições artísticas e literárias. Lobato, em meio ao seu cotidiano, enquanto fazendeiro, conviveu diretamente com o caboclo, e deu ao seu personagem um tom de inferioridade racial<sup>85</sup>.

Antes mesmo de criar o personagem Jeca-Tatu, Lobato já direcionava ao caboclo com um olhar negativo, como vemos na passagem, escrita no início dos anos 1910:

Estes Funesto parasita da terra é o caboclo, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive a beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. À medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refugiando em silêncio com o seu cachorro, o seu pilão, o pica-pau e o isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna<sup>86</sup>.

---

<sup>84</sup>LOBATO, Monteiro. *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*. Obras completas de Monteiro Lobato, 1º série, literatura geral. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, v. 8, 1957b.

<sup>85</sup> FERRARI, Danilo Wenceslau. *Bordalo Pinheiro, Monteiro Lobato e a circulação (inter) nacional de caricaturas*. Tese (doutorado). Assis: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, 2018, p. 421-422.

<sup>86</sup>LOBATO, Monteiro. *Urupês*. Obras completas de Monteiro lobato, 1 série, literatura geral, 9.ed. São Paulo: Brasiliense, v. 1. 1957, p. 271.

O relato de Monteiro Lobato, em *Velha Praga*, originalmente escrito, em 1914, descreve o caboclo como caipira indolente, imprevidente e parasita, um piolho da terra, precário em seus serviços, responsável pela destruição da mata e suas queimadas, com caráter nômade e rústico. Lobato via, no caboclo, o mal do brasileiro, considerava-o um atraso ao progresso do país, um ser incivilizado e sem soluções viáveis. Ainda, em 1914, o literato lança, em seu artigo *Urupês*, um dos personagens mais emblemáticos da ficção brasileira, o Jeca-Tatu. Personagem que representa, para muitos intelectuais, o homem do interior brasileiro do início do século XX. Figura da ficção literária, representado como um indivíduo pobre, ignorante e mestiço, um atraso à “raça brasileira”. Demonstrando uma visão negativa do homem rural<sup>87</sup>, o literato paulista mudará sua interpretação, após ter sido influenciado por intelectuais que participaram do movimento sanitarista do final da década de 1910. Sob os novos conhecimentos da medicina, Lobato passa a acreditar que o caboclo indolente e parasitário poderia receber profundas transformações e se tornar um agente de mudança social e de modernização da sociedade, bastando ser bem educado nos ditames da higiene e da saúde<sup>88</sup>.

É a partir do movimento sanitarista da Primeira República que o interior do Brasil passou a ser identificado pelas doenças como características básicas da nacionalidade brasileira. De acordo com a historiografia, esse discurso foi construído por médicos, higienistas, sanitaristas, literatos e intelectuais que disputavam a legitimação do campo intelectual, do campo científico e do campo político no período<sup>89</sup>. Podemos considerar que tais campos estavam em constante mudança e construção, em que os agentes estavam em um processo de luta simbólica pela posse da autoridade científica e pela interpretação da nacionalidade do país. Os intelectuais da época: Monteiro Lobato, Belisário Penna, Carlos Chagas, Euclides da Cunha, Miguel Pereira, Oswaldo Cruz, Edgard Roquete-Pinto, entre outros, viam-se como missionários salvacionistas da nação, e acreditavam que a ciência era

---

<sup>87</sup>A primeira edição de *Urupês* (1918) possui 13 capítulos, incluindo o artigo-tema, "Urupês", seis contos sobre a figura caipira, três sobre seus padrões, os fazendeiros, e mais três sobre temas alheios ao Brasil rural. A partir da segunda edição, foi incluída a carta "Velha praga", totalizando 14 capítulos, além de um prefácio (LOBATO, Monteiro. *Urupês*. Ibidem).

<sup>88</sup> LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. *Condenado pela raça, absolvido pela medicina*. op. cit., p. 23-40; LIMA, Nísia Trindade. *Um Sertão Chamado Brasil*. op. cit.

<sup>89</sup>LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. “Pouca saúde e muita saúva”: sanitarismo, interpretações do país e ciências sociais. In: HOCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004; SÁ, Dominichi Miranda de. *Uma interpretação do Brasil como doença e rotina*. op. cit.; LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. *Condenado pela raça, absolvido pela medicina*. op. cit.

a salvação de um povo doente, apático, abandonados pelo Estado Republicano e imprestáveis para o trabalho e para a nação.

Ainda, em *Urupês*, percebemos a luta simbólica no campo da literatura, luta na qual Lobato usa uma retórica contundente para criticar a literatura romântica, afirmando em uma de suas frases mais famosas sobre o Jeca-Tatu: “Pobre Jeca-Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade”<sup>90</sup>. A literatura romântica exaltava a formação brasileira pelo encontro romântico entre portugueses e indígenas, e a ausência quase absoluta do negro na formação da identidade nacional. Para a chamada terceira geração de escritores românticos, como José de Alencar, Bernardo Guimarães e Franklin Távora, entre outros, o sertão recebeu especial atenção, consolidando-se à ficção romântica, sob a forma indianista, sertanista e regionalista. Esta interpretação valorizava a exuberância da natureza, da bondade e vigor do indígena e do sertanejo. Lobato considerava que a ciência e as viagens científicas ao interior do Brasil teriam revelado outro indígena e outro sertanejo, bem diferentes da interpretação do indígena de José de Alencar e de outros romancistas.

A interpretação romantizada, também, esteve presente no campo da medicina, em algumas teses defendidas por médicos do final do século XIX, da Academia Imperial de Medicina, e pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em tais trabalhos, o campo e o sertão eram propícios a uma vida saudável, harmoniosa, em contraste com as cidades, vistas como lugares cheios de vícios, espaços com doenças e perigosos<sup>91</sup>. Nas palavras de Belisário Penna, um dos principais intelectuais do movimento sanitarista, os patrióticos da campanha do saneamento não iriam mais se “iludir pelas fantasias e devaneios mentirosos de romancistas e poetas, descrevendo nossos sertões como pedaços de terra da promessa, onde reinam a fartura, a saúde e a alegria”<sup>92</sup>. O médico aponta para o oposto, sendo a miséria, a doença, o alcoolismo e o analfabetismo os motivos do aniquilamento físico e moral do homem sertanejo.

A partir do movimento sanitarista, médicos, higienistas e intelectuais construíram uma visão mais otimista em relação ao melhoramento do homem do interior. Apesar de relatar a população com péssimas condições sociais, a campanha sanitária teve grande papel nas discussões pela reforma da saúde pública, nas primeiras décadas do século XX. Por meio de

<sup>90</sup> LOBATO, Monteiro. *Urupês*. op. cit., p. 281.

<sup>91</sup> LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. *Condenado pela raça, absolvido pela medicina*. op. cit., p. 27-28.

<sup>92</sup> PENNA, Belisário. Saneamento do Brasil. 1ª Ed. Rio de Janeiro: *Revista dos Tribunaes*, 1918, p.08.

uma visão científica e mais conectada com a realidade do país, utilizaram-se da eugenia e das discussões da medicina social como soluções viáveis para o melhoramento racial da população brasileira em direção ao progresso. Os sanitaristas concentraram suas interpretações do Brasil como um país doente, alcoólatra e analfabeto, sendo os principais obstáculos para a construção da civilização. Assim, a raça brasileira poderia ser finalmente regenerada e melhorada, através dos princípios higiênicos, eugênicos e de saneamento.

Foi, no contato com a campanha em prol do saneamento do Brasil, que Monteiro Lobato ressuscitou seu personagem Jeca-Tatu. Em 1918, no mesmo ano de publicação do livro, *O Saneamento do Brasil*, de Belisário Penna, Lobato lançou *Problema Vital*<sup>93</sup>, livro que contém uma série de artigos divulgados no jornal *O Estado de São Paulo*, quando reconstrói a sua visão sobre os sertanejos brasileiros. Nessa obra, o diagnóstico do caboclo mudará, passando ser a doença, conforme representavam os sanitaristas, a principal responsável pela situação de miséria e indigência que se encontravam os brasileiros do interior. Em uma de suas frases mais famosas, Lobato declara: “O Jeca não é assim; está assim”<sup>94</sup>. Palavras, que revelam a sua guinada teórica e política:

A nossa gente rural possui ótimas qualidades de resistência e adaptação. É boa por índole, meiga e dócil. O pobre caipira é positivamente um homem como o italiano, o português, o espanhol. Mas é um homem em estado latente. Possui dentro de si grande riqueza em forças. Mas força em estado de possibilidade. E é assim porque está amarrado pela ignorância e falta de assistência às terríveis endemias que lhe depauperam o sangue, caquetizam o corpo e atrofiam o espírito. O caipira não é assim. Está assim. Curado, recuperará o lugar a que faz jus no concerto etnológico<sup>95</sup>.

Jeca, ao ser medicado e tratado pela ciência, melhoraria o seu estado de saúde, tornar-se-ia um homem produtivo, um fazendeiro capaz de competir com seu vizinho italiano, ultrapassando-o. Assim, Lobato passa a descrever o Jeca que se modernizou, instrumentalizou sua propriedade, sua lavoura e aprendeu a falar inglês, transformando-se em um homem rico e em um educador sanitário, morreu idoso sem muita glória, mas ciente de que havia cumprido sua missão<sup>96</sup>. O personagem de Lobato revela a mudança ocorrida no

<sup>93</sup> LOBATO, Monteiro. *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*. op. cit.

<sup>94</sup> LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. *Condenado pela raça, absolvido pela medicina*. op. cit., p. 23; LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. “Pouca saúde e muita saúva”. op. cit., p. 510.

<sup>95</sup> LOBATO, Monteiro. *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*. op. cit., p. 285.

<sup>96</sup> LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. *Condenado pela raça, absolvido pela medicina*. op. cit., p. 33; LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. *Pouca saúde e muita saúva*. op. cit., p. 511; LOBATO, Monteiro. *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*. op. cit.

pensamento do literato, após ter contato com a campanha sanitaria, principalmente, com Arthur Neiva e Belisário Penna. O homem do interior, que não tinha mais solução do seu estado degenerativo, conforme aparece nas primeiras obras de Lobato, tornou-se o agente social de mudança por meio da ciência e de seus ensinamentos, passando de condições determinadas pela raça e clima às condições sociais sanitárias e higiênicas. De acordo com o historiador Vanderlei Sebastião de Souza:

[...] a guinada assumida por Monteiro Lobato transformou-se em símbolo de um amplo movimento nacionalista que ganhava força junto à elite intelectual e política brasileira. No final dos anos de 1910, o discurso sanitaria e a crença nesse poder salvacionista do laboratório, reforçariam a convicção na capacidade da ciência em resolver os grandes problemas nacionais<sup>97</sup>.

Entre outros intelectuais, influenciados pela campanha sanitaria, destacamos Gilberto Freyre, ensaísta emblemático e autor de *Casa-grande e Senzala*, obra seminal, publicada em 1933. Logo no prefácio da obra, Freyre descreve o impacto que as ideias do movimento exerceram em sua maneira de compreender os problemas brasileiros:

Vi uma vez, depois de quase três anos de ausência do Brasil, um bando de marinheiros nacionais — mulatos e cafuzos — descendo não me lembro se do São Paulo ou do Minas pela neve mole do Brooklyn. Deram-me a impressão de caricaturas de homens. E veio-me à lembrança a frase de um livro de viajante americano que acabara de ler sobre o Brasil, ‘the fearfully mongrel aspect of population’. A miscigenação resultava naquilo. Faltou-me quem me dissesse então, como em 1929 Roquette-Pinto aos arianistas do Congresso Brasileiro de Eugenia, que não eram simplesmente mulatos ou cafuzos os indivíduos que eu julgava representarem o Brasil, mas cafuzos e mulatos doentes<sup>98</sup>.

Nessa passagem, Gilberto Freyre demonstra a importância do tema da saúde em seu trabalho, anunciando que as questões de saúde e de doença estavam, muitas vezes, relacionadas às questões de raças e de mestiçagem. Apesar de não ter a mesma tonalidade de denúncia da obra de Monteiro Lobato, Freyre considerava a ideia da doença como elemento de enfraquecimento da população brasileira. E incorporou as questões de saúde em explicações sobre o processo de constituição da nossa sociedade, destacando a forte

<sup>97</sup> SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A política biológica como projeto*. op. cit., p. 25.

<sup>98</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48 ed. São Paulo: Global, 2003, [1933] p. 31.



influência que o discurso sanitarista dos anos 1910 e 1920 exerceu sobre suas interpretações do Brasil e da sociedade brasileira<sup>99</sup>.

Ainda, de acordo com a passagem de *Casa-Grande e Senzala* citada acima, Freyre faz menção ao médico e antropólogo Edgard Roquette-Pinto que, no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado no Rio de Janeiro em 1929, argumentava que o grande número de pessoas somaticamente deficientes, em várias regiões do país, não se devia à questão de ordem racial, mas sim por causas patológicas passíveis de serem resolvidas por políticas sanitárias e educativas, que não se tratava de problema racial, mas de problema de saúde pública<sup>100</sup>. Ao recorrer do pensamento de Roquette-Pinto, para caracterizar os brasileiros, cafuzos e mulatos doentes, e, ao relacionar a questão de saúde como um dos males, antes atribuídos à raça e ao meio, Freyre revela o quanto a influência da campanha dos sanitaristas foi contundente em suas análises sobre o Brasil.

#### 1.4. “O Brasil é um imenso hospital”

A campanha sanitária emergiu, no Brasil, no contexto da Primeira Guerra Mundial e no imediato pós-guerra, período marcado pela atuação de movimentos nacionalistas, que pretendiam descobrir os princípios de nacionalidade e realizá-los por intermédio das políticas do Estado. Junto a isso, a guerra e o recrutamentos para serviços militares intensificaram os debates em torno do determinismo e do melhoramento racial, momento no qual a saúde passou a ter um papel central<sup>101</sup>. O impacto das viagens e descobertas científicas do Instituto Oswaldo Cruz, ao trazerem um novo diagnóstico da população brasileira e do sertão, deram bases discursivas para as críticas da experiência do regime republicano, proclamado pela elite política vigente. A denúncia do médico Miguel Pereira, em 1916, quando proclamou que “O Brasil é um imenso hospital”, foi a gota d’água para a indignação que vinha, de anos, contra as precárias condições de higiene e saúde do país. De acordo com Penna, o discurso de Miguel Pereira provocou as primeiras manifestações de opinião pública e foi o ponto de partida da campanha pelo saneamento do Brasil<sup>102</sup>. A frase de Pereira não apenas sintetizava a compreensão do movimento sanitaristas como também se tornou um emblema para as

<sup>99</sup>Sobre essa discussão, ver TEIXEIRA, L. A. “Da raça à doença em Casagrande e senzala”. *História, Ciências, Saúde —Manguinhos*, IV(2):231-243 jul.-out. 1997, p. 231-232.

<sup>100</sup>Roquette-Pinto, Edgard. “Notas sobre os tipos antropológicos do Brasil”. *Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. s. ed. 1929; FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. op. cit., p. 31.

<sup>101</sup>HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. op. cit., p. 62.

<sup>102</sup>PENNA, Belisário. *Saneamento Rural*. Conferência realizada pelo Dr. Belisário Penna, em Belo Horizonte, a 1º de maio de 1918, na sede da Sociedade Mineira de Agricultura, p. 15.

posições críticas da ordem social e políticas da Primeira República<sup>103</sup>. Nas palavras de Pereira:

Fora do Rio ou de S. Paulo, capitais mais ou menos saneadas, e de algumas ou outras cidades em que a previdência superintende a higiene, o Brasil é ainda um imenso hospital. Num impressionante arroubo de oratória já perorou na câmara ilustre parlamentar que, se fosse mister, iria ele, de montanha em montanha, despertar os caboclos desses sertões. Em chegando a tal extremo de zelo patriótico uma grande decepção acolheria sua generosa e nobre iniciativa. Parte, e parte ponderável dessa brava gente não se levantaria; inválidos, exangues, esgotados pela ancilostomíase e pela malária; estropiados e arrasados pela moléstia de Chagas; corroídos pela sífilis e pela lepra; devastados pelo alcoolismo; chupados pela fome, ignorantes, abandonados, sem ideal e sem letras ou não poderiam estes tristes deslembrados se erguer da sua modorra ao apelo tonitruante de trombeta guerreira<sup>104</sup>.

O discurso foi enunciado, em outubro de 1916, para o recrutamento de cunho obrigatório para serviços militares, em resposta ao discurso de Olavo Bilac, deputado federal de Minas Gerais. O deputado pronunciava-se estar disposto a ir, em caso de invasão, aos sertões e convocar os caboclos brasileiros a defender o Brasil, na Primeira Guerra Mundial. Miguel Pereira, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e presidente da Academia Nacional de Medicina, criticou a ingenuidade e ignorância de Bilac, em seu discurso. Pereira lembrava que foi justamente na cidade de Lassance que o médico Carlos Chagas, em 1909, descobriu a doença que leva seu nome, “Mal de Chagas”, que deixava milhões de brasileiros “imprestáveis”, tanto para servir a pátria quanto para o trabalho<sup>105</sup>. Devido ao seu prestígio como professor e médico com grande poder simbólico, Miguel Pereira provocou uma enorme polêmica, na imprensa e no campo médico e político, com moções de solidariedade ou críticas sobre seu patriotismo. O impacto do discurso o transformou em um ato fundador de um amplo movimento de opiniões públicas, que diagnosticava a doença como o principal problema nacional e o descaso das elites que pouco fizeram para resolver tal problema. Para Belisário Penna, a frase de Miguel deveria ser ampliada e completada: “O Brasil é um vasto cenário de miseráveis analfabetos

<sup>103</sup>HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. op. cit., p. 63; LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. *Condenado pela raça, absolvido pela medicina*. op. cit., p. 24; BRITTO, Nara. *Oswaldo Cruz: A construção de um mito na ciência brasileira*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1995, p. 26; SÁ, Dominichi Miranda de. *Uma interpretação do Brasil como doença e rotina*. op. cit., p. 196-197.

<sup>104</sup> PEREIRA, Miguel, 1916apud LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. *Pouca saúde e muita saúva*. op. cit., p.316.

<sup>105</sup> HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. op. cit.; LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. *Condenado pela raça, absolvido pela medicina*. op. cit.; BRITTO, Nara. *Oswaldo Cruz*. op. cit.; SÁ, Dominichi Miranda de. *Uma interpretação do Brasil como doença e rotina*. op. cit.

abandonados”<sup>106</sup>. Portanto, para o médico-sanitarista, o povo não era apenas doente, mas também analfabetos, abandonados e alcoólatras, como veremos no decorrer desta pesquisa.

Outra questão, para se pensar, diz respeito às condições dos soldados brasileiros, pois, com o advento da Primeira Guerra Mundial, a militarização dos países e a fortificação deles passaram a estar na ordem do dia. Neste sentido, veremos, no terceiro capítulo, no plano educativo higiênico de Penna, a discussão sobre o soldado como reflexo da sociedade, bem como o papel das instituições militares do projeto educacional do médico-sanitarista.

Juntamente com o discurso de Miguel Pereira, destacamos mais três eventos significativos, fundadores do movimento sanitarista da primeira República. O primeiro foi o relatório da expedição científica de Arthur Neiva e Belisário Penna. O segundo, a repercussão dos artigos de Belisário Penna sobre saúde e saneamento, publicado no jornal *Correio da Manhã*, entre 1916 e 1917. Por fim, a atuação da Liga Pró-Saneamento do Brasil, entre 1918 e 1920, período em que começou a implementação das reformas de nível federal dos serviços de saúde pública<sup>107</sup>.

O pronunciamento de Miguel Pereira teve bases instrumentais nas viagens científicas, realizadas e financiadas pelo Instituto Oswaldo Cruz. A expedição científica de Arthur Neiva e Belisário Penna ao Norte da Bahia, sudeste de Pernambuco, sul de Piauí e ao norte de Goiás, ocorreu em 1912. A viagem serviu como um diagnóstico, redescobrimo o Brasil, que mobilizou intelectuais e políticos e impulsionou a campanha pelo saneamento no país. Apresentou descobertas novas, referentes a doenças e vetores, além da população do sertão, do seu modo de vida, habitação, cidade, formas de trabalho, relatos da fauna e da flora, e sobre a presença da doença e do abandono em que vivia a população do interior do Brasil<sup>108</sup>. Os sertanejos dessa região foram caracterizados pelas imagens de doença, de alcoolismo, isolamento, geográfico e cultural, analfabetismo, pobreza e vocação para regredir<sup>109</sup>.

A publicação do relatório da expedição ocorreu, em 1916, no periódico “Memórias do Instituto Oswaldo Cruz”, o que gerou grande repercussão nos meios intelectuais, médicos e políticos brasileiros. Nos debates, produzidos pelo documento, é possível perceber a

---

<sup>106</sup>PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil*. op. cit., p. 23.

<sup>107</sup>HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. op. cit., p. 62-63.

<sup>108</sup>HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. Ibidem, p. 64.

<sup>109</sup>SÁ, Dominichi Miranda de. *Uma interpretação do Brasil como doença e rotina*. op. cit., p. 184.

preocupação com a precariedade da saúde, educação, saneamento, higiene, analfabetismo e pobreza que assolavam o país<sup>110</sup>.

Com características nacionalistas e progressistas da época, no registro da expedição, os médicos relatam, com negatividade dos povos ali encontrados, com caracteres de “povos primitivos”, o que os difere dos homens civilizados, homens abandonados sem assistência alguma<sup>111</sup>. Não era mais a natureza, o indivíduo ou a raça o responsável pelos problemas, mas, sim, o Estado republicano, uma vez que, naquelas regiões mais afastadas do litoral brasileiro, não estavam presentes instituições que auxiliassem a vida dos sertanejos, tais como escolas, postos de polícia, postos de saúde e saneamento. Os habitantes, em muitos casos, não conheciam o fósforo, o moinho, a máquina de costura, eram primitivos em instrumentos de trabalho. O isolamento era tão grande que nem mesmo o sentimento de pertencimento ao Brasil era possível existir<sup>112</sup>. Penna relata que os diferentes estados não apresentavam um sentido de unidade nacional, sendo Piauí uma terra, Ceará outra terra, Pernambuco outra. Nesses territórios, explicava o sanitarista, a única bandeira que os sertanejos conhecem é a do Divino<sup>113</sup>, não havendo identificação com os símbolos nacionais e nem com o Estado brasileiro.

Além de relatar condições climáticas, socioeconômicas, da fauna e flora, o relatório apresenta as doenças que atingiam os sertanejos, tais como a malária, a doença de chagas, ancilostomose, impaludismo, a sífilis, entre outras moléstias descobertas, durante a expedição. O documento apresenta, ainda, a ausência dos meios de transporte, de comunicação com o litoral, baixa densidade demográfica, resistência às mudanças, dificuldades de estabelecimento de bases mínimas de nacionalidade, analfabetismo em 95% da população, pobreza, apatia, impenetrabilidade ao progresso, vocação para regredir, primitivismo, culto da dignidade, moralidade do lar, zelo pela honra pessoal<sup>114</sup>.

---

<sup>110</sup> NEIVA, Arthur; PENNA, Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. op. cit.

<sup>111</sup> NEIVA, Arthur; PENNA, Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. Ibidem, p. 108.

<sup>112</sup> LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. *Condenado pela raça, absolvido pela medicina*. op. cit., p. 30.

<sup>113</sup> NEIVA, Arthur; PENNA, Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. op. cit.

<sup>114</sup> NEIVA, Arthur; PENNA, Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. Ibidem; SÁ, Dominichi Miranda de. *Uma interpretação do Brasil como doença e rotina*. op. cit.

Os debates quanto à saúde pública, intensificaram-se, entre 1916 e 1917, após a publicação, no jornal *Correio da Manhã*, de uma série de artigos de Belisário Penna que conclamava a sociedade brasileira a participar da campanha do saneamento pelo Brasil<sup>115</sup>. A série de artigos também foi organizada com o livro *O Saneamento do Brasil*, publicado em 1918. O livro de Belisário Penna, que analisaremos com mais detalhes ao longo deste trabalho, ressalta o melhoramento da “raça brasileira”, através do saneamento, da higiene e da saúde da população. Para Penna, é a “gota da água” o fato de o congresso, a imprensa e as associações das indústrias não lembrarem de exigir providências sanitárias, melhorando a eficiência do trabalhador e para a vida fatigante de um soldado militar. Segundo o sanitarista, seu livro não se limita à:

[...] crítica severa de erros e crimes acumulados em menos de tres decadas do regime vigente, e aponta os remedios, que ao seu auctor, parecem capazes de salvar a gente de reabilitar a terra e de engrandecer a nação. É um livro destinado a acordar consciencias adormecidas, a despertar bons elementos anesthesiados, a estimular iniciativas medrosas e vacillantes a congregar energias espersas e a verberar os crimes de lesa patria. É um livro de intuitos exclusivamente patrioticos, de esclarecimento aos moços, sahidos á luz da publicidade de momento opportuno, exactamente quando precisamos crear energias, e incitar o patriotismo dos brasileiros. Oxalá consiga elle a fibra patriotica dos nossos patricios, e abrir para o Brasil uma era de regeneração da sua gente, de rehabilitação da sua terra, e de moralização da sua politica<sup>116</sup>.

Nesse trecho, Penna expressa os objetivos do livro, que tem como destinatário os indivíduos patrióticos que queiram regenerar a nação, uma espécie de “cruzada da medicina pela pátria”. Ao médico cabia substituir a autoridade governamental, ausente na maior parte do território nacional, fazia-se presente a crítica à oligarquia da República, principalmente à Estadual e à Municipal. O governo impedia uma ação em nível federal, para combater as epidemias, endemias e melhorar as condições de saúde e higiene da população. O objetivo do livro é mostrar os chamados crimes cometidos pelos grupos políticos pelo abandono da população. É também um apontamento dos males da sociedade brasileira e as formas de regenerar o país, sendo pela ciência, pela higienização, pelo saneamento, pela imigração. Para Penna, “Sanear o Brasil é Povoá-lo, é Enriquecê-lo, é Moralizá-lo”<sup>117</sup>.

<sup>115</sup> LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. *Pouca saúde e muita saúva*. op. cit.

<sup>116</sup> PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil*. op. cit., p.04.

<sup>117</sup> PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil*. Ibidem, subtítulo do livro.

De acordo com Penna, era urgente transformar esses estranhos habitantes do sertão em brasileiros<sup>118</sup>, e a aliança entre poder público e medicina era a base instrumental para operar tal transformação. Era a crença dos intelectuais sobre a ciência para salvar um país que parecia condenado pela sua composição racial. Os sertões, lugar onde se encontravam estes habitantes, não estava apenas no Nordeste e no Norte do país. Como vemos na instigante percepção de Afrânio Peixoto, “os sertões do Brasil começam no fim da avenida central do Rio de Janeiro”. O binômio litoral-sertão<sup>119</sup> estava presente no discurso da campanha do saneamento. O sertão era mais uma categoria social e política do que geográfica, e sua localização espacial dependeria de onde se encontrava o abandono e a doença<sup>120</sup>.

Devido às doenças, os brasileiros tornavam-se trabalhadores improdutivos, um entrave ao progresso e desenvolvimento do país. De acordo com Penna, a grande maioria da população produzia apenas um terço do que poderia produzir, se forem comparadas com trabalhadores estrangeiros. Problema, que era um obstáculo, também para as políticas de imigração, uma vez que o imigrante, ao chegar no Brasil, seria “abrasileirado” pelas verminoses, pois bastava apenas compartilhar das doenças para se tornar um brasileiro. O problema da doença refletia, ainda, nas atividades econômicas do país, pois gerava trabalhadores improdutivos.

No final da década de 1910, muitos intelectuais e políticos aderiram à criação da Liga Pró-Saneamento do Brasil e à campanha pelo saneamento rural<sup>121</sup>, em 1918, dirigida por Belisário Penna. Entre seus sócios, estavam importantes setores da elite intelectual e política do Brasil, como, por exemplo: membros da Academia Nacional de Medicina, catedráticos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, cientistas do Instituto Oswaldo Cruz, antropólogos do Museu Nacional, militares, educadores, juristas e o próprio Presidente da República Venceslau Bráz. Dentre os nomes, podemos citar Miguel Couto, Carlos Chagas, Clovis Bevilacqua, Epitácio Pessoa, Pedro Lessa, Aloysio de Castro e Miguel Calmon, os quais constituíram o Conselho Supremo da Associação<sup>122</sup>.

---

<sup>118</sup> HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento* op. cit., p.68; NEIVA, Athur; PENNA, Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiaz*. op. cit.

<sup>119</sup> Ver mais; SÁ, Dominichi Miranda de. *Um Sertão Chamado Brasil*. op. cit.

<sup>120</sup> SÁ, Dominichi Miranda de. *Uma interpretação do Brasil como doença e rotina*. op. cit.; HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento* op. cit.

<sup>121</sup> SÁ, Dominichi Miranda de. *Uma interpretação do Brasil como doença e rotina*. op. cit., p. 190.

<sup>122</sup> LIMA, Nísia Trindade. *Um Sertão Chamado Brasil*. op. cit., p. 106.

Com o objetivo de integrar o país e a população do interior ao saneamento, e criar uma agência pública no âmbito federal, que coordenasse, efetivamente, as ações relacionadas à saúde, em todo o território nacional, a Liga realizou intensa propaganda. O que causou a distribuição em torno de vinte mil exemplares do panfleto *Opilação ou Amarelão*, durante dois anos, entre outros folhetos distribuídos por meio da imprensa que informavam à população sobre as doenças. Ocorreram também conferências, palestras em escolas, em entidades associativas de proprietários rurais e nas Forças Armadas. A Liga teve grande repercussão na imprensa, principalmente, em jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, um dos fundamentais meios de sociabilidade dos intelectuais na época, e em debates no Congresso Nacional<sup>123</sup>.

Mesmo diante de nomes de expressão, a campanha do saneamento enfrentou vários obstáculos, não conseguindo aprovar, no Congresso Nacional, a criação do Ministério da Saúde, uma bandeira importante do movimento sanitarista, ao longo dos anos 1910 e 1920. Apesar desse obstáculo, a trajetória da Liga Pró-saneamento foi bem sucedida e contribuiu decisivamente para a formação de um consenso de uma parcela da intelectualidade, em torno da concepção defendida pela Liga, um projeto de construção nacional através do saneamento e da higiene, propondo a saúde pública para o país. A Liga Pró-saneamento foi extinta em 1920. Embora de vida curta, a Liga foi importante para o surgimento de outras instituições no âmbito da saúde, como a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública, em 1920, durante o governo de Epitácio Pessoa. O Departamento foi dirigido, desde a sua fundação, por Carlos Chagas, um dos principais entusiastas da campanha sanitarista e um dos médicos mais prestigiados entre os brasileiros. A Liga também foi responsável pela criação de outras instituições que viriam a existir no âmbito da saúde, estimulando os debates em torno da saúde pública no Brasil.

Chegamos à perspectiva de que a solução para o problema das doenças, para o movimento sanitarista, era uma reforma que possibilitasse a unificação e centralização das políticas de saúde e de saneamento nas mãos do Governo Federal. Segundo Hochman, existia uma interdependência social<sup>124</sup> nas ações dos médicos brasileiros, na Primeira República, gerado pelas doenças transmissíveis, possibilitando uma interpretação de que as doenças eram o principal problema nacional. O conceito de doenças transmissíveis como sendo

---

<sup>123</sup> LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. *Condenado pela raça, absolvido pela medicina*. op. cit.; BRITTO, Nara. *Oswaldo Cruz*. op. cit.; SÁ, Dominichi Miranda de. *Uma interpretação do Brasil como doença e rotina*. op. cit.

<sup>124</sup> HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. op. cit.

“doenças que pega”, deu o clamor da campanha sanitária para que as autoridades públicas, utilizando todos os recursos da medicina, impedissem que hábitos e práticas como o consumo de álcool, a prostituição, o despejo de lixo em rios e vias públicas, a não utilização de calçados e latrinas, a manutenção de focos de mosquitos, ratos etc., ameaçasse e prejudicasse a saúde e a vida das pessoas que não compartilhavam dos mesmos hábitos. Entre os médicos, havia a compreensão de que era preciso educar individualmente e coletivamente através dos conhecimentos científicos<sup>125</sup>, em nome de um bem maior chamado “nação”.

---

<sup>125</sup> HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. Ibidem, p. 78-79.



## CAPÍTULO II

### BELISÁRIO PENNA: UM SANITARISTA BRASILEIRO

Neste capítulo, analisaremos a trajetória de Belisário Penna, especialmente, nos anos 1910 e 1920, quando sua atuação esteve fortemente identificada com o movimento sanitário. Para estudar a sua trajetória, utilizaremos tanto a historiografia quanto fontes documentais. Uma obra importante, neste sentido, é a tese de doutorado intitulada *O Saneador do Brasil: Saúde Pública, Política e Integralismo na Trajetória de Belisário Penna* (1868-1939), de Leonardo Dallacqua de Carvalho, defendida em 2019<sup>126</sup>. Tomando como desafio a análise das primeiras décadas da vida do sanitário, também utilizamos uma pequena biografia, a partir de notas e fotografias presentes no Fundo Pessoal Belisário Penna, publicado na Revista *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, em 2009, por Eduardo Vilela Thielen e Ricardo Augusto dos Santos, pesquisadores do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ. Outro trabalho com o qual dialogaremos é o artigo de Ricardo Augusto Dos Santos, *Ilusões Biográficas: O Sanitarista Belisário Penna (1868-1939)*, no qual faz crítica a trabalhos que tratam Belisário Penna como “um homem a frente de seu tempo”, ou de biografias que tratam apenas da vida individual do objeto de pesquisa<sup>127</sup>, uma vez que, conforme lembra o autor, “uma biografia é o conjunto de relações sociais”<sup>128</sup>.

Nesta perspectiva, consideramos de suma importância cogitar as relações sociais e intelectuais adquiridas por Penna durante sua trajetória, o que o permitiu a acumular capital simbólico e legitimidade intelectual e política. Uma das estratégias, para acumular ou manter capital simbólico entre os grupos políticos, sobretudo, no Brasil, passava pelos casamentos entre as famílias. Com a família de Penna não foi diferente, Maria Guilhermina de Oliveira Penna, nascida em Barbacena, em 1857, irmã de Belisário, casou-se, em 23 de janeiro de 1875, com Affonso Augusto Moreira Pena (1847-1909), que exerceria a presidência da

<sup>126</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil: saúde pública, política e integralismo na trajetória de Belisário Penna (1868-1939)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.

<sup>127</sup> Consideramos a importância em não realizar um sentido único à trajetória de Penna, como se, o seu caminho estivesse predestinado, ou realizar um percurso romantizado, aquilo que Pierre Bourdieu chamou de “ilusão biográfica” (BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta M. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1998).

<sup>128</sup> SANTOS, Ricardo, Augusto, dos. *Ilusões Biográficas: O Sanitarista Belisário Penna (1868-1939)*. 16º Seminário Nacional de História da ciência e da tecnologia. UFCG / UEPB, Campina Grande, Paraíba, 15 a 18. Outubro. 2018.

República de 1906 a 1909, falecendo durante o mandato. E a filha de Belisário, Eunice Penna, casou-se com Renato Kehl, em 1920, médico e eugenista também prestigiado no campo médico e no interior do movimento eugênico brasileiro. Além dessa união, outro casamento consolidaria os laços entre as famílias. João Penna, filho de Belisário, uniu-se com a irmã de Kehl, Cecília Ferraz Kehl<sup>129</sup>. O próprio Belisário Penna teve esta estratégia durante sua trajetória, como veremos a seguir.

## 2.1. Vida e a formação de um sanitarista

Belisário Augusto de Oliveira Penna nasceu, em 29 de novembro de 1868, em Barbacena, no estado de Minas Gerais, sendo filho de Belisário Augusto de Oliveira Penna e Lina Leopoldina Lage Duque. Seu pai era um nobre que acumulava os títulos de Barão e Visconde de Carandaí, sua mãe era filha de fazendeiro. Ao analisar as memórias de Alberto Augusto Diniz<sup>130</sup> (1868-1956) sobre Penna, Carvalho destaca que a família do sanitarista era tradicional na região de Barbacena, ligada às forças políticas locais. No aspecto religioso, foi educado em uma família católica, como era comum no Brasil daquele período. Sua infância transcorreu sem dificuldades financeiras, em sua cidade natal, e concluiu os estudos secundários no Colégio Abílio<sup>131</sup>. Em 1886, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, mas transferiu-se para a Faculdade de Medicina da Bahia, onde obteve o diploma, em 1890. Ao terminar a faculdade de medicina voltou para Barbacena com a primeira esposa, Ernestina Rodrigues Chaves, com a qual teve quatro filhos, sobrevivendo apenas Maria e Celina<sup>132</sup>. Ernestina era filha de João Rodrigues Chaves, desembargador, fundador e diretor da Faculdade de Direito (Salvador), além de ex-presidente das províncias de Pernambuco,

<sup>129</sup> SANTOS, Ricardo, Augusto. *O Sanitarista Belisário Penna (1868-1939)*. op. cit., p. 07.

<sup>130</sup> Alberto Augusto Diniz, também nascido em Barbacena, era primo de Penna. Construiu sua carreira como advogado e foi diretor da Recebedoria de Minas Gerais e fiscal do governo mineiro junto ao Banco de Crédito Real de Minas Gerais, em Juiz de Fora. Teve destaque em funções administrativas no território do Acre. Inicialmente, em 1908, foi nomeado desembargador do Tribunal de apelação daquela localidade. Posteriormente, em 1926, foi governador do Acre por menos de um ano. Em 1933 elegeu-se deputado pelo Acre e liderou a bancada acreana na Constituinte. Continuou na vida política em 1934, quando foi eleito para a Câmara pela legenda do Partido Popular do Acre. Permaneceu no cargo até o Estado Novo, momento em que são suprimidos os órgãos legislativos do país. Além da vida política, escreveu diversas obras e biografias, como: *No coração do inferno verde; A justiça no território do Acre; Vida que passa, Cartas* (1947), *Henrique Diniz, mineiro de qualidade; O dinamismo patrioticamente construtivo de Belisário Penna*, publicada em 1949 (CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p. 13).

<sup>131</sup>CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. Ibidem, p. 13

<sup>132</sup> SANTOS, Ricardo, Augusto. *O Sanitarista Belisário Penna (1868-1939)*. op. cit., p. 13; THIELEN, Eduardo Vilela; SANTOS, Ricardo Augusto dos. Belisário Penna: notas fotobiográficas. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2009, p. 388.

Santa Catarina e Pará<sup>133</sup>, ou seja, o sogro de Penna, além de pertencer à elite política, era um intelectual com prestígio.

Iniciando a profissão em 1890, Penna foi migrando de cidade em cidade, primeiramente, para Colônia Rodrigo Silva, depois, para Ibertioga, em seguida, para as cidades Lima Duarte e Coronel Pacheco. Quando chegou a Juiz de Fora, em 1896, viu uma cidade em plena expansão, que vivenciava um processo de desenvolvimento e urbanização, oferecendo grandes oportunidades não apenas no campo da medicina, mas também no comércio, o que fez Penna ficar mais tempo nessa cidade. Trabalhou como médico, na Hospedaria dos Imigrantes, mas pediu demissão por falta de atendimento as suas reivindicações<sup>134</sup>. Foi, nessa cidade, em 1897, que sua esposa, Ernestina, morreu de febre amarela, uma das epidemias que causou grandes preocupações para as autoridades do país. A morte de Ernestina e de seus dois filhos, marcam duas questões essenciais para o entendimento de Penna, enquanto profissional, durante a sua trajetória. A primeira se refere à febre amarela, epidemia que o médico iria combater, juntamente com o Instituto Oswaldo Cruz, no início do século XX. Penna também iria se preocupar com a baixa taxa de natalidade infantil, segundo ele, ocasionada pelas doenças que atingiram sua família<sup>135</sup>. Em Juiz de Fora, com o advento da Primeira República, o modo de vida, a pobreza, a ociosidade, a mendicância e o curandeirismo passaram a ser algumas das preocupações por parte da elite local, o que afetou diretamente a percepção de Penna sobre os problemas sociais do país<sup>136</sup>.

Em consequência, no ano seguinte à morte de Ernestina, voltou à Bahia e se casou novamente, agora, com Maria Augusta Rodrigues Chaves, irmã de Ernestina, com quem teve mais nove filhos. Seu segundo casamento indica a manutenção dos laços familiares entre Penna e a família Rodrigues Chaves, além disso, o médico considerava essencial a educação das crianças serem realizada pelas mulheres, conforme veremos no terceiro capítulo. Nesta lógica, a irmã de Ernestina era a mais perto de parentesco para suas filhas, além de tia, ela poderia exercer a função materna. Novamente em Juiz de Fora, Penna tentou uma nova profissão, agora, como comerciante em um empreendimento com o nome de Secos & Molhados. Frustrando-se com o empreendimento, em 1902, tornou-se vereador do município. De acordo com Thielen & Santos, mesmo elegendo-se vereador na cidade, Penna viveu com precariedade de recursos, recorrendo ao auxílio da família<sup>137</sup>. Segundo Carvalho,

<sup>133</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit.

<sup>134</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. Ibidem, p. 17.

<sup>135</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. Ibidem.

<sup>136</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. Ibidem.

<sup>137</sup> THIELEN, Eduardo Vilela; SANTOS, Ricardo Augusto dos. *Belisário Penna*. op. cit., p. 389.

Penna ocupou o cargo de vice-presidente da Câmara Municipal sobre a presidência de João D'Ávila<sup>138</sup>. Seu maior feito, como vereador, foi em 1903, quando representou *o Comércio de Juiz de Fora no Congresso Industrial, Comercial e Agrícola de Belo Horizonte*, exercendo a função de relator da Comissão de Comércio. Em seu discurso, já apresentava algumas críticas que o acompanhariam durante a sua trajetória:

A União, o estado e as municipalidades estão em sua grande maioria inteiramente alheias aos interesses gerais, inscientes de sua missão econômico-administrativa, e entregues à mais desbragada politicagem, que mais que todas as crises econômicas, tem prejudicado nosso país, depreciando e aviltando o caráter do seu povo<sup>139</sup>.

O discurso acima se refere ao descaso dos governantes com os interesses públicos e a costumeira politicagem administrativa, que prejudicavam o Brasil mais do que as crises econômicas. Essa crítica se intensificou anos mais tarde, quando o médico adquiriu visibilidade no cenário público, conforme aparecia em seu mais famoso livro, de 1918, *Saneamento do Brasil*, e o acompanharia até os últimos dias de vida.

Após o cargo de vereador, em 1904, Penna passou no concurso público da Diretoria Geral de Saúde Pública, integrando a equipe de Oswaldo Cruz na inspetoria sanitária do Rio de Janeiro. De acordo com Carvalho, o concurso público teve 42 participantes e Belisário Penna ficou em segundo lugar<sup>140</sup>.

O contexto ao qual Penna chegou ao Rio de Janeiro é marcado por grandes transformações da cidade. No processo de modernização, o Rio sofreu modificações em sua estrutura urbanística, nos aspectos sanitários e na estrutura institucional da saúde pública, sendo o concurso de inspetor parte desse processo. No cenário político, a cadeira da presidência era ocupada por Rodrigues Alves (1848-1919), enquanto, na cadeira de prefeito da capital federal, estava Pereira Passos (1836-1913)<sup>141</sup>. Ambos iniciaram seus mandatos, em 1902, e, terminaram em 1906, e suas administrações foram marcadas pelo estímulo e financiamento de amplos projetos de modernização urbana e reforma social. No mandato do prefeito Pereira Passos, ocorreram mudanças na base estrutural da cidade, desalojando pessoas de suas casas para demolição e reconstrução de alguns lugares da cidade à modelo

<sup>138</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p. 22.

<sup>139</sup> PENNA, Belisário, apud THIELEN, Eduardo Vilela. SANTOS, Ricardo Augusto dos. *Belisário Penna*. op. cit., p. 389.

<sup>140</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p. 31. O autor utilizou o documento *O documento Vida Funcional na Saúde Pública do Dr. Belisário Augusto de Oliveira Penna*, para acentuar a existência da discordância em saber o número de participante e a classificação final de Penna.

<sup>141</sup> CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados*. op. cit.; CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril*. op. cit.

parisiense. Como já foi visto, no capítulo anterior, um dos argumentos para tal reforma estava ligado à higiene e saúde pública, promovendo a maior circulação do ar, com a demolição de prédios, vistos como inadequados no conceito da higiene e da modernização, a abertura de canais de esgoto e a ampliação do saneamento. Além de prevenir epidemias e articular a higiene, essas reformas também previam a atração de novos imigrantes, sobretudo, europeus, bem como a ampliação de investimentos e ocupação dessa parte da cidade pelas elites locais e pelo capital financeiro internacional, entre outros interesses em jogo<sup>142</sup>.

Em 1904, durante a revolta da vacina, Penna compôs o grupo de inspetores responsável pelo serviço de inoculação da vacina, que teve como objetivo a vacinação de maior quantidade de pessoas. Segundo os pesquisadores Thielen & Santos, o sanitarista iniciou suas atividades na 5ª Circunscrição do 6º Distrito Sanitário, que compreendia as ruas Marquês de Sapucaí, Santana, General Pedra, Senador Eusébio, Visconde de Itaúna, São Leopoldo, Alcântara e Marquês de Pombal, área de pequeno comércio e inúmeros cortiços. Naquele momento a epidemia de varíola assolou o Rio de Janeiro. Dentro da área de encargo, Penna conseguiu controlar a epidemia, recorrendo à vacinação de todos os moradores. O médico venceu, inicialmente, a relutância da população acerca da vacina, a partir de estratégia e na maneira de lidar com o povo, ou, simplesmente, em recolher aos hospitais aqueles que não se vacinassem<sup>143</sup>. Em 1905, como reconhecimento por sua atuação, Penna foi designado por Oswaldo Cruz para a direção da 3ª Zona de Polícia de Focos, região dos bairros cariocas da Saúde e Gambôa, na tentativa de contenção da febre amarela<sup>144</sup>.

Segundo Carvalho, foram produzidos dois relatórios da atuação de Penna, na 3ª Zona de Polícia de Focos; o primeiro direcionado ao combate contra a febre amarela, o segundo sobre o estudo dos hábitos de dois mosquitos predominantes, no Rio de Janeiro, o *Segomya faciata* e o *Culex fatigans*. Os relatórios nos trazem uma perspectiva da sua leitura de ciência médica e práticas científicas<sup>145</sup>. No primeiro, aparece pela primeira vez o termo patriótico, ao relatar que o combate e a extinção da febre amarela era uma questão de patriotismo, demonstrando um ideal de saúde pública relacionado à unidade nacional, um aspecto político de Penna que o acompanhou durante sua trajetória<sup>146</sup>. No segundo documento, o sanitarista demonstrou sua aproximação com as técnicas científicas do Instituto Oswaldo Cruz, como o

---

<sup>142</sup>CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados*. op. cit.; CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril*. op. cit.; BENCHIMOL, Jaime. *O Brasil Republicano*. op. cit.

<sup>143</sup> THIELEN, Eduardo Vilela. SANTOS, Ricardo Augusto dos. *Belisário Penna*. op. cit., p. 391.

<sup>144</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p. 33.

<sup>145</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. Ibidem.

<sup>146</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. Ibidem.

uso da medicina experimental. Ele realizou dois experimentos com os mosquitos. Em determinado momento do registro, Penna escreve seus experimentos em laboratório: “Ofereci-lhes então a minha mão e dentro de meia hora fui picado por dez *Stegomyas* que fartaram-se do meu sangue”<sup>147</sup>. Mais adiante, relata outro experimento, quando passou a noite em um quarto fechado repleto de *Culex*. Com a utilização do método experimental, é possível perceber a entrada do sanitarista no campo científico da época, conforme a metodologia utilizada pelos cientistas de Manguinhos<sup>148</sup>.

Em 1907, integrou o grupo de expedições científica realizadas no interior do país, pelo Instituto Oswaldo Cruz. Em sua primeira viagem, atuou como auxiliar do médico Carlos Chagas (1879-1934) no combate e profilaxia do impaludismo no prolongamento de trilhos da Estrada de Ferro Central do Brasil, em Minas Gerais. A expedição durou cerca de 3 anos<sup>149</sup>. Em 1909, participou da principal descoberta médica do período, em um pequeno povoado em Lassance, em Minas Gerais. De acordo com Simone Petraglia Kropf, Carlos Chagas identificou uma nova doença humana (doença de Chagas), causada por um protozoário, até então desconhecido, nomeado por ele *Trypanosoma cruzi* (nome dado em homenagem a Oswaldo Cruz), protozoário transmitido por um inseto hematófago, vulgarmente conhecido como “barbeiro”. Muito comum na época, os insetos se proliferaram, no interior das casas de pau-a-pique, nas áreas rurais do Brasil, em choupanas das paredes não rebocadas e cobertas de capim<sup>150</sup>.

Kropf relata que foi Belisário Penna o responsável pela coleta de alguns exemplares de um inseto<sup>151</sup> sugador de sangue muito comum na região, onde pernoveram em um rancho junto aos engenheiros da ferrovia, às margens do riacho Buriti Pequeno. Foram os “barbeiros”, capturados por Penna, que Chagas examinou e encontrou no intestino formas flageladas de um protozoário, o que fez lançar duas hipóteses: a primeira que poderia ser um “parasito natural do inseto ou uma fase evolutiva de um tripanossoma de vertebrado”<sup>152</sup>. Sem condições de pesquisa em Lassance, Chagas mandou alguns insetos para Manguinhos. Cerca de um mês depois, o médico encontrou um animal adoecido que continha *trypanosoma* no

<sup>147</sup> PENNA, Belisário, 1906 apud CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. Ibidem, p. 34.

<sup>148</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. Ibidem.

<sup>149</sup> PENNA, Belisário. *Saneamento Rural*. Conferência realizada pelo Dr. Belisário Penna, em Belo Horizonte, a 1º de maio de 1918, na sede da Sociedade Mineira de Agricultura, p. 11.

<sup>150</sup> KROPF, Simone Petraglia. *Doença de Chagas, doença do Brasil*. op. cit., p. 26.

<sup>151</sup> De acordo com o chefe da comissão de engenheiros, Cornélio Homem Cantarino Mota, os insetos eram conhecidos como “barbeiro” pelo hábito de picar o rosto de suas vítimas enquanto elas dormiam (apud KROPF, Simone Petraglia. *Doença de Chagas, doença do Brasil*. Ibidem, p. 97).

<sup>152</sup> KROPF, Simone Petraglia. *Doença de Chagas, doença do Brasil*. Ibidem, p. 98.

sangue. Voltando ao instituto de Manguinhos, constatou que o protozoário não era o minasense, mas sim uma nova espécie ao qual batizou de *Trypanosoma cruzi*<sup>153</sup>.

A descoberta da doença de Chagas gerou uma série de debates e polêmicas entre médicos e cientistas da área de saúde. Em 1922, Belisário Penna realizou depoimento posicionando-se sobre a controvérsia em torno da doença de Chagas:

Tenho autoridade para falar sobre o assunto, porque fui, durante os primórdios dessa descoberta, a única testemunha do fato; e com completa insuspeição, pois que me acho afastado e incompatibilizado, por motivos de assuntos de saúde pública, com o descobridor do tremendo flagelo dos sertões. ... Fiz um ligeiro histórico da descoberta mostrando como foram por mim colhidos os primeiros triatomas (barbeiros) em casa de um habitante das redondezas de Lassance, em flagrante de sucção em crianças da casa, os primeiros examinados pelo dr. Carlos Chagas. ... Como negar tenha sido ele o descobridor do trypanosoma, que recebeu mais tarde o nome de 'trypanosoma cruzi', em homenagem a Oswaldo Cruz<sup>154</sup>.

Manifestando as diferenças com o descobridor da doença, Penna se coloca como testemunha da descoberta da *Trypanosoma cruzi* por Carlos Chagas. Durante a década de 1910, os questionamentos quanto à descoberta de Chagas ocorreram tanto no Brasil como no exterior. Na Argentina, entre 1912 a 1915, Carlos Maggio e Francisco Rosenbusch, pertencentes ao Departamento Nacional de Higiene da Argentina, liderados pelo microbiologista alemão Rudolf, levantaram hipóteses criticando os estudos de Chagas. Os médicos, opondo-se à sua tese, questionaram a abrangência da doença e suas relações com o bócio, segundo a qual as regiões de infecção pelo protozoário *Trypanosoma cruzi* seriam, diferentes da infecção observada na Europa, constituindo, assim, uma manifestação clínica da tripanossomíase<sup>155</sup>. Essas críticas, de acordo com Kropf, foram reeditadas entre 1919 a 1923, no campo médico brasileiro<sup>156</sup>. É neste cenário que surgiu o depoimento de Penna defendendo a descoberta da doença por Carlos Chagas. Em 1921, em discurso, pronunciado na Academia Nacional de Medicina, por ocasião da posse como membro honorário, Penna, ao lembrar dos acontecimentos da descoberta de Chagas, enaltece o conhecimento científico adquirido por Carlos Chagas, principalmente, por ter sido filho do Instituto de Manguinhos,

---

<sup>153</sup> KROPF, Simone Petraglia. *Doença de Chagas, doença do Brasil*. Ibidem, p. 98.

<sup>154</sup> PENNA, Belisário, 1922 apud THIELEN, Eduardo Vilela. SANTOS, Ricardo Augusto dos. *Belisário Penna*. op. cit., p. 392.

<sup>155</sup> KROPF, Simone Petraglia. *Doença de Chagas, doença do Brasil*. op. cit., p. 177-179.

<sup>156</sup> KROPF, Simone Petraglia. *Doença de Chagas, doença do Brasil*. Ibidem.

e pela educação científica recebida pelo médico Oswaldo Cruz, de quem era discípulo, assim como Belisário Penna<sup>157</sup>. Nesta significação, o sanitarista teve a intencionalidade de defender, além da descoberta da doença pelo seu colega, o legado de Manguinhos, tanto quanto a própria descoberta científica nacional. O que estava em jogo ia além da legitimidade da descoberta, era o legado de Oswaldo Cruz, e de seus discípulos higienistas e experimentalistas, que, de acordo com Penna, espalharam-se pelo país<sup>158</sup>.

Apesar das desavenças com Chagas, Penna defendeu o campo científico brasileiro, que estava sendo criticado pela cientificidade estrangeira. Isso explica a necessidade de defender um membro do próprio campo que se encontrava em conflito com ele. As desavenças entre os médicos estavam relacionadas com as incompatibilidades administrativas, que ocorreram, quando Carlos Chagas exercia o cargo de Diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública, e, Belisário Penna, era Diretor da Diretoria de Saneamento e Profilaxia Rural<sup>159</sup>. Em seu relatório de serviços profiláticos e de saneamento, destinado ao diretor do Departamento, Penna mostrou suas indignações sobre a distribuição de recursos e da administração dos serviços sanitários e profiláticos<sup>160</sup>, conforme veremos mais adiante.

Integrado ao grupo de Manguinhos, Penna realizou duas importantes viagens científicas entre os anos de 1910 a 1911. A primeira, referente ao contrato Madeira–Mamoré Railway, para a construção da Estrada de Ferro da Madeira-Mamoré, junto ao Instituto Oswaldo Cruz. A segunda viagem, ocorreu no Pará, solicitada pelo então governador do Estado, João Coelho (1852-1926), para resolver o problema de febre amarela<sup>161</sup>. Para compor essa expedição, Oswaldo Cruz convocou uma equipe de médicos e sanitaristas de Manguinhos, entre eles, Belisário Penna.

Já experiente com as atividades das viagens científica, e, profundamente, interessado pelo conhecimento do interior do Brasil, Penna realizaria, em 1912, junto com Arthur Neiva, uma das expedições mais marcantes do período, a expedição ao Norte da Bahia, sudeste de Pernambuco, sul de Piauí, sul e ao norte de Goiás. A viagem fora requisitada pela Inspetoria

---

<sup>157</sup> PENNA, Belisário. *Discurso pronunciado pelo Dr. Belisario Penna na Academia Nacional de Medicina, por ocasião da posse de membro honorário, em 15 de setembro de 1921*, p. 13.

<sup>158</sup> PENNA, Belisário. *Discurso pronunciado pelo Dr. Belisario Penna na Academia Nacional de Medicina, por ocasião da posse de membro honorário, em 15 de setembro de 1921*, p. 14.

<sup>159</sup> Penna, Belisário. *Relatório*. Dos serviços de saneamento e prophylaxia rural. Rio de Janeiro, 8. IV. 1921.

<sup>160</sup> Penna, Belisário. *Relatório*. Ibidem.

<sup>161</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p. 43.



de Obras contra as Secas, com objetivo de fazer um levantamento sanitário e epidemiológico das regiões flageladas pela seca<sup>162</sup>. Nessa expedição, conforme veremos a seguir, além de ter um olhar médico sobre os problemas de saúde da região, de acordo com Nísia Trindade Lima, Penna e Neiva se tornaram sociólogos<sup>163</sup> e interpretaram o interior do Brasil como um lugar atrasado, com péssimas condições sociais e com a população caracterizada pela doença.

## 2.2. A Expedição Científica de Arthur Neiva e Belisário Penna

De acordo com o já frisado, no capítulo anterior, a expedição Neiva-Penna teve grande visibilidade no cenário público. O que mais se destacou, no relatório publicado em 1916, no periódico *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, foi a identificação da população do interior como sendo um povo doente, analfabeto, e abandonado pelos dirigentes do país, além do problema do alcoolismo, uma das grandes preocupações do sanitarista. Segundo Belisário Penna e Arthur Neiva:

Foi bem dolorosa nossa impressão da região percorrida e muito penosa e desconfortavel nossa excursão, pela escassez ou ausencia mesmo de recurso, pelo atrazo e ignorancia de seus habitantes, embora hospitaleiros e de indole pacifica e prestimosa. É uma região que embora seculos habitada, ainda se encontra impermeavel ao progresso, vivendo os seus habitantes como os povos primitivos. Vivem eles abandonados de toda e qualquer assistencia, sem estradas, sem policia, sem escola, sem cuidados médicos nem higienicos, contando com seus parquisimos recursos defendendo suas vidas e propriedades a bacamarte, sem proteção de especie alguma, sabendo da existencia do governo, porque se lhes cobram impostos de bezerros, de bois, de cavalos e burros. vitimas do clima ingrato, da caatinga hostile e de molestia como o impaludismo, a que mais castiga a rejão, em epoca certa do ano<sup>164</sup>.

Descrevendo a excursão em que percorreram os cientistas e as condições sociais que vivia a população interiorana, afastadas dos centros urbanos e do litoral brasileiro, Belisário Penna e Arthur Neiva interpretaram a “realidade” do sertão brasileiro, tanto em termos

<sup>162</sup>NEIVA, Athur; PENNA. Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauhí e de norte a sul de Goiaz*. op. cit.

<sup>163</sup>LIMA, Nísia Trindade. Uma brasileira médica: o Brasil Central na expedição científica de Arthur Neiva e Belisário Penna e na viagem ao Tocantins de Julio Paternostro. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos* vol.16 supl.1 Rio de Janeiro July 2009.

<sup>164</sup>NEIVA, Athur; PENNA. Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauhí e de norte a sul de Goiaz*. op. cit., p. 199.

médicos quanto sociológicos<sup>165</sup>. Durante a expedição, Penna colocou em prática a sua formação e as experiências adquiridas em suas atividades pelo Instituto Oswaldo Cruz. Olhou para o sertão com bagagem científica e instrumentalizou sua visão política, o que o levaria, mais tarde, a intensificar sua luta em prol do saneamento do Brasil. Neste sentido, a partir dessa viagem, Penna viria a se tornar um dos principais líderes intelectuais na luta em defesa do saneamento e da saúde pública.

A linguagem utilizada pelos cientistas, no relatório, apresenta uma forma de entendimento para um público médico, contendo muitos conceitos que estavam presentes na medicina, principalmente, quando adentram em assuntos da bacteriologia e da microbiologia ao modelo pasteuriano<sup>166</sup>. Assim como há uma linguagem mais acessível ao público em geral, tendo como finalidade mostrar como vivia a população brasileira e denunciar o abandono da população interiorana do país. Além da escrita, o relatório possui imagens fotográficas que representam uma linguagem científica da época, como forma de comprovar a “realidade” que estava sendo mostrada.

A expedição iniciou-se, no dia 18 de março de 1912, no Rio de Janeiro. Junto a Penna e Neiva partiram para a viagem os auxiliares, Octavio Amaral e José Teixeira (fotógrafo da expedição que teria um papel fundamental no registro e divulgação posterior). Percorreram o norte da Bahia, o sudoeste de Pernambuco, o sul de Piauí e o norte a sul de Goiás, passando pelas regiões do nordeste e centro-oeste brasileiro. A viagem durou cerca de 7 meses, retornando ao Rio de Janeiro no dia 25 de outubro de 1912. A expedição foi a maior ocorrida no período de 1911-1913, não apenas pelo tempo de duração, mas pela extensão, tendo percorrido sete mil quilômetros<sup>167</sup>.

No relatório de viagem, assim como em seu livro *O Saneamento do Brasil*, Penna critica a visão romantizada do sertão brasileiro. No que diz respeito a esse aspecto, compreendemos a existência da luta simbólica pela interpretação da identidade brasileira, no início do século XX. Penna buscava construir uma outra leitura de Brasil, entendendo que era preciso construir uma imagem mais realista do que é o Brasil e como vivem os brasileiros. A visão romantizada que Penna criticava, naquele momento, dizia respeito à literatura, a qual ganhou prestígio, no modo “malsinado” de contar as causas que transformaram o “deserto” brasileiro na “Chanaan da retórica indígena”, uma visão distorcida da realidade brasileira.

---

<sup>165</sup>LIMA, Nísia Trindade. *Uma brasileira médica*. op. cit.

<sup>166</sup>Relativo a Louis Pasteur (1822-1895), químico e biólogo francês, ou a suas descobertas, ideias e técnicas.

<sup>167</sup> LIMA, Nísia Trindade. *Uma brasileira médica*. op. cit.

Segundo o relatório, produzido por Penna e Neiva, foi no livro de Bento Teixeira (1561-1618), *Diálogo das grandezas do Brasil*<sup>168</sup>, cujo aspecto romântico da literatura teve início e moldou a forma de ver o sertão até os dias atuais<sup>169</sup>.

De acordo com o sanitarista, essa interpretação romântica, ensinada para as crianças nas escolas, afirmava que a “vida simples do sertão é cheia de poesia e de encanto, pela saúde de seus habitantes, pela fartura do solo e generosidade da natureza<sup>170</sup>”. Sua crítica a essas cartilhas escolares indica que, nesse período, Penna já via, na educação, um meio de transformação social, sendo necessário reformar o ensino e os conteúdos ensinados. Ele mesmo se considerava uma vítima do processo escolar mal formulado, destacando que ele próprio foi mal ensinado acerca da vida e da realidade do sertão brasileiro<sup>171</sup>.

Ainda, quanto à crítica literária, os médicos acreditavam que foi por meio de livros e romances que os literatos haviam imaginado um país privilegiado de terras “ubérrimas”, matas “infundáveis” com jazidas auríferas e de diamantes, pedras preciosas, povoando o sertão uma “raça forte e destemida”, cheio de campos verdes e rebanhos de gado saudáveis, um paraíso na terra. De acordo com as palavras dos sanitaristas, se os médicos fossem poetas escreveriam um poema trágico, com descrições das misérias, das desgraças dos infelizes sertanejos abandonados. Ressaltam, ainda, que a poesia da paisagem e dos panoramas ficariam apagados pela tragédia, pela desolação e pela miséria dos habitantes, destaca os sertões do extremo norte ao central como pedaços de “purgatório”<sup>172</sup>.

Neste ponto, consideramos que os médicos, do início do século XX, buscavam se distanciar das interpretações românticas e ufanistas em um processo de autoconstrução profissional e imagem pública, uma forma de se consolidar dentro do campo científico. Conforme destaca Dominichi Miranda de Sá, os médicos criticavam a literatura por não buscar a “verdade”, sendo seus trabalhos apenas de ficção. Os profissionais da ciência

---

<sup>168</sup> Não tem uma data específica para a publicação da obra de Bento Teixeira, além disso existem controvérsias sobre a autoridade da obra e da própria biografia do autor, o livro *Diálogo das grandezas do Brasil*, não tem dados que comprovem a sua autoria, algumas biografias trazem como sua principal obra a poesia *Prosopopeia* (GRUBER, Daniel Fernando. Às vezes o primeiro: rastro de Bento Teixeira na historiografia da literatura brasileira. *Revista Entrelaces*, v. 1, nº 12, abr.-jun. de 2018).

<sup>169</sup> NEIVA, Athur; PENNA. Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. op. cit., p. 179; Penna, Belisário. *Saneamento do Brasil*. op. cit.

<sup>170</sup> NEIVA, Athur; PENNA. Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. op. cit., p.222.

<sup>171</sup> NEIVA, Athur; PENNA. Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. Ibidem.

<sup>172</sup> NEIVA, Athur; PENNA. Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. Ibidem.

deveriam se distanciar das emoções e da subjetividade, e antagônicos à objetividade científica daquela época, eles também padronizaram as linguagens, conceitos e estilos de trabalho, especializando o conhecimento para a afirmação da categoria profissional<sup>173</sup>. Vale lembrar que, nesse período, o campo científico brasileiro estava em processo de construção, transformação e consolidação.

Por essa lógica, Penna buscava ganhar capital simbólico, padronizando as leis e métodos científicos, de acordo com os paradigmas do Instituto de Manguinhos, sobretudo, dentro da tradição médica experimental criada por Oswaldo Cruz e seu grupo. Durante a viagem ao sertão, demonstrou a utilização do método experimental e realizou inúmeros experimentos utilizando animais como cobaias, principalmente, gatos e cães. Junto a Neiva, realizaram experiência com exemplares de *T. Megista* (mosquito), em todos os estados de evolução e de diferentes estados brasileiros, onde reinava a moléstia de Chagas e tantas outras doenças. Fica muito claro, durante o relatório de viagem, a tentativa de provar a transmissão da doença de Chagas pela picada do “barbeiro”; apesar de realizarem muitos experimentos, apenas uma vez, conseguiram infectar a moléstia pela picada em alguns cobaias que alimentavam um lote de “barbeiro”<sup>174</sup>.

Outro aspecto científico, aplicado pelo Instituto Oswaldo Cruz, foi a utilização das fotografias, enquanto ferramenta científica. No início do século XX, a fotografia era vista como instrumento de pesquisa, de registro da produção científica, uma vez que as fotos eram entendidas como provas, como espelho do real. Elas foram empregadas nas atividades desenvolvidas no Instituto, nas campanhas sanitárias, bem como nas expedições científicas<sup>175</sup>. A expedição Neiva-Penna teve produção de 162 registros fotográficos, e teve várias temáticas, englobando imagens da flora e fauna dos locais percorridos, habitações, métodos e maquinário de trabalho, meios de transportes, cidades e vilas, animais e pessoas doentes<sup>176</sup>. Segundo Azevedo, as fotografias também ajudaram nas pesquisas e na consolidação do Instituto em medicina tropical<sup>177</sup>.

---

<sup>173</sup> SÁ, Dominichi, Miranda de. *A Ciência como Profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro; Editora Fiocruz, 2006. O Livro da historiadora Dominichi Miranda de Sá é de grande importância para compreender o processo de especialização da atividade intelectual no Brasil durante as três primeiras décadas do século XX.

<sup>174</sup> NEIVA, Athur; PENNA. Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. op. cit., p. 117.

<sup>175</sup> AZEVEDO, Maria Cecília Neves de. *Um olhar sobre o sertão*. op. cit., p.14.

<sup>176</sup> NEIVA, Athur; PENNA. Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. op. cit., p. as fotos estão anexadas nas últimas 27 páginas do relatório.

<sup>177</sup> AZEVEDO, Maria Cecília Neves de. *Um olhar sobre o sertão*. op. cit.

Analisando as fotografias, percebe-se a intencionalidade de comprovar a veracidade da escrita do relatório, ou seja, as fotos reafirmavam a realidade social em que viviam a população interiorana relatada pela expedição. Dessa forma, as fotografias foram organizadas no relatório com o mesmo sentido do texto, principalmente com a primeira parte que traz um aspecto geral da expedição. Elas, enquanto ferramentas científica, davam mais legitimidade para a escrita do relatório, pois era uma forma de legalizar aquilo que estava sendo dito. O impacto que teve a expedição científica Neiva-Penna, na esfera pública, também pode ser compreendido pela utilização das fotos, para atestar a imagem de uma população que se encontrava em atraso civilizatório, resultado das doenças e pela falta de assistência do governo republicano nas regiões interioranas do país.

Entre as doenças que assolavam o interior do Brasil, os médicos relataram a malária, a doença de Chagas (ainda relacionada ao bócio), a febre amarela, o impaludismo, a ancilostomose, e, entre outras doenças, até então desconhecidas, como o vexame, a entalção, em alguns lugares chamado de “mal de engasgo”. As doenças, além de ocasionarem mortes, deixavam a população fraca, o que causava a fragilidade em atingir potencialidade para o trabalho. Como poderia o Brasil modernizar-se com a grande maioria da sua população doente? Sem linhas telegráficas, estradas de Ferro, sem condições higiênicas e de saneamento? Para os intelectuais e médicos do início do século XX, era preciso levar em consideração essas condições, para se conseguir a modernização e o tão almejado progresso do Brasil, isso só ocorreria através do despertar dos governantes do país.

Ao relatarem as doenças, os médicos acabaram descrevendo a “realidade” sociocultural da população do interior. Além de um olhar médico, os cientistas tiveram um olhar de sociólogos. De acordo com a historiadora Nísia Trindade Lima, de certo modo, as ideias e práticas sociais dos cientistas-viajantes os tornaram “sociólogos por acaso”, uma vez que suas interpretações médicas abriram espaços para reflexões sobre a realidade social brasileira<sup>178</sup>. Neste mesmo sentido, o historiador Leonardo Dallacqua de Carvalho relatou a transformação do médico como um “sociólogo por convicção”, após Penna começar a escrever artigos, em 1916, para o Jornal *Correio da Manhã*, descrevendo a situação que se encontravam os sertões e oferecendo as soluções por meio do saneamento. Para o historiador, nesse momento, o sanitarista toma uma posição política antifederalista, defendendo a unidade nacional por meio de uma ampla reforma social que incluísse um projeto claro de saúde da

---

<sup>178</sup> LIMA, Nísia Trindade. *Uma brasileira médica*. op. cit.

população do interior do país. O que o transformou em um “sociólogo por convicção” foi a crescente relação entre sua tradição médica e suas ações políticas<sup>179</sup>, uma vez que Penna encontrou na medicina uma forma de militar em defesa do saneamento, da higiene e da saúde pública.

Na conferência, realizada na Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia em 1922, Belisário Penna afirma que “O médico precisa ser um sociólogo”<sup>180</sup>. Segundo ele, a função do médico ia além de exercer a profissão dentro das clínicas, uma vez que sua função também estaria ligada em curar a sociedade, prevenindo doenças, de divulgar noções científicas, preceitos higiênicos, profiláticos e eugênicos, em todas as classes da sociedade, a fim de formar a “consciência sanitária nacional”<sup>181</sup>. Na continuação da conferência, Penna relata:

Foi a convivência com Oswaldo Cruz, desde 1904, que esclareceu o meu espírito, e revelou a influencia decisiva da classe medica na organização de uma sociedade forte e valorosa, quando não se limita a tratar doentes, mas sobretudo se dedica ao combate ás doenças, e mais que tudo á prevenção contra ellas<sup>182</sup>.

A partir das palavras de Penna, podemos refletir em duas hipóteses: a primeira é referente à época, na qual foi realizada a conferência (1922), período em que Penna, pela visão de Carvalho, já era um “sociólogo por convicção”. Seu discurso teve a intencionalidade de mostrar seu legado, enquanto discípulo de Oswaldo Cruz, mas também tinha por objetivo mostrar para a classe médica que, para formar uma consciência sanitária, eles teriam que adotar uma visão sociológica de Brasil. A segunda hipótese é a de que Penna, em 1922, demonstra, antes mesmo da viagem científica com Arthur Neiva, que já tinha uma convicção de sociólogo, pois, na citação acima, o médico afirma ter sido na convivência com Oswaldo Cruz que esclareceu e revelou a influência da classe médica na organização da sociedade. Desde então, o sanitarista deixa claro que não parou um só dia de se dedicar ao problema sanitário do Brasil<sup>183</sup>. Antes mesmo dessa expedição, Penna, conforme observamos, já havia realizado outras viagens científicas pelo IOC, no combate às doenças e profilaxias, em Minas Gerais, Pará e na construção da Estrada de Ferro da Madeira-Mamoré. Neste seguimento, Penna encontrou, na medicina, uma forma de militar em prol do saneamento, da higiene e da

<sup>179</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p. 57-58.

<sup>180</sup> PENNA, Belisário. *Valorização do Homem e da Terra*. Conferência realizada pelo dr. Belisario Penna, a 20 de maio de 1922, na cidade de campos, a convite da Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia, p. 7.

<sup>181</sup> PENNA, Belisário. *Valorização do Homem e da Terra*. Ibidem.

<sup>182</sup> PENNA, Belisário. *Valorização do Homem e da Terra*. Ibidem, p. 7-8.

<sup>183</sup> PENNA, Belisário. *Valorização do Homem e da Terra*. Ibidem, p. 8.

saúde pública no Brasil, antes mesmo da sua principal viagem científica. Mas, foi a partir da segunda metade da década de 1910, que sua militância se ampliou para o cenário público, assim como seu projeto sanitário nacional se expandiu com a publicação dos artigos no *Jornal Correio da Manhã*, de seu livro *Saneamento do Brasil* e com a criação da Liga Pró-Saneamento do Brasil, em 1918. Portanto, entre um “sociólogo por acaso” e um “sociólogo por convicção”, tomando como plausível a segunda hipótese, denominamos Belisário Penna, durante sua viagem científica Neiva-Penna, como um “médico-sociólogo”.

Ainda, no relatório, Belisário Penna, como médico-sociólogo, relatou que todos os domicílios pelos trajetos percorridos, os moradores ofereciam condições para a reprodução dos triatomas, como o barbeiro. As casas eram construídas de adobe e não eram rebocadas, ou em partes sem reboco, o que gerava condições às triatomas de se alojarem nas trincas das paredes<sup>184</sup>. Em sua visão, as condições sociais influenciavam fortemente para o grande número de doenças que assolavam o interior do país. Nesta sequência, durante a passagem pelo estado da Bahia, Penna relata com Neiva:

Certa vez, em habitação bahiana bastante afastada de qualquer povoação, tivemos de seu proprietário, a exata definição do que de fato é a moradia sertaneja isolada do mundo, sem recursos, sem vias de comunicação, telegrafos e correios; onde a notícia do que vai pelo planeta é transmitida oralmente pelo raro viajante que passa, ou trazida pelo recemvindo enviado como estafeta (“positivo”) e portador duma carta ou recado de um amigo ou parente distante, tratando de negocios urgente... “isto aqui, é uma sepultura aberta”<sup>185</sup>.

Nesse trecho, fica claro o intuito de mostrar a precariedade social das habitações, longe de qualquer civilização, com o acesso impermeável e, totalmente, abandonada. Seu objetivo era chamar atenção das autoridades públicas, relatando como viviam a maioria da população brasileira. A frase “isto aqui, é uma sepultura aberta” é uma forma de denunciar a alta taxa de mortalidade que existia nos sertões, em uma época de debates sobre a necessidade de aumentar o número de habitantes no país, principalmente para a mão de obra. Para Belisário Penna, era necessário o cuidado com os próprios brasileiros, antes mesmo de olhar para a imigração. Quanto ao movimento sanitarista do final da década de 1910, enunciados como “isto aqui, é uma sepultura aberta” tornaram-se uma forma de militar em prol do

---

<sup>184</sup>NEIVA, Athur; PENNA. Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. op. cit., p.100-101.

<sup>185</sup>NEIVA, Athur; PENNA. Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. Ibidem, p. 174.

saneamento do Brasil, assim como o célebre discurso “O Brasil é um imenso hospital”, de Miguel Pereira, foram frases impactantes para chamar atenção das autoridades públicas.

As demonstrações pela ausência do Estado ainda continuaram nas descrições sociais da população. Em seu entendimento, devido à falta de educação, assistência e higiene, os moradores do sertão tinham tendências para regredir. Pela ausência de civilidade, os casamentos não tinham registros civis e as crianças não eram registradas, e nem os obituários eram feitos. Do mesmo modo, a mortalidade infantil era alta, a grande maioria das crianças que nascia, morriam por causa do impaludismo e infecções intestinais, causados pela falta de preceitos higiênicos<sup>186</sup>. A taxa de analfabetismo era enorme, variando de região para região. Em alguns lugares a taxa chegava a 95%, em outros 85%, sendo que a menor taxa foi registrada com 80% por um professor que pulava de fazenda em fazenda para exercer a função de escriba. A alimentação das pessoas pobres era quase exclusivamente uma mistura de farinha com carne de sol e rapadura, de modo que em muitas regiões as pessoas comiam o que caçavam, sem sal, cozido a água acompanhado de arroz. Muitos viviam na miséria, vivendo “ao Deus dará”<sup>187</sup>. O vestuário era o mais rudimentar possível, em geral, andavam descalços, o que ajudava a contrair as doenças<sup>188</sup>. O que para o médico, era uma questão de educação higiênica e sanitária, visto que, uma das prevenções da ancilostomíase era o uso de calçado e de latrina<sup>189</sup>.

Os sertanejos, na visão de Penna, eram impermeáveis ao progresso, pois os artefatos da indústria moderna raramente chegavam ao sertão. Os moinhos de café quase não eram vistos, e o mesmo ocorria com a máquina de costura e o pilão, que eram insubstituíveis, o que caracterizava, para ele, um atraso em comparação com lugares ditos civilizados. Neste ponto, enquadramos o intelectual dentro da visão dualista de litoral/sertão, conceitos que estavam sendo construído no campo intelectual, científico e político da época, sobretudo, a partir da influência de Euclides da Cunha, como vimos no capítulo anterior. De um lado, o litoral era um lugar caracterizado pelo “progresso”, pela “civilização” e pela “modernização”, já o sertão como um lugar “atrasado”, “primitivo” e de “barbárie”<sup>190</sup>, além disso, para os

---

<sup>186</sup>NEIVA, Athur; PENNA. Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. Ibidem, p. 151-152.

<sup>187</sup>NEIVA, Athur; PENNA. Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. Ibidem, p. 164.

<sup>188</sup>NEIVA, Athur; PENNA. Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. Ibidem, p. 167.

<sup>189</sup> PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil*. op. cit.

<sup>190</sup>LIMA, Nísia Trindade. *Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil*. op. cit.



médicos ligados ao IOC, o sertão era sinônimo de distanciamento do poder público. A descrição feita pela intelectualidade, desse período, é a de dois mundos completamente diferentes, um sendo oposto ao outro, mas, duas categorias que são indissociáveis na construção simbólica da nação brasileira, no início do século XX<sup>191</sup>.

Neste ponto de vista, Penna defendia a ideia de que o Estado deveria adentrar o sertão com o objetivo de levar o progresso e a civilização, transformando as sociedades consideradas “semi-civilizadas”<sup>192</sup> por meio de medidas de saneamento, higienização, construções de estradas de ferro, linhas telegráficas, postos de profilaxia e, também, através da imigração. No que tange ao papel da imigração, o médico ressalta o atraso das regiões do nordeste pela ausência do imigrante europeu. Citando um negociante, Penna e Neiva descrevem:

[...] o Snr. José Dos Reis, que durante algum tempo teve como trabalhador um colono italiano o qual em pequeno tracto de boâ terra á margem do rio Preto, conseguiu transformal-o em grande horta fértil e abundante; com a sua retirada tudo decaiu, pela incapacidade de obter trabalhadores nacionais perseverantes<sup>193</sup>.

Cabe lembrar que Penna era a favor da imigração, porém, acreditava ser necessário o cuidado com os brasileiros quanto a preceitos higiênicos, sanitários e da profilaxia, como forma de reforçar a mão de obra do país, antes mesmo de potencializar as políticas imigratórias. A comparação entre o imigrante e o trabalhador nacional é sempre relacionada pelas condições de produção devido ao estado de saúde e de alimentação que cada um se encontra. No livro, *Minas e Rio Grande do Sul*, escrito, em 1918, descreve o trabalhador mineiro com aspectos de palidez, um “homem magro, sem musculatura, a empregar grande esforço para produzir pouco, trabalhador lento e penoso, sendo “pobres diabos desnutridos”,

<sup>191</sup>LIMA, Nísia Trindade. *Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil*. Ibidem.

<sup>192</sup> Ao argumentar sobre as condições sociais que propagava o bócio, Penna ressaltou a existência de uma sociedade “semi-civilizada”, que estava entre a “civilização primitiva” como a dos índios e a “civilização litorânea”. De acordo com o médico, ao ocorrer a intermediação entre a “civilização primitiva” e as condições sociais das vilas e cidades sertanejas atrasadas a propagação do bócio aumentava, por outro lado, na medida em que a “civilização litorânea” adentra na sociedade “semi-civilizada” o bócio ia desaparecendo (NEIVA, Athur; PENNA. Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. op. cit., p. 122-124).

<sup>193</sup>NEIVA, Athur; PENNA. Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. Ibidem, p. 175.

doentes e na sua maioria cachaceiros”<sup>194</sup>, o oposto do trabalhador italiano, que sadio e alimentado ganhava o dobro em sua produção na colheita do café<sup>195</sup>. Esse relato lembra a transformação do *Jeca-Tatu*, de Monteiro Lobato, visto no primeiro capítulo. Também, para Penna, a medicina, a higiene e a imigração transformariam o sertão e o sertanejo atrasados, em modernos e civilizados.

Ainda, em seu livro, Penna faz uma comparação econômica e das condições sanitárias entre os estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul. As semelhanças dos estados, consideravam-os como agrários, viviam da pecuária e da agricultura. A diferença estava no investimento em saúde do estado do Rio Grande do Sul, o que potencializava a produção do trabalhador, ocasionando uma economia mais elevada em comparação à de Minas. Os trabalhadores do sul, na visão de Penna, também eram mais produtivos pela boa alimentação e pelo estado de saúde, sendo os salários, da mesma forma, mais elevados. Penna reclamava da administração das fazendas de Minas, pelas más condições dos trabalhadores, os quais se encontravam doentes e sem boa nutrição. Além disso, lembrava que Minas sofria pela falta de moralidade na política, pela doença e pela pobreza, e a grande diferença estava no investimento no saneamento. No subtítulo do livro, está o sinônimo dos dois estados, sendo um Estado de doença, Minas Gerais, e outro Estado de saúde, o Rio Grande do Sul<sup>196</sup>.

O livro foi resultado da excursão que Penna realizou no sul do país, após regressar da expedição Neiva-Penna, ainda, em meados da década de 1910. O médico pediu licença de um ano das atividades pelo Instituto e realizou uma viagem, percorrendo os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul<sup>197</sup>. De acordo com Carvalho, a iniciativa de Penna era levar adiante a reforma sanitária e colocar suas propostas no cenário público. O objetivo da viagem ao sul era coletar dados sanitários da região, por consequência, adquiriu argumentos para indicar antagonismos entre as diferentes regiões nacionais. Retornou ao Rio de Janeiro, em 1914, para restituir seu cargo de inspetor sanitário. A partir desse momento, a trajetória de Belisário Penna começa a ser marcada pelo seu aparecimento na esfera pública, como veremos no tópico a seguir.

---

<sup>194</sup> PENNA, Belisário. *Minas e Rio Grande do Sul*. Estado da doença, Estado da saúde. Rio de Janeiro: Tipografia Revista dos Tribunais, 1918, p. 07.

<sup>195</sup> PENNA, Belisário. *Minas e Rio Grande do Sul*. Ibidem.

<sup>196</sup> PENNA, Belisário. *Minas e Rio Grande do Sul*. Ibidem.

<sup>197</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p. 50-51.

### 2.3. Belisário Penna: a medicina como instrumento político

A trajetória de Belisário Penna, a partir do ano de 1916, ficou marcada pela sua ação como militante pelo saneamento do Brasil. Ele publicou treze artigos no *Jornal Correio da Manhã*, entre 17 de novembro de 1916 a 23 de janeiro de 1917, para ampliar as discussões sobre os problemas sanitários e saúde do Brasil. A partir da publicação dos artigos, percebemos a intenção de Penna em atingir um grande público, principalmente, dos setores administrativos do Brasil. Além de alcançar o próprio campo da medicina, os artigos eram destinados a intelectuais e educadores em geral, dirigentes do país e, para a elite vigente, como forma de divulgar seu projeto de nação e angariar novos adeptos ao movimento sanitário. Foi preciso se sociabilizar com diferentes áreas, para atuar dentro do cenário público, atuando na vida política, ministrando palestras, em instituições públicas, em faculdades e escolas, além da publicação de suas ideias, em artigos, encaminhados para periódicos científicos e revistas ou jornais de grande circulação.

Os treze artigos publicados, no *Correio da Manhã*, seriam republicados na primeira parte do livro *Saneamento do Brasil*<sup>198</sup>. De acordo com Carvalho, foi no momento entre a publicação dos artigos e do livro que Penna se tornou um homem público com autoridade capaz de consolidar um projeto de saneamento para a nação<sup>199</sup>. Neste período da sua trajetória, além de médico, ele se tornou um intelectual, colocando em ação suas ideias, por meio dos seus escritos, com a intencionalidade de denunciar o abandono da população sertaneja pelo Estado e de colocar seu projeto de nação “na ordem do dia”.

No que se refere à estrutura do livro *Saneamento do Brasil*, sua principal obra, está dividida em duas partes. A primeira composta pelos treze artigos do *Correio da Manhã* e um capítulo adicional denominado *Ferro em brasa*. Na segunda parte do livro, Penna apresenta seu plano de saneamento rural para o país, além de relatar uma abordagem sociológica sobre as doenças. O médico apresenta os efeitos e precauções de doenças como malária, lepra, ancilostomíase, chagas, leishmaniose, do mesmo modo que apresenta os efeitos do álcool, como principal companheira das doenças. Além de indicar medidas higiênicas, o sanitário oferece estatísticas, ilustrações e fotografias, acerca das enfermidades e a situação no interior

---

<sup>198</sup> Os artigos que fazem parte do livro estão entre as páginas 07 a 88, constituem a primeira parte do livro, os artigos foram publicados no livro de acordo com Penna por uma grande demanda de pedidos (NEIVA, Athur; PENNA, Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. op. cit.).

<sup>199</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p. 62.

do Brasil. Penna mostra as profilaxia e as técnicas da medicina para lidar com as doenças, e assume uma posição antifederalista, propondo a unidade nacional, da higiene e da moral.<sup>200</sup>

Em seu livro, Penna propõe uma interpretação das relações entre doença, sociedade e Estado, e uma modificação do papel do Governo Federal, nos campos de saneamento e saúde pública<sup>201</sup>. Ele realiza uma crítica contundente ao sistema federalista e ao descaso da elite política brasileira<sup>202</sup>. De acordo com o sanitarista, uma das principais causas do problema da doença, no Brasil, estava relacionada à desorganização do trabalho agrícola, resultado da abolição da mão de obra escrava. Para ele, o sistema escravista era bem organizado, sob o interesse dos senhores, e ofereciam condições de trabalho favoráveis, com uma boa alimentação, vestimenta e moradia aos escravos. Após a abolição, espalharam-se em todas as direções, nas matas e nos sertões, sem consciência higiênica e entregues ao álcool, voltando ao seu estado de “selvagem”. O que correu, para Penna, foi uma desorganização social pós-escravidão, e, conseqüentemente, a fome e a miséria ocasionaram a intensidade e extensão das moléstias no interior país<sup>203</sup>.

Nas palavras de Penna, a continuação da “catástrofe” aconteceu com o sistema governamental republicano, que destruiu de vez a organização social e política do antigo regime<sup>204</sup>. Com a Proclamação da República e a abolição da escravidão, as condições sociais tiveram grandes transformações, passando, agora, o poder sobre a vida dos indivíduos para o Estado, teoricamente o responsável por sua população. Mas na prática o que ocorreu foi o abandono do povo sertanejo do interior e da população negra e parda das áreas urbanas. Com o passar do tempo, as condições sociais ficaram ainda piores e as doenças se expandiram pelo território do país, o que Belisário Penna considerava uma degeneração da “raça brasileira”.

Para ele, o regime monárquico era bem estruturado e seus servidores não tinham interesses individuais, uma vez que suas ações estariam a serviço dos interesses da pátria<sup>205</sup>. Nesta perspectiva, Penna considerava que o Brasil tinha que ter mais vinte anos de Monarquia para poder se preparar para o regime republicano, com República unitária e parlamentar e só depois a construção de uma República Federalista e a autonomia dos Estados<sup>206</sup>. O apego de

<sup>200</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. Ibidem, p. 57; PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil*. op. cit.

<sup>201</sup> HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. op. cit., p. 71.

<sup>202</sup> HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. Ibidem; CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit.; Belisário. *Saneamento do Brasil*. op. cit.

<sup>203</sup> PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil*. op. cit., p. 15.

<sup>204</sup> PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil*. Ibidem, p. 32.

<sup>205</sup> PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil*. Ibidem, p. 33.

<sup>206</sup> PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil*. Ibidem.

Penna à Monarquia estava ligado ao modelo de República federalista, construído com a constituição de 1891. Culpado, segundo ele, pelos atuais problemas do Brasil, pela tirania das oligarquias locais, não passando alguns estados de vastos sertões desabitados, tendo pequenos núcleos com a população ignorantes e pobres dominadas por sistemas de coronelismos e opressão. Em seu entendimento, a República brasileira dos primeiros decênios nada mais era do que “vinte pátrias”, sendo dominada por “quatro” estados que correspondem a uma oligarquia central<sup>207</sup>.

Penna pertencia a uma geração que foi crítica ao sistema republicano<sup>208</sup>. Para ele, a República havia gerado a politicagem e estimulados os interesses individuais, políticos que pensavam em suas satisfações e interesses pessoais e ignoravam os interesses da pátria. Penna acreditava que a corrupção e o luxo corrompiam o sistema político e a falta de moralidade era uma das grandes questões a serem resolvidas. Só a partir da moralidade política e social, o Brasil teria “verdadeiros patrióticos”, os quais salvariam o país do descaso que se encontrava. Neste ponto, é importante ressaltar que, durante a sua trajetória, Belisário Penna, segundo Carvalho, desenvolveria uma interpretação de sociedade integrada, a partir da qual chegou à convicção, a necessidade de um Estado autoritário preocupado com o bem comum acima dos indivíduos<sup>209</sup>.

Penna também atacou a artificialidade da indústria e do urbanismo nesse período. Seguindo a tradição de Alberto Torres<sup>210</sup>, um intelectual alinhado com um nacionalismo centralizador e autoritário, era a população rural a base da nacionalidade brasileira, que tornava-se a vítima preferida da doença, da ignorância e do alcoolismo, exploradas pelo

---

<sup>207</sup> PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil*. op. cit., p. 59; HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. op. cit., p. 71.

<sup>208</sup> Penna no documento intitulado *A Escola e a República*, cita além de Alberto Torres outras intelectuais pertencentes a geração da Primeira República para criticar o regime, por exemplo, Vicente Licínio Cardoso, Pontes de Miranda e Frota Pessoa (PENNA, Belisário. *A Escola e a República*. 1925. (recorte avulso, Fundo Belisário Penna, DAD-COC).

<sup>209</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p. 138; Carvalho destaca a influência dos escritos de Oliveira Vianna no pensamento político de Penna, principalmente a ideia de Estado autoritário e mais tarde na década de 1930, Plínio Salgado iria influenciá-lo. Ainda neste aspecto, Penna já demonstrava desde o *Saneamento do Brasil*, sua admiração por um líder que tivesse aspectos nacionalistas e carismático. Apesar de não ter o poder totalmente centralizado, D. Pedro II tirava elogios de Belisário Penna, um homem inteligente e patriótico, que durante mais de 40 anos governou o Brasil com honestidade. Era de um homem com esses princípios patrióticos que o Brasil precisava para o Brasil ser salvo, em sua visão (PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil*. op. cit., p. 47-49).

<sup>210</sup> Alberto de Seixas Martins Torres, nasceu em Itaboraí em 26 de novembro de 1865 e faleceu no Rio de Janeiro em 29 de março de 1917. Foi político, jornalista e bacharel em direito. Também foi um pensador social brasileiro preocupado com questões da unidade nacional e da organização social brasileira (REZENDE, Maria José de. *Organização, coordenação e mudança social em Alberto Torres*. Estudos de Sociologia, n. 8, 1º sem. 2000). Ver mais sobre a influência de Alberto Torres no pensamento político de Belisário Penna na obra de CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit.

“industrialismo urbano forçado”, uma vez que boa parte da população rural abandonou os campos para ir às fábricas para melhorar “sua triste sorte”<sup>211</sup>.

Alberto Torres foi um grande influenciador, no pensamento político de Belisário Penna. A interferência do jurista brasileiro aparece, principalmente, nas críticas sobre a República e ao Liberalismo. Torres via, na desorganização do regime republicanos, um dos principais problemas nacionais. Em sua obra *O problema Nacional*, de 1913, Torres considerava que a verdadeira raiz dos “problemas nacionais brasileiro” estava ligada à falta de ordenamento adequado, no sentido da condução dos seus reais problemas, o que demandava urgentemente a “organização nacional do país”<sup>212</sup>. Em outras palavras, para ele, existia, no Brasil, uma alienação política da elite brasileira, em que predominava a falta de “consciência nacional” sobre a realidade que constituía a nação<sup>213</sup>. Ao realizar críticas acerca do regime republicano, Penna faz referência ao jurista como sendo um dos mais notáveis e patriotas, pois, pelos estudos científicos, políticos e sociais, mostrou a necessidade de uma organização nacional<sup>214</sup>, e destacou a pouca importância que os dirigentes do país davam aos estudos de Torres<sup>215</sup>. Além disso, de acordo com Carvalho, as teses de Torres haviam convencido o sanitarista da relevância da integração nacional, desta forma, Penna seguiu a orientação de moldar a nação, a partir de uma política guiada pela consciência nacional<sup>216</sup>.

Além da influência de Torres, no pensamento político de Penna, vale lembrar que a publicação do livro do médico-sanitarista está relacionada à intensificação do debate sobre saúde e saneamento, que aconteceu no contexto do surgimento de inúmeros movimentos nacionalistas<sup>217</sup>. O período também corresponde à Primeira Guerra Mundial e ao imediato Pós-Guerra, o que acarretava aos movimentos descobrir, afirmar e reclamar os princípios de nacionalidade e realizá-los através do Estado<sup>218</sup>. Segundo Gilberto Hochman, as guerras geraram debates e polêmicas sobre determinismo e melhoria racial, nos quais as condições de saúde tiveram papéis relevantes<sup>219</sup>. Uma das principais características de Penna, em seu discurso pelo saneamento do Brasil, é o nacionalismo, colocando-se como patriótico, “um

<sup>211</sup> PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil*. op. cit., p. 49.

<sup>212</sup> TORRES, Alberto. *O problema Nacional*: introdução a um programa de organização nacional. eBooksBrasil.com, 2002 [1913].

<sup>213</sup> TORRES, Alberto. *O problema Nacional*. Ibidem; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A política biológica como projeto*. op. cit., p. 25.

<sup>214</sup> PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil*. op. cit., p. 82.

<sup>215</sup> PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil*. Ibidem, p. 82-83.

<sup>216</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p. 155.

<sup>217</sup> HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. op. cit.

<sup>218</sup> HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. Ibidem, p. 62.

<sup>219</sup> HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. Ibidem.

amante apaixonado por sua pátria”<sup>220</sup>, assumindo o discurso nacionalista como uma forma de dar visibilidade e legitimidade ao seu projeto de nação.

Os movimentos e organizações nacionalistas, como a Liga de Defesa Nacional, Liga Nacionalista de São Paulo, Liga Contra a Tuberculose, Liga Anti-alcoólica, entre outras, vislumbravam vários caminhos para a recuperação ou fundação da nacionalidade, entre eles, saúde, educação, civismo, valores nacionais e serviço militar obrigatório. O sentimento nacionalista conquistou diversos intelectuais, como Monteiro Lobato, Olavo Bilac (1865-1918), Afonso Arinos de Melo Franco (1868-1916) e Miguel Calmon (1879-1935), intelectuais que se projetaram com o discurso nacionalista e a valorização do território nacional<sup>221</sup>. Penna integrava uma corrente médica e intelectual que compartilhava um sentimento nacionalista e de salvação do sertão. Sobre sua liderança, foi fundada, em 11 de fevereiro de 1918, no primeiro aniversário da morte de Oswaldo Cruz, a Liga Pró-Saneamento do Brasil. A Liga pretendia alertar a elite política e intelectual para a precariedade do saneamento no interior do Brasil. As preocupações não eram apenas relacionadas à saúde pública, mas de intervenção política em nível nacional para os problemas do Brasil. Dentro da Liga, Penna discursou e escreveu onde lhe deram espaço, em fóruns profissionais, na imprensa, em periódicos, congressos e em eventos políticos.

De acordo com Dominichi Miranda de Sá, com a publicação do livro *Saneamento do Brasil* e a fundação da Liga Pró-Saneamento do Brasil, foi oficializada definitivamente o Movimento Sanitarista, com a intenção de atingir um vasto público e de agregar a adesão dos médicos e políticos, alertando para as péssimas condições do interior do Brasil<sup>222</sup>. Como já frisamos, no primeiro capítulo, a Liga e o Movimento Sanitarista integraram vários participantes, entre eles, os catedráticos das faculdades de Medicina do Rio e da Bahia, os cientistas do Instituto Oswaldo Cruz, antropólogos do Museu Nacional, funcionários federais dos serviços de saúde pública e o próprio presidente Wenceslau Braz. Foi criada também uma representação da Liga em São Paulo, sendo os integrantes os mesmos da Sociedade Eugênica daquele estado, como Renato Kehl e Arthur Neiva, entre outros<sup>223</sup>.

<sup>220</sup> PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil*. op. cit., p. IV.

<sup>221</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p.63; HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. op. cit., p. 63; SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco*. op. cit.

<sup>222</sup> SÁ, Dominichi, Miranda de. *O Brasil “modelado” na obra de Belisário Penna (1916-1935)*. Dissertação (mestrado em História). Rio de Janeiro, UFRJ, IFCS, 1998, p. 58.

<sup>223</sup> SÁ, Dominichi, Miranda de. *O Brasil “modelado” na obra de Belisário Penna*. Ibidem, p. 58; LIMA, Nísia Trindade. *Um Sertão Chamado Brasil*. op. cit., p.106; HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. op. cit., p. 76.

Associados à Liga, os intelectuais passaram a se pronunciar, realizando palestras sobre profilaxia, demonstrações de ações de prevenção e educação higiênica, escrever artigos sobre o tema, fazer propaganda em todos os espaços públicos possíveis. A Liga criou, ainda, um periódico oficial denominado *Saúde*, para publicação de artigos referente ao interesse de se propagar o saneamento<sup>224</sup>. Segundo Penna, a imprensa de todo o país recebeu a Liga de forma simpática com inúmeras manifestações de aplausos<sup>225</sup>. O movimento procurava pressionar o Poder Legislativo para produzir uma legislação sanitária e levar à autoridade pública. Segundo Hochman, o objetivo geral era a criação de uma agência pública de âmbito federal, que uniformizasse o serviço, realizasse ações de saúde em todo o território nacional, que superasse os limites constitucionais impostos pela ação da União, que era restrito ao Distrito Federal, e aos portos<sup>226</sup>. Para Belisário Penna, o objetivo da Liga também estava relacionado ao patrocínio da educação higiênica pelo Estado, assim sendo, seu projeto sanitário nacional entraria em ação, visto que, para ele, a saúde era o principal meio para formar uma nação com a população forte para o trabalho o que levaria, conseqüentemente, a prosperidade do país<sup>227</sup>, conforme veremos no terceiro capítulo. A expressiva repercussão da campanha pelo saneamento resultou na visita do presidente Venceslau Brás, ao posto de profilaxia na periferia da cidade do Rio de Janeiro, em abril de 1918, o que foi visto como um claro apoio ao movimento sanitarista. O posto de profilaxia representava a instalação de alguns postos para combater a malária e a ancilostomose, que era considerada, também, parte dos objetivos e estratégias do movimento para combater as endemias, educar a população e chamar a atenção da opinião pública<sup>228</sup>.

A Liga Pró-Saneamento do Brasil teve seu fim, em 1920, após dois anos de ação, apesar disto, seus principais objetivos foram alcançados, entre eles, a criação do Serviço de Profilaxia Rural e, especialmente, a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), no final dos anos 1910. O primeiro ficou ao ofício de Belisário Penna, enquanto o

---

<sup>224</sup> SÁ, Dominichi, Miranda de. *O Brasil "modelado" na obra de Belisário Penna*. op. cit., p.60; Nísia Trindade. *Um Sertão Chamado Brasil*. op. cit. De acordo com Hochman o livro de Monteiro Lobato *O Problema Vital* foi editado pela Liga Pró-Saneamento do Brasil e pela Sociedade Eugênica de São Paulo como ferramenta de campanha pelo saneamento (HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. op. cit., p. 76).

<sup>225</sup> PENNA, Belisário. *Saneamento Rural*. Conferência realizada pelo Dr. Belisário Penna, em Belo Horizonte, a 1º de maio de 1918, na sede da Sociedade Mineira de Agricultura. Belo Horizonte, 1º de maio de 1918, p. 35.

<sup>226</sup> HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. op. cit., p. 77.

<sup>227</sup> PENNA, Belisário. Pequenos cuidados higienicos. *Revista do Brasil*. Ano III, n. 33, setembro de 1918, p. 7-8.

<sup>228</sup> HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. op. cit., p. 77.



DNSP foi presidido por Carlos Chagas. Ao assumir tal função, Penna começou a trajetória em cargos de administração pública, levando adiante seu projeto nacional de saneamento<sup>229</sup>.

Em meio à ideologia nacionalista dos anos 1910, a campanha sanitária abraçou o nacionalismo militante, como forma de disseminar e legitimar seus projetos intelectuais e políticos, nomeando a doença como o grande problema a ser enfrentado pelas autoridades públicas e intelectuais do país. Vale destacar, segundo Hochman, que “o nacionalismo do movimento sanitarista, apontado pela literatura, deve ser entendido como a descoberta da nação, a partir do entendimento da interdependência social promovida pela doença”<sup>230</sup>. Desta forma, a doença foi interpretada como um problema nacional a ser resolvido para a construção da identidade brasileira. Além disso, o movimento sanitário buscava também a construção do poder público, por via deste, a integração nacional<sup>231</sup>. As criações das instituições, voltadas para a área da saúde pública, apesar de não terem solucionado os problemas de saúde da população, significou a presença do poder público em quase todas as unidades da federação, desta forma, deu-se o processo de construção, penetração e expansão do Estado, via centralização territorial, por meio de um processo efetivo de construção da nação, a partir da ação normalizadora, educativa e regulatória<sup>232</sup>. Belisário Penna foi um agente desse processo, participou, ativamente, da construção do poder público, gerado pela consciência da interdependência social, voltada para a saúde pública, sendo um dos principais líderes do movimento sanitarista, continuando sua militância pela saúde pública por via do saneamento do Brasil, o sanitarista ocupou cargos públicos e entrou em grupos políticos, durante a década de 1920 e início da 1930, como veremos a seguir.

#### **2.4. Belisário Penna entre os anos 20 e 30**

Na década de 1920, em consequência dos debates e movimentos anteriores, ocorreu, no Brasil, um processo de interiorização dos serviços de saúde, que teve por lastro uma efetiva participação do Estado na formulação de ideologias e políticas que visavam a salvação

<sup>229</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p. 67.

<sup>230</sup> HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. op. cit., p.78.

<sup>231</sup>HOCHMAN, Gilberto. Regulando os efeitos da interdependência: sobre as relações entre saúde pública e a construção do Estado (Brasil 1910-1930). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.6, n. 11, 1993, p. 53.

<sup>232</sup>HOCHMAN, Gilberto. *Regulando os efeitos da interdependência*. Ibidem.

nacional por meio da educação e da saúde pública<sup>233</sup>. Tal processo foi possível pela atuação dos movimentos nacionalistas do final da década de 1910, como vimos no tópico anterior, em destaque, o Movimento Sanitarista. A partir de então, os sanitaristas brasileiros ganharam maior poder no território nacional<sup>234</sup>.

Neste cenário, Belisário Penna ganhou destaque, transformando-se em um dos principais líderes do movimento sanitário e alcançando visibilidade na esfera pública, caminhando entre a medicina e a política. Seu reconhecimento como autoridade pública pelo saneamento o levou a importantes cargos durante a sua trajetória. Em 1918, como já destacamos, foi nomeado pelo presidente Wenceslau Braz como Diretor do Serviço de Profilaxia Rural do Distrito Federal; em 1920, ocupou o cargo de Diretor da Diretoria de Saneamento e Profilaxia Rural do recém-criado Departamento Nacional de Saúde, e Delegado de Saúde, em 1921<sup>235</sup>. Além disso, tornou-se membro honorário da Academia Nacional de Medicina<sup>236</sup>, e, em 1922, da Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia<sup>237</sup>.

Em 06 de junho de 1920, Penna discursava com entusiasmo sobre a Lei nº 3.987, de 2 de janeiro de 1920, que criava o Departamento Nacional de Saúde Pública, visto como uma conquista da sua geração:

Se uma libertou alguns milhões de brasileiros do jugo de outros homens [Lei Áurea], a outra [Lei Adamantina] vai libertar toda a população do jugo das doenças, vai levantar o físico, as energias, a inteligência de toda a nação, vai levar a todos os lares o benefício inestimável da saúde e os ensinamentos para conservá-la, e impulsionar portanto as fontes econômicas, a riqueza e o progresso da nossa pátria. Vai ser o início de uma era nova, de um período de iniciativa proveitosa, “A Era do Saneamento”<sup>238</sup>.

<sup>233</sup> SANTOS, L. A. de C. Poder, ideologias e saúde no Brasil da Primeira República: ensaio de sociologia histórica. In: HOCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. História e Saúde collection. 568 p. ISBN 978-85-7541-311-1. Available from SciELO Books. p. 249-294. Sobre saúde e educação durante a Primeira República, ver FERREIRA, Leonardo Costa. Educação e Saúde na Primeira República: debates e reformas entre 1910 e 1920. *Revista NUPEM*, Campo Mourão, v. 4, n. 6, jan./jul. 2012, p. 103-118.

<sup>234</sup> SANTOS, Ricardo, Augusto, dos. *O Sanitarista Belisário Penna (1868-1939)*. op. cit., p. 12.

<sup>235</sup> HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. op. cit., p. 132; CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p. 92; THIELEN, Eduardo Vilela. SANTOS, Ricardo Augusto dos. *Belisário Penna*. op. cit. 2009; PENNA, Belisário. *Discurso pronunciado pelo Dr. Belisário Penna, na Academia Nacional de Medicina, por ocasião da posse de membro honorário*, em 5 de setembro de 1921.

<sup>236</sup> PENNA, Belisário. *Discurso pronunciado pelo Dr. Belisário Penna na Academia Nacional de Medicina, por ocasião da posse de membro honorário*, em 15 de setembro de 1921.

<sup>237</sup> PENNA, Belisário. *Conferência realizada pelo dr. Belisário Penna, a 20 de maio de 1922, na cidade de campos, a convite da Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia*.

<sup>238</sup> PENNA, Belisário. *A Era do Saneamento*. Conferência realizada pelo Dr. Belisário Penna, em Entre Rios, no dia 6 de junho de 1920. p.15.

O Decreto da Lei nº 3.987, que criava o DNSP, resultou em uma das principais conquistas do Movimento Sanitarista e atendia a um desejo antigo do campo médico. Apesar de não responder todas as reivindicações do movimento, consolidava maior autoridade da União sob os estados; organização da saúde pública por uma perspectiva centralista; e para sua realização, havia a presença de um discurso nacionalista<sup>239</sup>. A Lei procurava, também, resolver a ausência de recursos financeiros, problema recorrente da campanha pelo saneamento. Porém, seu entusiasmo com a nova Lei começou a sucumbir pelas insuficiências financeira do DNSP, que se tornou uma das centrais críticas realizada por Penna entre os anos de sua permanência no Departamento<sup>240</sup>.

Em seu relatório de serviços de saneamento e profilaxia rural, com destino ao diretor geral do DNSP, o médico Carlos Chagas, Penna demonstrou sua indignação pela insuficiência de recursos financeiros, pelo atraso das dívidas do Departamento e da Diretoria de Saneamento e Profilaxia Rural, de atrasos salariais dos servidores, do processo burocrático ao qual a Diretoria sofria, e pela falta de autonomia da instituição e do chefe do serviço sobre a Secretária do Interior e da Fazenda<sup>241</sup>. Penna também criticou a forma da distribuição financeira para os estados, e elaborou proposta a distribuição de recursos para o saneamento e o funcionamento administrativo da profilaxia rural e do saneamento do interior do país<sup>242</sup>. O sanitarista, que no início do DNSP estava motivado, viu-se aprisionado ao sistema burocrático e pela ausência de autonomia do seu cargo, algo que ele sempre almejou, enquanto esteve ligado aos serviços de saúde pública. Bem provável que Penna era seduzido pelo cargo de Diretor do DNSP, suas críticas e propostas, durante o relatório, transmitiram uma aparência de alguém com capacidade de liderança e que adquiria conhecimento a administração da saúde pública. Isso evidencia que ele estava em constante disputa pela hegemonia no campo político. Mas, devido à autoridade de Carlos Chagas, como Diretor do Departamento, Penna viu em sua retórica de desapego à cargos públicos uma forma de exoneração de seu cargo, visto que essa era uma maneira de salvar sua imagem perante aos conflitos administrativos e políticos<sup>243</sup>.

---

<sup>239</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p. 96.

<sup>240</sup> Penna, Belisário. *Relatório*. Dos serviços de saneamento e prophylaxia rural. Rio de Janeiro, 8. IV. 1921, p. 3.

<sup>241</sup> Penna, Belisário. *Relatório*. Ibidem, p. 4-7.

<sup>242</sup> Penna, Belisário. *Relatório*. Ibidem, p. 7-13.

<sup>243</sup> De acordo com Carvalho, os pedidos de demissão dos cargos público era uma estratégia adquirida por Penna de manutenção da sua imagem de desapegado a cargos públicos e de comprometimento com a nação (CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p. 130).

Devido aos acontecimentos financeiros e administrativos, Penna desligando-se do Departamento voltou ao cargo de Delegado de Saúde, atribuído em 1921, no governo de Epitácio Pessoa. Retornou também à atividade intelectual, reeditando o livro *Saneamento do Brasil*. Além da reedição do livro, a pedido do Governador do Estado de São Paulo, Washington Luís, escreveu dois trabalhos sobre higiene: o primeiro foi publicado com o título *Higiene Brasileira*, que, segundo Carvalho “foi planejado no formato de lições, seu conteúdo é direcionado a lições de biologia, corpo humano, vida orgânica e vegetal, higiene, doenças, água e ar atmosférico”<sup>244</sup>. O segundo livro, *Amarelão e Maleita*, publicado em 1924, teve como foco a educação sanitária e o cuidado em relação à malária e à ancilostomíase<sup>245</sup>.

Durante os anos de 1922 a 1926, a gestão presidencial de Artur Bernardes (1875-1955), ficou marcada pelo aumento da crise política do republicanismo, das disputas oligárquicas e a instabilidade com os militares. Com a eclosão da Revolta de 1924, Belisário Penna manifestou seu desprezo ao atual Governo de Bernardes, criticou a instauração de estado de sítio, posicionando-se ao lado dos militares. Em agosto de 1924, em carta aberta para a mulher e aos filhos, Penna explicava:

Foi após a leitura, nos jornais, em seguida à ocupação da capital pelos revoltosos, do seu manifesto à nação, onde se expõe os mais puros e alevantados propósitos, em linguagem simples e clara, não sujeito a interpretações; onde se declara peremptoriamente não haver absolutamente intuítos de ditadura militar, nem ambição de cargos pelos militares, mas o propósito firme e decidido de varrer a politicalha e moralizar de fato o regime, foi desde então que abracei a revolução, cujos princípios são os mesmos pelos quais me bato sem tréguas nem temor, pela palavra escrita e falada, desde 1916<sup>246</sup>.

Em suas declarações, é possível compreender a adesão pelo tenentismo, as ideias dos “revoltosos” batiam com o seu projeto de nação<sup>247</sup>. Para ele, a revolta foi um ato patriótico, com o objetivo de defender a moralização política contra a oligarquia cafeeira. O movimento não pretendia uma ditadura, era contra o sistema federalista, posicionamentos políticos que Penna defendia, desde a década de 1910. Em consequência da sua participação na revolta, foi preso e enviado à capital paulista e, em seguida, transferido para o Rio de Janeiro por seis meses.

<sup>244</sup>CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. Ibidem, p. 104.

<sup>245</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. Ibidem; THIELEN, Eduardo Vilela. SANTOS, Ricardo Augusto dos. *Belisário Penna*. op. cit.

<sup>246</sup> PENNA, Belisário, 1924apud THIELEN, Eduardo Vilela. SANTOS, Ricardo Augusto dos. *Belisário Penna*. Ibidem, p. 399.

<sup>247</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p. 106.

Afastado dos cargos públicos, seria reintegrado, apenas em 1927. Nesse intervalo, como empregado do Laboratório Daudt, Oliveira & Cia. (empresa farmacêutica), percorreu novamente o país, realizando conferências. Escreveu sobre higiene e educação para vários jornais, publicando uma série de artigos sobre o problema da lepra<sup>248</sup>, entre eles se destaca: *Lepra latente e seus perigos*, obra que também ganhou uma versão em espanhol e foi editado pela editora A. Pedemonte, no Peru. Ainda, no cenário internacional, publicou um trabalho intitulado *El problema de la lepra*, no periódico argentino *La Medicina Argentina*<sup>249</sup>.

É importante lembrar que Penna também participou do movimento eugênico durante esses anos. O principal líder da eugenia brasileira, Renato Kehl, era genro de Penna, o que ajudou a aproximá-lo do movimento. Tornou-se membro da Comissão Central Brasileira de Eugenia, sendo secretária sua filha, Eunice, esposa de Kehl. Este tema trataremos, mais especificamente, no próximo capítulo.

Em 1927 e 1928, como chefe do Serviço de Propaganda e Educação Sanitária, percorreu os estados de Minas Gerais, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, divulgando as ideias sanitárias, até ser requisitado pelo presidente do estado do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas, para estudar as condições sanitárias do estado. Vale lembrar sua admiração pelo estado no modo de lidar com a saúde pública, uma vez que Penna já havia realizado uma viagem pelo estado, na década de 1910, para estudar as condições sanitárias da região, em que resultou seu livro *Minas e Rio Grande do Sul*. Deslocando-se para lá, iniciou um período de intenso trabalho, no qual proferiu conferências, apresentou relatórios e indicou providências a respeito dos problemas da saúde. Durante sua permanência no estado, se aproximou da política de Vargas<sup>250</sup>, além de se engajar na preparação da “Revolução de 1930”.

Logo depois da tomada de poder pela Aliança Liberal, em 1930, Belisário Penna foi nomeado diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública. Em sua gestão, foram criados os serviços de Profilaxia de Moléstias Contagiosas dos Olhos e o de Lactários; intensificou-se o combate à febre amarela, no interior do estado do Rio de Janeiro e na Zona da Mata de Minas Gerais; firmaram-se contratos com a Fundação Rockefeller<sup>251</sup> para que esta assumisse

<sup>248</sup> PENNA, Belisário. *Razão deste Opusculo*. (recorte avulso, Fundo Belisário Penna, DAD-COC).

<sup>249</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p. 109.

<sup>250</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p. 112.

<sup>251</sup> No que diz respeito a Fundação Rockefeller, de acordo com Carvalho, há variações de críticas e elogios por parte de Belisário Penna durante sua trajetória; Idem; ver mais sobre a crítica de Penna sobre a Fundação Rockefeller (1923), em CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *Soberania Nacional em Risco: uma crítica de*

a direção do Serviço de Febre Amarela do Distrito Federal; foi sancionada legislação sobre o exercício da medicina, farmácia e odontologia, a importação e o uso de substâncias entorpecentes, o exame prévio, falsificação e fraude de gêneros alimentícios, e sobre escolas de enfermagem.

Em setembro de 1931, Penna, de maneira interina, assumiu o Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP), criado depois da chegada de Vargas ao poder. Substituiu Francisco Campos, que se demitiu devido à crise desencadeada pela tentativa de deposição do Presidente mineiro Olegário Maciel, ocorrida em agosto. Três meses depois que Francisco Campos retornou ao cargo, Belisário Penna voltou a ocupar a diretoria do Departamento Nacional de Saúde Pública. Com a entrada de Washington Pires (1892-1970) no Ministério, foram realizadas uma reforma no MESP e no DNSP, que desagradou profundamente Penna. Outra vez, por falta de recursos, para implementar seus projetos, pela ausência de autoridade e pela incompatibilidade administrativa com Pires, ele pediu demissão<sup>252</sup>.

Durante a década de 1930, descontente com Vargas e cada vez mais alinhado com um pensamento autoritário, Penna filiou-se à Ação Integralista Brasileira (AIB), fundada por Plínio Salgado, tornando-se membro da Câmara dos 40, órgão supremo do integralismo. De acordo com Carvalho, a entrada de Penna à AIB ocorreu em 1935, quando publicou, no *Jornal Correio da Manhã* e no *Jornal integralista A Offensiva*, um artigo explicando sua adesão ao ingresso no movimento naquele período<sup>253</sup>. Segundo Santos, em uma de suas últimas manifestações públicas, Penna compareceu, com uniforme integralista e cercado pelos companheiros camisas-verdes, a um encontro com Getúlio Vargas. Foram comunicar ao presidente da República e ao ministro da Justiça o resultado da escolha de Plínio Salgado como candidato a uma provável eleição presidencial<sup>254</sup>. Em uma carta, *Porque sou Integralista*, Belisário Penna argumentou sobre sua posição política:

Do exposto posso responder que sou integralista, porque já o era desde mais de vinte anos; porque creio em Deus e pratico a moral cristã; porque não sou um instintivo e quero o primado do espírito sobre a matéria; porque não sou regionalista e amo com igual afeto os patrícios de todas as regiões do nosso Brasil, que quero unidos, integrados numa só aspiração, num só sentimento; porque amo a família, célula mater da sociedade, que, sem ela, não passa de um rebanho de animais, como ora acontece na Rússia; porque,

---

Belisário Penna à ação da fundação Rockefeller no Brasil (1923). *Outros Tempos*, vol. 14, n. 24, 2017 p. 17 - 34.

<sup>252</sup>CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p. 130.

<sup>253</sup>CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. Ibidem, p. 216.

<sup>254</sup> SANTOS, Ricardo, Augusto, dos. *O Sanitarista Belisário Penna (1868-1939)*. op. cit., p. 12.

finalmente, tenho plena e absoluta confiança em Plínio Salgado, o criador e o chefe nacional do integralismo, predestinado por Deus para libertar o Brasil do regionalismo destruidor da pátria, da sua escravização ao capitalismo internacional e da calamidade da peste bolchevista<sup>255</sup>.

A adesão de Penna ao integralismo remete à conclusão de que, durante sua trajetória, ele aderiu cargos públicos e grupos políticos por terem como ideais: o patriotismo, o antifederalismo, a moralização política e a centralização do Estado. No que se refere à carta, ainda aparece o anticomunismo, que, para ele, ia contra os princípios morais da sociedade, como a religião e a família. Em 1938, após a tentativa de golpe desfechada pelos integralistas, o movimento foi reprimido e desmantelado<sup>256</sup>. Penna retirou-se da política para viver em sua fazenda, no interior do estado do Rio de Janeiro, onde faleceu em 4 de novembro de 1939, 25 dias antes de completar 71 anos.

---

<sup>255</sup> PENNA, Belisário, apud SANTOS, THIELEN, Eduardo Vilela. SANTOS, Ricardo Augusto dos. *Belisário Penna*. op. cit., p. 402.

<sup>256</sup> SANTOS, Ricardo, Augusto, dos. *O Sanitarista Belisário Penna (1868-1939)*. op. cit., p. 12.

## CAPÍTULO III

### HIGIENE, EUGENIA E NAÇÃO EM BELISÁRIO PENNA

#### 3.1. Higiene e Eugenia no Brasil

É ao que se propõe a sciencia eugênica ou Eugenia, que tem por fim a pesquisa e a aplicação dos conhecimentos uteis á reprodução, á conservação e ao aperfeiçoamento da espécie, cuidando particularmente dos assumptos de hereditariedade e de seleção no que fôr applicavel á espécie humana, das questões relativas á influencia do meio, da situação econômica, da legislação e dos costumes, sobre o valor das gerações successivas, e sobre suas aptidões physicas, intellectuaes e moraes<sup>257</sup>.

A citação, acima, foi retirada do prefácio escrito por Belisário Penna do livro de Renato Kehl, *Eugenia e Medicina Social* (1920), primeira obra publicada pelo médico e eugenista diretamente relacionada às ideias eugênicas.<sup>258</sup> É importante lembrar que Kehl foi o principal propagandista da eugenia no Brasil, e a participação de Penna prefaciando seu livro demonstra a associação entre as ideias eugênicas relacionadas à saúde pública, por meio da higiene e do saneamento, uma aliança que ganharia força nos anos que se seguiram. O prefácio escrito pelo sanitarista também significa uma estratégia para divulgar as ideias eugênicas nos meios intelectuais, científicos e políticos. Penna era um dos principais líderes do movimento sanitarista na década de 1910, e dispunha naquele momento de grande prestígio, o que dava a ele legitimidade para atuar no cenário público, conseguindo, assim, adeptos para a “nova ciência de Galton”, principalmente na capital federal<sup>259</sup>. Por outro lado, podemos considerar a intencionalidade de Penna em ampliar seu projeto de saneamento, expandindo sua área de atuação onde lhe dessem espaços<sup>260</sup>. Portanto, a incorporação do discurso eugênico ocorreu na medida em que as ideias da eugenia no Brasil se assemelhavam ao seu projeto sanitário.

Ainda, no trecho acima, é possível perceber os pressupostos eugênicos adquiridos no Brasil, durante o final da década de 1910, de modo que uma das principais características da eugenia brasileira esteve relacionada à adoção das teses neolamarckistas, segundo as quais, as características adquiridas do meio, como a higiene e a educação, seriam, hereditariamente,

---

<sup>257</sup>PENNA, Belisário. Prefácio. In: KEHL, Renato. *Eugenia e Medicina Social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1920.

<sup>258</sup>SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A política biológica como projeto*. op. cit., p. 98.

<sup>259</sup>SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A política biológica como projeto*. Ibidem.

<sup>260</sup>CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p. 88.



transmitidas para as futuras gerações, contribuindo para o aperfeiçoamento da espécie humana. Desse modo, conforme destaca Nancy Stepan, a eugenia, no Brasil, foi apropriada de forma mais “suave”, quando comparada à eugenia de outras partes do mundo, uma vez que se associou ao modelo de eugenia “preventiva”, relacionada muito mais ao meio social, aos cuidados higiênicos e sanitários, do que propriamente ao controle reprodutivo e suas medidas mais duras, ligadas a chamada eugenia “negativa”<sup>261</sup>. No entanto, de acordo com Vanderlei de Souza, no final da década de 1920, eugenistas mais radicais como “Renato Kehl, Ernani Lopes, Pacheco e Silva, Azevedo Amaral, Xavier de Oliveira, entre outros, defendiam o programa de uma “eugenia negativa” e racista, ao estilo alemão e norte americano”, cujas tradições científicas eram predominantemente ligadas ao mendelismo<sup>262</sup>. Sendo assim, segundo esse historiador, no Brasil, a adesão a um ou outro modelo de explicação genética não significou a incorporação de uma eugenia menos ou mais radical<sup>263</sup>.

Além da intervenção do meio, Penna considerava a situação econômica do Brasil como fator de interferência na geração de “proles saudáveis”, já que estava no poder econômico dos países a implementação de políticas públicas, pertinentes às áreas de saúde e educação, como forma de potencializar a mão de obra do trabalhador, o que geraria mais riquezas à nação. Já, na área da legislação, a discussão estava relacionada à criação de leis educativas que garantissem a reprodução de pessoas de “boa estirpe”, como os exames pré-nupciais e a educação sexual e moral<sup>264</sup>. No que se refere aos costumes, Penna considerava a educação higiênica e eugênica como meio eficaz para gerar hábitos saudáveis na população, criando assim uma “consciência sanitária”, conforme veremos no decorrer do capítulo. No prefácio, que preparou, no livro de Renato Kehl, Belisário Penna saudou os esforços do “jovem eugenista”, e destacou a importância do livro para “preencher uma lacuna sensível no nosso meio intelectual, embora um pouco alheio à notável doutrina de Galton”<sup>265</sup>.

---

<sup>261</sup>STEPAN, Nancy Leys. *A Eugenia no Brasil*. op. cit.

<sup>262</sup>SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A política biológica como projeto*. op. cit., p. 175.

<sup>263</sup> SOUZA, Vanderlei Sebastião de. As ideias eugênicas no Brasil: ciência, raça e projeto nacional no entreguerras. *Revista Eletrônica História em Reflexão*: Vol. 6 n. 11 – UFGD - Dourados jan./jun. 2012, p. 14-15.

<sup>264</sup>Esse modelo estava mais relacionado a eugenia “positiva”, visava a reprodução das pessoas consideradas eugenicamente mais aptas para gerar uma “prole saudável”. No Caso do Brasil, a eugenia “positiva” esteve em estreita consonância com a eugenia “preventiva”, mais preocupada com as questões de higiene, saúde e educação.

<sup>265</sup>PENNA, Belisário. *Prefácio*. op. cit.

Segundo Nancy Stepan, o interesse pela eugenia no país antecede a Primeira Guerra Mundial<sup>266</sup>. O termo brasileiro, *Eugenia*, foi introduzido como título de uma tese da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sob a orientação do Professor Miguel Couto, defendida por Alexandre Tepedino, em 1914<sup>267</sup>. Antes desta tese, pequenos artigos foram escritos por Erasmo Braga, João Ribeiro e Horácio de Carvalho no início da década de 1910. De acordo com Souza, foi o filólogo João Ribeiro, membro da Academia Brasileira de Letras, quem empregou pela primeira vez a palavra “eugenia”, ao invés de “eugênica”, como pretendiam alguns gramáticos brasileiro<sup>268</sup>. Já o artigo de Horacio de Carvalho trazia considerações gerais sobre a organização e as ideias do movimento eugênico na Inglaterra, seu artigo foi publicado no jornal *O Estado de São Paulo* em 1912<sup>269</sup>.

Mas foi ao final da década de 1910 que as discussões eugênicas começaram a ganhar espaços no Brasil, quando, em 1917, o médico-eugenista Renato Kehl iniciou uma campanha de divulgação da eugenia no campo médico e intelectual brasileiro. No ano seguinte, no dia 15 de janeiro de 1918, ocorreu o primeiro encontro da Sociedade Eugênica de São Paulo. A primeira sessão da sociedade reuniu centenas de médicos e autoridades locais, e se tornou um marco histórico, pois foi a primeira sociedade de eugenia da América Latina<sup>270</sup>.

A Sociedade Eugênica de São Paulo tinha como objetivo os estudos e aplicações da eugenia no Brasil, e suas finalidades estavam relacionadas às questões de hereditariedade, descendência e evolução, para a conservação e aperfeiçoamento da espécie humana. Essas discussões eram fundamentais aos médicos-sanitaristas do período, inclusive a Belisário Penna, que projetava a solução dos problemas sociais brasileiros a uma associação entre eugenia e higiene. Neste período, Penna ocupava o cargo de diretor do Serviço de Profilaxia Rural e acabará de fundar a Liga Pró-Saneamento do Brasil, sendo convidado por Renato Kehl, eugenista de São Paulo, para liderar a propaganda eugênica no Rio de Janeiro, empregando sua influência para disseminar as ideias eugênicas na capital federal. Em 1918, Penna chegou a ser nomeado, ao lado de Amâncio de Carvalho e Agostinho de Souza Lima, Presidentes Honorários da Sociedade Eugênica de São Paulo. Segundo Souza, Kehl acreditava que “Belisário Penna poderia desempenhar um papel importante entre os intelectuais cariocas, não somente por ser uma autoridade intelectual e política reconhecida,

---

<sup>266</sup>STEPAN, Nancy Leys. *A Eugenia no Brasil*. op. cit.

<sup>267</sup>STEPAN, Nancy Leys. *A Eugenia no Brasil*. Ibidem, p. 335.

<sup>268</sup>SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A política biológica como projeto*. op. cit., p. 29-30.

<sup>269</sup>SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A política biológica como projeto*. Ibidem, p. 29-30.

<sup>270</sup>SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A política biológica como projeto*. Ibidem, p. 33; STEPAN, Nancy Leys. *A Eugenia no Brasil*. op. cit., p. 339-340.

mas, especialmente pelas campanhas que ele vinha desenvolvendo em prol da higiene e do saneamento”<sup>271</sup>.

Mas, afinal, o que levou a emergência da eugenia no Brasil, e como ela foi apropriada por médicos, intelectuais e autoridades públicas? Conforme indica Stepan, o surgimento da eugenia, no Brasil, primeiramente, esteve ligada tanto às questões de saúde pública e à alta de higiene quanto às discussões raciais. Nesse contexto, ainda, segundo Stepan, a entrada do país na Primeira Guerra Mundial, em 1917, levou as autoridades a discutir as condições físicas e a vitalidade dos soldados brasileiros, sua prontidão e disciplina, o controle da ordem, das competências e, em consequência, a própria capacidade racial brasileira<sup>272</sup>. Por outro lado, aos olhos das nações europeias, o Brasil era visto como um país “atrasado” que se encontrava em estado de degeneração, oposto aos países “civilizados” e “avançados”, o que ocasionou a necessidade de se criar uma outra imagem do Brasil no exterior. Enquanto, nos países europeus, a guerra intensificava o medo da degeneração racial, no Brasil, a guerra gerou um novo otimismo sobre a possibilidade de regeneração nacional.

A emergência da eugenia no Brasil também esteve ligada ao espírito nacionalista que contagiou a Primeira República, levando a criação de uma série de ligas nacionalistas, entre elas a própria Sociedade Eugênica de São Paulo. Como vimos, essas instituições nasceram do desejo de projetar o Brasil no cenário internacional, em definir as “realidades do país” em termos próprios e de conseguir soluções para os problemas do Brasil. Assim, encontraram, na medicina social e na eugenia, uma maneira científica de salvar o país do atraso, como um ato patriótico e, ao mesmo tempo, uma função da atividade pública realizadas pelos “homens de ciência”.

Desde que surgiu, no Brasil, a eugenia apareceu como uma resposta aos problemas relacionados às questões nacionais, em que os brasileiros se referiam como “questão social”<sup>273</sup>. De acordo com que vimos nos capítulos anteriores, a população brasileira se deparava em péssimas condições sociais e de saúde pública, tanto na área rural como nos centros urbanos. Ao mesmo tempo, a grande maioria dos brasileiros era formada por negros e miscigenados recém saídos do sistema escravista. Ao lado de grupos de indígenas e sertanejos que se espalhavam pelo interior do Brasil, encontravam-se em estado de extrema pobreza, em péssimas condições higiênicas e sanitárias, e abandonados pelas autoridades públicas. Essas condições sociais geravam uma série de epidemias, deixando a população

---

<sup>271</sup> SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A política biológica como projeto*. op. cit., p. 78.

<sup>272</sup> STEPAN, Nancy Leys. *A Eugenia no Brasil*. op. cit., p. 335-336.

<sup>273</sup> STEPAN, Nancy Leys. *A Eugenia no Brasil*. Ibidem, p. 336.

doente, fraca e improdutiva. Além disso, não tinha direito a qualquer forma de cidadania, e estava abandonada a sua própria sorte, conforme denunciavam os relatórios de médicos, viajantes e sanitaristas. Por outro lado, o processo de urbanização a expansão da imigração e a introdução da indústria e da mão de obra operária, principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, colaboravam para aumentar os problemas sanitários e o temor de novas epidemias, como a febre amarela, a peste bubônica, a tuberculose e a varíola<sup>274</sup>. Consequentemente, o Brasil, aos olhos dos países “civilizados”, continuava sendo visto como uma nação “incivilizada”, que se encontrava em franco estado de degeneração racial.

Outro fator predominante, para a introdução da eugenia no Brasil, foi a “questão racial” brasileira. Desde a metade do século XIX, os estrangeiros, vistos como “civilizados”, entre eles, cientistas, viajantes e intelectuais, haviam condenado o futuro do Brasil através das teorias científicas e preceitos raciais. Escritores, como Arthur de Gobineau, Louis Couty, Louis Agassiz, Gustave Aimard, Thomas Buckle, entre outros, consideravam o Brasil um “território vazio” e “pernicioso à saúde”, já os brasileiros eram vistos como “seres assustadoramente feios” e “degenerados”. Para esses escritores, uma conjunção de fatores climáticos e raciais, sobretudo a “larga miscigenação”, era mobilizada para explicar a suposta inferioridade do homem brasileiro e a impossibilidade do país acessar os valores do “mundo civilizado”<sup>275</sup>. O Brasil era visto por eles como “um grande laboratório racial”<sup>276</sup>.

Os intelectuais brasileiros, como juristas, médicos, literatos e naturalista, consumidores das teorias científica europeias, incorporaram as teorias advindas do darwinismo social e do evolucionismo. Sendo assim, representavam negativamente a realidade nacional, o que muito contribuía para a visão negativa do país no cenário internacional.

De acordo com Schwarcz, a utilização das teorias raciais no Brasil, a partir da década de 1870, ocorreu um contexto que marcava o fim da escravidão e um novo plano político para o futuro da nação. As teorias raciais foram viáveis para a conveniência que se montava, num ambiente, cuja preocupação consistia em pensar a substituição da mão de obra escrava que se encaminhava para seu fim. Deste modo, a vinda de imigrantes europeus era vista como a melhor forma para substituição da mão de obra escrava. Com o processo de decadência da

---

<sup>274</sup> SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A política biológica como projeto*. op. cit., p. 23.

<sup>275</sup> SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A política biológica como projeto*. Ibidem, p. 22.

<sup>276</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. op. cit.; SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco*. op. cit. p. 46.

escravidão, as teorias raciais foram utilizadas para estabelecer modelos diferenciados de cidadania<sup>277</sup>, sendo uma forma de manter a elite branca brasileira como superior às demais “raças”, como os negros, mestiços e indígenas. Devido aos fatores raciais e climáticos brasileiros, os intelectuais adaptaram as teorias europeias ao contexto do país. Do darwinismo social, foram adotadas as diferenças entre as raças e suas hierarquias, sem problematizar a visão negativa da miscigenação. Do evolucionismo social, adotou-se a teoria, segundo a qual, as raças humanas não permaneciam estacionadas, estando em constante evolução de aperfeiçoamento, com a visão da humanidade de origem una<sup>278</sup>.

No início do século XX, as interpretações raciais e climáticas permaneciam presentes no campo intelectual e científico brasileiro. Período em que o Brasil era visto como uma nação ainda em desenvolvimento, a sociedade era composta por uma grande população negra e miscigenada, muitos recém saídos do sistema escravista. Cenário, no qual, ocorreram interpretações otimistas sobre o futuro da nação. João Batista Lacerda, então diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, apresentou a tese “Sur les métis au Brésil”, no Primeiro Congresso Internacional das Raças, realizado em 1911. Nesse Congresso, ele expôs a temática do branqueamento, de acordo com a qual “o Brasil mestiço, de hoje, tem no branqueamento, em um século, sua perspectiva, saída e solução”<sup>279</sup>. O trabalho de Lacerda mostrava uma saída e solução para “o problema da miscigenação brasileira”. Para o autor, o estímulo para a miscigenação entre as raças significava o branqueamento da população brasileira, visto que a suposta “superioridade da raça branca” se sobrepunha à alegada “inferioridade da raça negra”. Em consequência, durante um século, a grande maioria da população brasileira se tornaria branca. Seus índices mostravam que, em 2012, a população branca subiria a 80% do total, sendo que os negros cairiam para zero, os mestiços para 3% e a população indígena para 17%<sup>280</sup>. Tais ideias foram compartilhadas por uma grande parcela da intelectualidade brasileira, entre o final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. A teoria do branqueamento, como uma forma de otimismo, parece ter influenciado a contraposição de um modelo de eugenia racista e segregacionista ao modelo de relações raciais norte-americano, durante os anos de 1920.

---

<sup>277</sup> SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco*. Ibidem. p. 18.

<sup>278</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. op. cit., p. 18.

<sup>279</sup> LACERDA, J. B., 1912 apud SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. Ibidem, p. 11.

<sup>280</sup> SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco*. op. cit., p. 83-84.

Em contrapartida, a partir da década de 1910, surgiu, no Brasil, alguns intelectuais brasileiros que começaram a construir um pensamento independente das teorias racistas europeias. Contrapondo-as, alguns intelectuais foram aos poucos substituindo as teorias raciais e climáticas por explicações de caráter históricos e sociológicos acerca da realidade nacional e das condições sociais em que viviam a população brasileira. Alberto Torres, grande influência nos projetos políticos de Belisário Penna, teve como objetivo a construção de uma nova imagem sobre o Brasil e os brasileiros. É importante lembrar, conforme já vimos, que, no livro, *O problema Nacional*, de 1913, Alberto Torres considerava que os verdadeiros “problemas nacionais brasileiros” estavam ligados à desorganização nacional do país. Em suma, para a saída dos problemas nacionais, ou para a “evolução social” brasileira proposta pelo autor, dependia de um meio ambiente favorável, das condições econômicas, da vontade política das classes dirigentes, de educação e habitação<sup>281</sup>.

Na mesma tradição de Alberto Torres, os intelectuais envolvidos com o movimento sanitarista da década de 1910, como já vimos, trouxeram uma nova realidade do Brasil e do ser brasileiro. Esses intelectuais identificaram a doença como principal obstáculo, assim como o abandono da população brasileira pelo Estado, que se encontrava em péssimas condições sociais, o que gerava a “degeneração da raça brasileira”, a improdutividade, os vícios e os crimes. Mas, diferentemente das teorias raciais e climáticas, tais problemas poderiam ser finalmente resolvidos e a regeneração racial poderia acontecer, pelos princípios científicos da higiene, da eugenia e do saneamento, levados pelos médicos e intelectuais. Os agentes consideravam-se salvadores patrióticos, e que, estava em suas mãos o grande dever de encontrar soluções viáveis que efetivamente poderiam regenerar e civilizar o país como um todo, colocando-o no trilho do progresso e da modernidade.

A higiene, no Brasil, já vinha, desde a metade do século XIX, adquirindo espaço para atuar no campo político e intelectual brasileiro. Conforme vimos, o discurso higienista conquistou grande visibilidade, na esfera pública, a partir da aliança entre os setores governamentais com a ciência. No final do século XIX, o discurso higienista foi utilizado para legitimar as derrubadas dos cortiços, no Rio de Janeiro, e o processo de modernização da cidade. Já nas primeiras décadas do século seguinte, o discurso higienistas ganhou força a partir das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz e do movimento sanitarista, associando-se, também, à eugenia no discurso médico e intelectual brasileiro.

Nas palavras de Afrânio Peixoto:

---

<sup>281</sup> TORRES, Alberto. *O problema Nacional*. op. cit.

A Higiene é uma nova medicina, de menos de um século ... Mas a Higiene apareceu, tornou-se moda, impôs-se como hábito e se vai impondo como necessidade. A vacina salva milhões de vidas ... O advento da Microbiologia, procurando o conhecimento da causa das doenças, altera a face do mundo, dando a esperança e já a certeza da vitória sobre a doença. A difteria, a raiva, a peste, a febre tífica, o tétano, o carbúnculo são prevenidos; elas mesmas e outras tantas são curadas; todas são agredidas pela notificação compulsória, o isolamento, a desinfecção ... Como da Astrologia saiu a Astronomia, da Alquimia saiu a Química, sai da Medicina a Higiene. Não é má sorte das larvas produzirem borboletas<sup>282</sup>.

Em seu artigo *A antiga e a nova medicina* (1918), Peixoto critica o uso da “velha medicina” como a curativa, a remedieira e a terapêutica, assim como Belisário Penna defende a medicina preventiva, a higiênica e a profilaxia como sendo a “nova medicina”. Nessa lógica, o médico acabou colocando a eugenia dentro das “ciências da família da higiene”<sup>283</sup>. Junto com a microbiologia, a parasitologia, a imunológica, a quimioterapia, a dietética, a fisioterapia, a ciência eugênica representava uma nova ação contra as doenças. Peixoto acreditava que com o uso da “nova medicina”, as doenças orgânicas, hereditárias e degenerativas, entre outras, seriam resolvidas assim como também o alcoolismo<sup>284</sup>.

O que possibilitou a associação entre higiene e eugenia foi o próprio ramo da higiene e sua utilização no contexto brasileiro, entre a necessidade de resolver a “questão social” brasileira e alcançar o tão sonhado “concerto das nações” civilizadas. Com a consagração de Louis Pasteur e da bacteriologia, a higiene passou a ser entendida, no início do século XX, como uma ciência social e aplicada<sup>285</sup>. Neste sentido, ao mesmo tempo em que era preciso conter as doenças, os meios sociais deveriam ser higienizado, pois os micróbios se encontravam em todos os lugares. Consequentemente, tanto a higiene como a eugenia eram ciências interventoras na sociedade, ditando formas de hábitos, moralidade e da própria reprodução humana.

A eugenia foi difundida entre duas correntes científicas no Brasil. De um lado, parte dos eugenistas, como Renato Kehl, aderiu à eugenia mendeliana, cujos pressupostos se

<sup>282</sup> PEIXOTO, A., 1918 apud DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação* - São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 205.

<sup>283</sup> PEIXOTO, A., 1918 apud DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil*. Ibidem, p. 104.

<sup>284</sup> PEIXOTO, A., 1918 apud DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil*, Ibidem, p. 105.

<sup>285</sup> A historiadora Nísia Trindade Lima, também apresenta as bases epistemológicas da higiene, no chamado neo-hipocratismo, relacionado intrinsecamente a doença, natureza e sociedade. O neo-hipocratismo deu origem a duas explicações sobre as causas das doenças: a contagionistas e a anti-contagionistas; ver sobre a influência da bacteriologia nos estudos higiênicos em LIMA, Nísia Trindade. *Um Sertão Chamado Brasil*. op. cit., p. 96; ver mais sobre o neo-hipocratismo em FERREIRA, Luiz Otávio. *O nascimento de uma instituição científica: o periódico médico brasileiro da primeira metade do século XIX*. Tese (doutorado) – universidade de São Paulo, 1996, p. 57-58.

baseavam na genética de Mendel, e postulava que a transmissão dos fatores hereditários só poderia ser transmitida, a partir dos caracteres genéticos, sem a influência do meio. De outro lado, havia eugenia neolamarckiana, que apoiava-na no evolucionismo lamarckiano e considerava que algumas características, durante a formação cultural e natural, poderiam possibilitar melhorias na adequação hereditária ao longo do tempo, como também características degenerativas causadas pelo meio. Mais utilizada no Brasil, a eugenia neolamarckiana considerava a higiene e o saneamento uma forma de melhorar o meio social para regenerar a população. Por este ângulo, com a melhoria do meio, haveria, conseqüentemente, uma regeneração nos caracteres humano, o que levaria o aperfeiçoamento das gerações futuras através da hereditariedade.

É importante lembrar que existiram três correntes eugênicas<sup>286</sup>: a “preventiva”, que fazia uma articulação entre a eugenia e o saneamento, visando à profilaxia dos fatores ambientais disgênicos; a “positiva”, que se preocupava com uma procriação sadia, baseada, especialmente, em preceitos educativos e medidas menos agressivas; a “negativa”, considerada a mais radical, que visava impedir a procriação dos indivíduos considerados “inaptos” ou que não se adequavam às idealizações de determinados eugenistas. Apesar das três modalidades terem adeptos no Brasil, foi a eugenia “preventiva” a mais abraçada na interlocução entre eugenia e saneamento, uma vez que conciliava uma visão evolutiva menos restritiva e mais alinhada com a perspectiva da higiene e da medicina social. A “negativa” foi utilizada de forma mais contundente pelos países anglo-saxônicos como Estados Unidos e a Alemanha. No Brasil, alguns eugenistas chegaram a aderir a medidas mais radicais ligadas à eugenia “negativa”, fazendo a defesa do aborto, controle de natalidade e até esterilização, como medidas eugênicas, para controle da reprodução dos indivíduos considerados inadequados.

De maneira geral, a eugenia, no Brasil, concentrou-se, especialmente, na eugenia “preventiva”, voltando-se mais para o combate aos ambientes disgênicos e às doenças, como sífilis, tuberculose, ancilostomíase e malária. A campanha também concentrou seus esforços no combate aos “vícios sociais”, considerados altamente prejudiciais à hereditariedade, como o consumo do álcool, do tabaco, da morfina e da cocaína. Para a maioria dos adeptos da eugenia no Brasil, a solução estaria no empenho das autoridades públicas, na ciência eugênica e no saneamento, combatendo doenças infecto-contagiosas, implantando hábitos higiênicos e eugênicos, garantindo uma geração saudável, física, moral e intelectualmente.

---

<sup>286</sup> STEPAN, Nancy Leys. *A Eugenia no Brasil*. op. cit., p. 352.



Foi, no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, em 1929, que dissonâncias em relação à compreensão de práticas de saneamento, como práticas eugênicas, começaram a surgir. Também, nesse Congresso, apareceram divergências entre mendelianos e neolamarckistas. Por um lado, a corrente mendeliana afirmava que o poder da genética era soberano, conferindo à genética a determinação das características a serem herdadas, negando a influência do meio, como alertava o maior representante dessa corrente, o eugenista Renato Kehl<sup>287</sup>. Os neolamarckistas, por sua vez, que ocupavam o maior espaço no evento, enfatizavam a importância do ambiente, da higiene e da educação para a melhoria da hereditariedade, tendo como um dos seus principais defensores o próprio Belisário Penna, um neolamarckista convicto.

### 3.2. Higiene e Eugenia em Belisário Penna: “Sanear é Eugenizar”

O Saneamento, a Higiene, a Medicina Social e a Educação higienica, para implementação da consciência sanitária, constituem o alicerce da Eugenia, sem o qual ela não poderá ser praticada, se não de modo deficiente em âmbito muito limitado<sup>288</sup>.

Em seus discursos, quanto à reforma social e da saúde pública, Penna sempre abordava a higiene e a eugenia como duas ciências indissociáveis, absorvendo as medidas eugênicas ao seu projeto de saneamento nacional. Vista como uma ciência moderna, a eugenia foi muito viável, uma vez que contribuiria para a regeneração racial das futuras gerações, permitindo interferir nos projetos futuros de construção nacional. Além disso, a eugenia representava uma ciência interventora por excelência, o que muito contribuía a sua concepção de política científica intervencionista. Para ele, a eugenia não funcionaria sem a higiene, na medida em que tanto a higiene como o saneamento preparavam e cuidavam do meio social e das funções biológicas dos indivíduos, garantindo, assim, o melhoramento das gerações sucessivas. Neste sentido, a eugenia serviria como um dispositivo civilizador, capaz de reeducar hábitos sociais e comportamentos morais, acerca da educação, do saneamento e da higiene. Apesar da citação acima ser do final da década de 1920, já no início da década,

---

<sup>287</sup> Sobre Edgard Roquette-Pinto, ver SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Em busca do Brasil: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905-1935)*. Rio de Janeiro: FGV Editora e Editora Fiocruz, 2017.

<sup>288</sup> PENNA, Belisário. O Cancro Nacional: Conferência realizada na Sociedade Nacional de Agricultura pelo dr. Belisário Penna. *Hygia*. 22 de julho de 1929, p. 17.

Belisário Penna apresentava a eugenia relacionada com os princípios higiênicos. No prefácio do livro de Renato Kehl, *Eugenia e Medicina Social*, em 1920, Penna definiu a eugenia como “uma ciência vasta que abrange problemas sociais dos mais importantes, e acompanha de perto a higiene, sua precursora no aperfeiçoamento da humanidade”.<sup>289</sup>

Consideramos que, no período de 1910 a 1916, Belisário Penna não participou ativamente das discussões eugênicas no Brasil. Sua inserção ocorreu quando do contato com Renato Kehl e sua atuação como um dos Presidentes Honorários da Sociedade Eugênica de São Paulo, em 1918, ao lado de Amâncio de Carvalho e Agostinho de Souza Lima.

Sua obra *Saneamento do Brasil*, publicada no mesmo ano da criação da Sociedade Eugênica de São Paulo, apesar de não ter referências à eugenia, contém vários temas que foram discutidos entre os eugenistas brasileiros, conforme veremos no decorrer do capítulo. No início da década de 1910, no mesmo contexto em que os primeiros trabalhos sobre eugenia foram publicados, Belisário Penna estava realizando a expedição científica em que percorreu ao norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e norte de Goiás. Após a expedição, Penna realizou outra viagem percorrendo o sul do país, aos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul<sup>290</sup>. Só em 1916, o médico efetivamente ampliaria sua atuação no campo intelectual brasileiro, colocando em ação o seu projeto de saneamento da nação.

Apesar de não conter discussões eugênicas, no relatório de viagem Neiva-Penna, seus relatos contém temas e pressupostos que viriam a ser discutidos e utilizados no movimento eugênico, ao final da década de 1910 e durante a década de 1920. Porém, Penna não estava antecipando tais temas, mas sim, situava que tais discussões estavam em circulação no campo intelectual brasileiro. Assim, ao absorver o receituário eugênico, o sanitarista obteve mais um instrumento para auxiliá-lo em seu projeto sanitário nacional, junto à educação, à higiene e ao saneamento. Entre os temas do relatório, destacam-se as concepções sobre raça e miscigenação, ou doenças e sua relação com a degeneração das raças. Durante a passagem por Goiás, Neiva & Penna destacaram a predominância do “elemento resultante da  *fusão* do negro e do índio prevalecendo o primeiro”<sup>291</sup>. Ainda, em Goiás, agora, no sul do estado, os médicos afirmaram a predominância do elemento branco, sendo os habitantes mais

---

<sup>289</sup>PENNA, Belisário. *Prefácio*. op. cit.

<sup>290</sup>CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit.

<sup>291</sup> NEIVA, Arthur; PENNA, Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiaz*. op. cit., p. 167. [Grifo meu].

vigorosos<sup>292</sup>, o que nos indica a preocupação em observar quais os elementos raciais que são predominantes em certas regiões brasileiras. Anos depois, ainda antes de entrar no movimento eugênico, em artigo publicado na *Revista do Brasil*, Penna discursou também sobre os *caracteres da raça*, definindo a “raça brasileira” como sendo uma “mistura de raças” não definida por um tipo característico<sup>293</sup>, ou seja, a raça brasileira, para Penna, estava em formação. Com a introdução da eugenia, em seu repertório científico, dentro da concepção da eugenia “preventiva”, viu nela uma forma de aperfeiçoamento das características da “raça brasileira que irá por vir”, a partir das mudanças do meio, sobretudo, do saneamento e da higiene.

Em 1921, em conferência realizada na Universidade do Paraná, Penna discursou que o Brasil, depois de saneado e educado o seu povo, conseguiria acolher todos os povos formando uma única raça, a raça humana<sup>294</sup>. Nesta conferência, se contrapôs aos conceitos de raça e sub-raça, com superioridade de umas sobre outras, afirmando que os povos eram diferentes, tendo, uns, mentalidade mais adiantada do que outros, com tendência a se misturarem, até que, no correr dos séculos, existiria apenas uma única raça na humanidade<sup>295</sup>. Portanto, Penna acreditava que a humanidade caminhava em direção a uma raça homogênea, pela miscigenação racial, mas a “mistura das raças” não deveria ser vista como um problema para a formação da nação brasileira<sup>296</sup>.

A partir das observações de Penna, pode-se considerar suas análises sobre o Brasil como um debate com as teorias raciais, médicas e climáticas da época, ao mesmo tempo em que o médico se contrapõe às teorias mais radicais. Neste sentido, embora negasse que a miscigenação racial não fosse um problema para o Brasil, em determinados momentos interpretava a imagem da negritude como associada à barbárie e ao atraso da civilização, pois acabava considerando a moralidade e os hábitos da população branca mais “civilizados” do que a moralidade e hábitos trazidos pelos africanos, além de considerar alguns costumes dos

---

<sup>292</sup> NEIVA, Arthur; PENNA, Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. Ibidem, p. 167.

<sup>293</sup> PENNA, Belisário. Pequenos cuidados higienicos. *Revista do Brasil*. Ano III, n. 33, setembro de 1918, p. 8.

<sup>294</sup> PENNA, Belisário. *Conferencia realizada pelo Dr. Belisario Penna, na Universidade do Paraná*, no dia 2 de agosto de 1921, p. 4.

<sup>295</sup> PENNA, Belisário. *Conferencia realizada pelo Dr. Belisario Penna, na Universidade do Paraná*, no dia 2 de agosto de 1921, p. 4.

<sup>296</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p. 77.

negros como sendo atos de “selvagens”.<sup>297</sup> Tanto em seu livro *Saneamento do Brasil*, como em artigos publicados, na *Revista do Brasil*, e, em jornais, nos quais mantinha suas colunas, Penna interpretava os negros como indivíduos ignorantes, que, após abolição espalharam-se pelas matas e nos sertões, “entregues ao álcool e as orgias”. Sem higiene, voltaram ao seu estado de selvageria, o que os levava perto do estágio de atraso de seus antepassados. Penna compreende que o estado de atraso civilizacional da população negra estaria relacionado à disseminação de doenças e à falta de higiene e de moralidade<sup>298</sup>.

Outro importante elemento, para compreensão das teorias científica, absorvidas por Penna, é a utilização do conceito “primitivo”<sup>299</sup> (primeiros no gênero humano), ao se referir aos povos indígenas. Apesar de não citar as teorias evolucionistas<sup>300</sup> e darwinistas em seus discursos referente à raça brasileira, o médico demonstrou sua percepção evolutiva da humanidade, pela concepção de civilização, como caminho único a ser seguido. E as condições sociais, longe da civilização, acabavam sendo favoráveis para a disseminação das doenças. Essas populações são denominadas de “semi-civilizadas”, referindo-se aos sertanejos que estavam entre a “civilização primitiva” e as populações ditas “civilizadas”, onde se encontravam as cidades ou comunidades higienizadas e saneadas, próximas ao litoral brasileiro<sup>301</sup>. Mas, diferenciando-se das determinações evolutivas, Penna não, necessariamente, considerava os povos “semi-civilizados” mais evoluídos do que os povos “primitivos”, pois, estes, contraíam menos doenças do que aqueles que se encontravam degenerados e atrasados, por terem hábitos não higiênicos e moradias não saneadas. O estágio de evolução das raças não era, para ele, determinado pela inferioridade racial, mas pela mentalidade das raças que se encontravam em diferentes estágios de evolução, porém caminhavam para a homogeneização racial<sup>302</sup>. Esse modelo de evolucionismo se aproximava

---

<sup>297</sup> NEIVA, Arthur; PENNA, Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. op. cit., p. 172-173.

<sup>298</sup> PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil*. op. cit., p. 15; PENNA, Belisário. *Pequenos cuidados higienicos*. op. cit.

<sup>299</sup> De acordo com Schwarcz, foi no século XVIII que os povos “selvagens”, começaram a ser chamados de “primitivos”, primitivos porque, primeiros no gênero humano, desta forma os americanos passaram a ser objetos privilegiados de pesquisa para as ideias evolucionistas que reduziram a humanidade em uma espécie, e em uma única evolução e uma possível “perfectibilidade humana” (SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. op. cit., p. 44).

<sup>300</sup> Na conferência *Exercito e Saneamento*, Penna cita Spencer, referindo-se ao melhoramento do homem: “Spencer já dizia: ser um bom animal é a primeira condição para o sucesso da vida; ser uma nação de bons animais é a primeira condição de prosperidade nacional” (PENNA, Belisário. *Exercito e Saneamento*. op. cit., p. 6).

<sup>301</sup> NEIVA, Arthur; PENNA, Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. op. cit., p. 122- 124.

<sup>302</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p. 79.

das concepções evolutivas defendidas pelos positivistas, tradição importante no pensamento intelectual e científico brasileiro. Vale lembrar que o positivismo partia do princípio de que a evolução era definida por distintos estágios temporais e sociais de evolução, e não às características biológicas, como apregoava o evolucionismo darwinista.

No mesmo período da fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo, ocorreu a publicação do livro *Saneamento do Brasil* e da fundação da Liga Pró-Saneamento do Brasil. Segundo Souza, as discussões e as ideias divulgadas pelos eugenistas da Sociedade Eugênica de São Paulo consistiam em uma variedade de temas, entre eles, saneamento, higiene, educação física, hereditariedade, degeneração racial, imigração, discussões sobre os males causados por doenças e “vícios sociais”, como a sífilis, a tuberculose e o alcoolismo, controle matrimonial e o exame médico pré-nupcial<sup>303</sup>. Muitas das discussões, presentes na Sociedade Eugênica de São Paulo, estavam expostas no livro *Saneamento do Brasil*, especialmente, os chamados problemas ou “vícios sociais”, como o alcoolismo:

E a cachaça, o álcool barato e de fabricação fácil, elemento destruidor do organismo e perversor do senso moral; o degenerador, por excellencia, da raça; o fator primordial do crime e da loucura; o grande povoador das prisões e dos manicômios; o poderoso auxiliar das doenças, entregando-lhes as victimas sem resistência, preparadas para a sua devastação, por intoxicadas, e enfraquecidas, com órgãos essenciaes prejudicados, e funcionando mal. ... além de propagarem uma raça de degenerados e tarados, prejudiciaes á sociedade, e, na sua maioria, futuros candidatos a cadeia, ao manicômio e á vagabundagem<sup>304</sup>.

O alcoolismo, no Brasil, era dito, no início do século XX, como um dos principais problemas a serem resolvidos pelos higienistas e eugenistas. Para Belisário Penna, “a cachaça muito mais que o fumo, é um adubo de primeira ordem para o desenvolvimento dos germes de todas as doenças”, levando à degeneração da raça<sup>305</sup>. O álcool preparava o leito para as doenças graves, era o principal companheiro da opilação (ancilostomíase), considerada a principal causa da degeneração da população brasileira e da sua fraca resistência. Em seu artigo *A Luta contra o alcoolismo*, publicado na *Revista Brazil-Médico*, demonstrou que

<sup>303</sup>SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Em busca do Brasil*. op. cit., p. 34.

<sup>304</sup>PENNA, *Saneamento do Brasil*. op. cit., p. 99.

<sup>305</sup>PENNA, *Saneamento do Brasil*. op. cit., p. 100.

ninguém escapava do alcoolismo, não produzindo somente “degenerados inferiores”, mas “igualmente degenerados superiores, nas altas camadas sociais”<sup>306</sup>.

De acordo com Carvalho, em sua obra *O Demônio da humanidade* (1922), Penna utilizava os trabalhos apresentados pelos psiquiatras franceses, Valentin Magnan e Alfred Fillassier, para confirmar a degeneração racial pelo álcool. Ainda, neste trabalho, Penna identificava o alcoolismo, a sífilis, a tuberculose e a consanguinidade como os quatro flagelos universais das civilizações<sup>307</sup>. Desta forma, o sanitarista considerava a influência do álcool, na hereditariedade humana, e, na sociedade, um fator primordial da degeneração racial, do crime e da loucura. Essa compreensão viabilizou a eugenia como um instrumento importante na luta contra o alcoolismo e na introdução da “nova ciência” em seu projeto nacional sanitário, uma vez que a eugenia demonstrava que o alcoolismo degenerava também as futuras gerações. O alcoolismo, para a eugenia “preventiva”, era um problema para a conservação da boa hereditariedade, na medida em que os efeitos do álcool comprometeriam o comportamento, a saúde e vitalidade física da prole. Enquanto associada à medicina social, e à eugenia “preventiva” foi coerente no projeto político de Belisário Penna, sempre associada à higiene<sup>308</sup>.

Como podemos perceber, desde o começo das discussões acerca da eugenia, realizadas por Belisário Penna, até a década de 1930, o sanitarista sempre defendeu sua posição referente à eugenia como sendo associada às suas políticas sanitárias. Ao final da década de 1920, viria ele a defender esta associação, ainda com mais ênfase, após começar um amplo debate no movimento eugênico brasileiro, quanto à área de atuação da eugenia e suas medidas para o melhoramento da raça brasileira. Os debates se iniciaram, a partir da realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Realizado no Rio de Janeiro, em julho de 1929, o evento foi palco de grandes polêmicas, entre elas, o elo entre eugenia, higiene e as relações entre hereditariedade e meio, conforme defendiam os pressupostos neolamarckistas. Um dos principais críticos da eugenia neolamarckistas foi o próprio presidente do Congresso de Eugenia, o médico e antropólogo Edgard Roquete-Pinto. De acordo com o antropólogo, “durante muito tempo, supoz-se que o meio dominava os organismos, portanto a medicina e a hygiene resolveriam o problema da saúde; mas a sciencia demonstrou haver alguma coisa que independe da hygiene: é a semente, a herança que depende

---

<sup>306</sup> PENNA, Belisário. A Luta contra o alcoolismo. *Revista Brazil-Médico*. Rio de Janeiro, ano XXXVI, vol. 11, out. 1922, p. 212.

<sup>307</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p. 85-86.

<sup>308</sup> CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p. 87.

da *eugenia*”<sup>309</sup>. Segundo Souza, a contestação ao neolamarckismo por Roquete-Pinto, tinha como origem as novas concepções da genética de Mendel que o antropólogo era adepto<sup>310</sup>. Para o antropólogo, a eugenia tinha que ser vista como a “biologia da herança”, ela era responsável por “proteger as células reprodutoras”, enquanto a higiene deveria ser vista como uma forma de melhorar as condições do meio, com fins sobre a saúde física dos indivíduos, sem vinculação com os aspectos da hereditariedade<sup>311</sup>. Suas críticas eram voltadas, principalmente, para os eugenistas brasileiros que não faziam distinção entre eugenia e higiene, como era o caso do próprio Belisário Penna<sup>312</sup>. Além de Roquete-Pinto, Renato Kehl, secretário geral do evento, também defendeu a limitação do que deveria ser entendido por eugenia, desassociando-a da higiene e das questões do meio.

Os trabalhos apresentados, no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, foram realizados por diferentes profissionais, como juristas, educadores, médicos, sociólogos e antropólogos<sup>313</sup>. Intelectuais de diferentes campos do conhecimento queriam debater e aprofundar seus entendimentos acerca da eugenia, em cujo período era vista como uma ciência moderna e de maior importância, considerada como ferramenta fundamental para a transformação da nação. Os debates, no congresso, acabaram relacionados à eugenia, a partir de diferentes temáticas, quase sempre envolvidas com as áreas nas quais atuavam os participantes do evento. Isso acarretaria muitas divergências quanto ao entendimento dos limites daquilo que deveria ser incluído na ciência eugênica. De todo modo, as discussões, que predominaram, no evento, estiveram ligadas aos pressupostos do evolucionismo neolamarckista, o que permitia pensar a higiene, a educação e a reforma do meio social, como práticas eugênicas, a despeito da contrariedade das principais lideranças do movimento eugênico.

Ainda, em 1929, no mesmo ano em que o Congresso de Eugenia foi realizado, Renato Kehl criaria o *Boletim de Eugenia*, periódico especializado na divulgação das ideias eugênicas no Brasil. Segundo o eugenista, o *Boletim* nasceu com o intuito de auxiliar a propaganda em prol da eugenia no Brasil e ampliar o movimento eugênico. Filiado à Liga da Higiene Mental, o *Boletim de Eugenia* tinha como finalidade abrir caminhos para a futura

---

<sup>309</sup>ROQUETTE-PINTO, Edgard. Actas da Sessão de abertura. In: *Actas e trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. 1, 1929, p. 11.

<sup>310</sup>SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Em busca do Brasil*. op. cit., p. 360-361.

<sup>311</sup>SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Em busca do Brasil*. op. cit., p. 72.

<sup>312</sup>SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Em busca do Brasil*. Ibidem.

<sup>313</sup>*Actas e trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. 1, 1929.

criação de um Instituto Brasileiro de Eugenia<sup>314</sup>, um desejo de Renato Kehl que jamais se concretizou. O boletim circulou entre 1929 a 1933, com várias publicações científicas de eugenistas, higienistas, médicos e educadores brasileiros e estrangeiros.

No que se refere às dissonâncias em relação à compreensão de saneamento como práticas eugênicas, Renato Kehl publicou um artigo polêmico com o título *Eugenia e Eugenismo*, em que se opôs, de forma contundente, à associação entre eugenia, higiene e saneamento. Neste sentido, argumentou que:

Poder-se definir a Eugenia como sendo a sciencia que tem por fim preservar e favorecer as boas disposições hereditárias do plasma germinativo. Ella corresponde á hygiene especifica das cellulas de reprodução ou hygiene da hereditariedade. Em outras palavras: Eugenia é a sciencia da proteção e da seleção das sementes humanas. A sua finalidade, em relação ás sementes, é a defesa da espécie pela manutenção e multiplicação das boas linhagens. No seu ponto de vista pratico constitue uma verdadeira arte ou homicultura, que se propõe a cultivar os homens especimen, segundo as regras da hereditariedade<sup>315</sup>.

No presente artigo, Renato Kehl questiona a confusão em torno da eugenia e esclarece que já havia passado a hora de os brasileiros compreenderem o que trata, especificamente, a eugenia. Vale destacar que, desde o início da campanha eugênica no Brasil, os intelectuais e médicos, inclusive Renato Kehl, período em que estava associado ao neolamarckismo, envolviam a eugenia em tudo o que dizia a respeito ao melhoramento do gênero humano, e, incisivamente, defendiam que “educar é eugenizar”, “sanear é eugenizar”. Portanto, a eugenia era definida como sendo o mesmo que educar e sanear. Nesse contexto, a nova ciência de Galton se apresentava, de modo difuso, nas discussões sanitárias e higiênicas, visando à salubridade do meio social. A partir do final dos anos 1920, Renato Kehl iniciou uma campanha para “esclarecer” o que deveria ser compreendido como uma prática eugênica. Para ele, a eugenia era uma ciência com fronteiras bem delimitadas, tendo como finalidade melhorar e proteger a espécie, a partir da proteção das “sementes germinativas”, ou seja, da herança contida nos caracteres imutáveis transmitidos de forma genética, sem a intervenção do meio. Em outras palavras, baseando-se na genética mendeliana, Kehl entendia que as sementes germinativas eram exclusivamente os espermatozóides (masculino) e os óvulos (feminino) da espécie humana, que eram responsáveis pela transmissão dos caracteres hereditários<sup>316</sup>.

<sup>314</sup> KEHL, Renato. O Nosso Boletim. *Boletim de Eugenia*. vol. 1, n.º. 1, jan. de 1929.

<sup>315</sup> KEHL, Renato. Eugenia e Eugenismo. *Boletim de Eugenia*. Ano.1, v.8, ago. de 1929.

<sup>316</sup> KEHL, Renato. *Eugenia e Eugenismo*. Ibidem.



Nesse momento, Kehl diferenciou eugenia de eugenismo, classificando a eugenia como uma ciência que tem como objetivo cuidar dos valores genéticos de uma população. Já o eugenismo, estava relacionado à prática social e individual para o melhoramento do ser humano, sendo considerado, por ele, como uma ciência auxiliar para a eugenia, agindo de forma direta ou indiretamente. Assim, explicava o eugenismo como uma prática ligada aos fatores do meio, enquanto a eugenia estaria ligada ao gênero humano, em especial, aos fatores inatos transmitidos geneticamente:

Eugenismo é educação, é saneamento, é hygiene, é esporte, é legislação, é tudo que, beneficiando o homem, reverte direta ou indiretamente em benefício de sua próle. Não se deve, portanto, capitular de Eugenia o que é Eugenismo... A Eugenia é a sciencia do aperfeiçoamento physico, psychico e mental do genero humano, tendo em conta as disposições hereditárias da semente e as medidas que a beneficiem atravez das gerações... O Eugenismo corresponde ao culto e á pratica da acção eugenica no sentido amplificado, sem limite claro e explicito, visando proteger e favorecer o individuo em relação a si proprio e ao meio que o cerca<sup>317</sup>.

Metaforicamente, para Kehl, a função da eugenia era a seleção e a proteção das sementes, ou seja, o melhoramento da espécie estava concentrado na seleção e nos cuidados das “boas sementes”, sendo realizado uma prática eugênica através do cultivo de plantas de “boa estirpe”. À vista disso, a eugenia precisava ter cuidado especial com as sementes e não com o solo ao qual iria ser semeado. Já o eugenismo, preocupar-se-ia com a planta, ou seja, com o indivíduo, visando sua proteção e do meio em que o cerca. Nesta passagem, Kehl demonstrou estar mais familiarizado com a eugenia “positiva”, cuja característica estava voltada para a procriação sadia da população, assim, voltava-se mais para a seleção dos indivíduos considerados “bons” para a procriação e para a formação de uma boa geração. Em sua escrita, o eugenista representou estar objetivado em separar a eugenia das ciências saneadoras e educativas, defendendo uma área exclusiva para a eugenia no Brasil.

Além da familiaridade com a eugenia “positiva”, na escrita do artigo, conforme as pesquisas de Souza, a partir do final dos anos 1920, Renato Kehl passou a defender a eugenia “negativa”, um modelo mais radical de intervenção eugênica, baseada no controle radical da reprodução humana. Esta mudança havia ocorrido após ele ter contato com os eugenistas norte-americanos, alemães, suecos e noruegueses, passando a participar daquilo que Souza chama de uma rede internacional de eugenista<sup>318</sup>. A partir de então suas ideias passaram a ter um tom mais radical, articulando, assim, concepções eugênicas com debates sobre a

<sup>317</sup>KEHL, Renato. *Eugenia e Eugenismo*. Ibidem.

<sup>318</sup>SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A política biológica como projeto*. op. cit., p. 15.

esterilização das pessoas consideradas degeneradas e criminosas, além da segregação racial e a obrigatoriedade dos exames pré-nupciais e o controle matrimonial<sup>319</sup>. Apesar da mudança de Kehl, para a perspectiva eugênica mais radical, ao modelo da eugenia “negativa”, o eugenista não necessariamente passou a negar a eugenia “positiva”. Portanto, Kehl voltou suas preocupações para o controle de procriação das pessoas consideradas degeneradas.

Duas edições, após a publicação do artigo de Renato Kehl, Belisário Penna publicou, no próprio Boletim de Eugenia, um artigo com o mesmo título, *Eugenia e Eugenismo*, em resposta ao artigo de Kehl:

Pugnado por um ideal organico, constructivo de um povo physica, psychica e moralmente vigoroso, não podia o campeão da Eugenia desinteressar-se dos problemas da Hygiene e da Medicina Social, indissolivelmente entrelaçados com os da sciencia de Galton. E assim entre seus numerosos trabalhos pubicados figuram a “Fada Hygia” e a “Blibia da Saude”, dos livros preciosos, o primeiro dos quaes deveria ser obrigatorio nas escolas primarias, e o segundo nas secundarias.

É que antes da applicação dos preceitos de eugenía é indispensável praticar o eugenismo, isto é, preparar o ambiente e o individuo para a bôa geração, para a procriação de filhos physica e psychicamente hygidos<sup>320</sup>.

Utilizando-se da diferenciação entre eugenia e eugenismo a qual Renato Kehl havia proposto, Penna clamou pela importância de tal prática, pois acreditava ser o principal responsável pela regeneração da raça. Nessa lógica, já que eugenismo era o mesmo que educação, higiene e saneamento, o sanitarista, tendo em vista seu projeto de regenerar a raça brasileira por meio do saneamento, considerou, como mais importante, o cuidado com o terreno a ser fertilizado, ou seja, as ciências que cuidavam e preparavam o meio social. Segundo ele, esses deveriam ser os alicerces da eugenia, uma vez que o sucesso da prática eugênica estaria ligado à preparação do ambiente para semear as boas gerações. Portanto, para Belisário Penna, era indiscutível a importância do saneamento, da educação higiênica e da medicina social, associadas com a eugenia para a formação de uma consciência sanitária.

Ainda em seu artigo, Penna não poupa elogios a Renato Kehl por ter despertado a consciência nacional para os problemas de higiene da raça. Declara que não poderia o “campeão da eugenia” desinteressar-se pelos problemas de higiene e de medicina social, estes, entrelaçados com a ciência de Galton<sup>321</sup>. Contudo, não deixava de apontar as distintas

<sup>319</sup>SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A política biológica como projeto*. Ibidem.

<sup>320</sup>PENNA. Belisário. *Eugenia e Eugenismo*. *Boletim de Eugenia*. Ano. I, N.10, out. de 1929.

<sup>321</sup>PENNA. Belisário. *Eugenia e Eugenismo*. Ibidem.

posições que compartilhavam sobre o papel que a eugenia poderia desempenhar como uma ciência auxiliar da higiene e do saneamento, para o melhoramento da “raça brasileira”

Como vimos, enquanto, para Kehl, a eugenia e o eugenismo eram duas coisas diferentes, para Penna, eram duas coisas indissociáveis. Enquanto o eugenista pensava em medidas estritamente biológicas, para melhorar a constituição racial, o sanitarista entendia a importância dos fatores sociais e da reforma do meio no combate aos flagelos que degeneravam a raça. Nas palavras de Penna:

Os factores sociais exercem muito maior influência na mentalidade e nos costumes do povo, produzindo saúde, vitalidade e bem estar, ou doenças, vícios e decadência, do que a raça e as condições naturais de salubridade ou insalubridade regional<sup>322</sup>.

Contrapondo-se ao discurso racial e ao determinismo biológico ao qual Kehl era adepto, Penna acreditava que os fatores sociais influenciavam fortemente nas boas ou nas más condições de um indivíduo, de sua família ou da coletividade. A boa formação de uma população dependeria do estado de higiene ou do atraso social em que vivia uma nação. Conforme já destacamos nesta pesquisa, os médicos e sanitaristas tinham um papel central no projeto sanitário de Penna, defendendo-os a realizarem o trabalho profilático, atentarem para educação higiênica e identificarem os aspectos sociais e do meio, responsáveis pelo atraso e pela degeneração de uma população. Penna entendia que cabia aos médicos:

[...] o papel de indicar as medidas prophylacticas e technicas de prevenção e combate ás doenças e aos vícios, e o de propagar ensinamentos de higiene e eugenia, mas sobretudo o de perscrutar os factores sociaes, que fertilizam ou esterilizam o terreno, tornando-o refractario ou propicio ao desenvolvimento de pragas e hervas damninhas<sup>323</sup>.

Nessa passagem, identificamos pelo menos três funções dos médicos-higienistas, o que os caracterizavam como profissionais polivalentes. Além da indicação de medidas profiláticas, os médicos, conforme Penna, precisavam ser sociólogos, encarando os aspectos morais, sociais e econômicos da sociedade ao qual deveriam intervir<sup>324</sup>. Enquanto médicos-sociólogos, esses agentes teriam a nobre missão de divulgar e difundir noções científicas, preceitos higiênicos e eugênicos para todas as classes da sociedade, a fim de formar aquilo

---

<sup>322</sup>PENNA. Belisário. *Eugenia e Eugenismo*. Ibidem.

<sup>323</sup> PENNA. Belisário. *Eugenia e Eugenismo*. Ibidem.

<sup>324</sup> PENNA. Belisário. *Conferencia realizada pelo Dr. Belisario Penna, a 20 de maio de 1922, na cidade de campos, a convite da Sociedade Fluminens de Medicina e Cirurgia*, p. 11.

que ele chama de “consciência sanitária nacional”<sup>325</sup>. Porém, pode-se perceber que, além das duas funções, os agentes de saúde também constituíam, no projeto sanitário de Penna, a função de educadores. Discutiremos, no próximo tópico, a educação higiênica e eugênica em Belisário Penna, buscando demonstrar e analisar a função da educação em seu projeto nacional.

### 3.3. Educação higiênica, eugenia e a criação da consciência sanitária

Amar e defender a pátria, é além disso, trabalhar fecundamente pelo povoamento útil do seu solo, para o aumento constante progressivo da sua produção legítima e natural, para o bem estar das suas classes de trabalho, para a sua instrução e educação profissional e técnica, para a moralização da política, para a formação de uma infância sadia e de uma mocidade robusta, instruída e operosa.

Nada disso se alcança sem o alicerce solido da saúde, através da pratica da hygiene, da prophylaxia, e da eugenia, como resultado da educação higienica e da criação da *consciência sanitária nacional*<sup>326</sup>.

O discurso de Belisário Penna foi proferido em uma conferência realizada no Club Militar, em 1922, para um público formado, sobretudo, de militares. Em síntese, Penna ministrou-a informando sobre as condições sociais e políticas que se encontrava o Brasil, expondo, por fim, sua solução para o enfrentamento dos “problemas nacionais”. As questões a serem combatidas, de acordo com Penna, poderiam ser resumidas no combate às doenças, ao alcoolismo, ao analfabetismo, ao abandono da população pelo Estado e a falta da moralização política. A base estrutural da solução dos problemas, em seu ponto de vista, estava na educação higiênica e na consciência sanitária nacional. Penna acreditava que a consciência sanitária deveria estar presente em todas as camadas da sociedade, sendo que a educação higiênica necessitaria ser exercida em todas as áreas e etapas da vida da população brasileira. Caberia aos militares, médicos, professores, mulheres e aos políticos a responsabilidade de lutar pela regeneração da raça, pela instrução primária e profissional, pela educação higiênica e a eugeniização do povo<sup>327</sup>.

<sup>325</sup> PENNA, Belisário. *Conferencia realizada pelo dr. Belisario Penna, a 20 de maio de 1922, na cidade de campos, a convite da Sociedade Fluminens de Medicina e Cirurgia*, p. 11.

<sup>326</sup> PENNA, Belisário. *Exercito e Saneamento*. Conferencia realizada pelo Dr. Belisário Penna, no Club Militar, no dia 16 de Setembro de 1920, p. 66.

<sup>327</sup> PENNA, Belisário. *Exercito e Saneamento*. Ibidem, p. 66-67.

Segundo Penna, a educação higiênica da população precisaria ocorrer nas escolas primárias, nos colégios e nas casernas, e, aos que escaparem do ensino, teriam que receber a educação higiênica nos quartéis<sup>328</sup>. É importante lembrar que a conferência foi realizada no período posterior à Primeira Guerra Mundial, em 1922, quando debatia-se, no mundo todo, a necessidade em se criar um exército forte e saudável. Nesse período, além da necessidade de fortalecer os soldados fisicamente, existiam as preocupações quanto à falta de higiene e o combate às doenças que, durante a Primeira Guerra, levou a morte milhares de soldados, por contraírem doenças e infecções em ambientes insalubres. No entender de Penna, caberia aos médicos-militares, além de curadores e cirurgiões, a responsabilidade de se tornarem higienistas, pois milhares de soldados, no campo de batalha, morriam pelas epidemias, mas a sua função de higienistas iria além dos períodos de guerra, a eles sobriam a função de contribuir, na sociedade, em tempos de paz<sup>329</sup>, por isso a necessidade da educação higiênicas dentro dos quartéis brasileiros.

Mas qual a relação dos soldados brasileiros com a sociedade para Belisário Penna? Para o sanitarista, os quartéis eram reflexos da sociedade, sendo os soldados pessoas advindas da população brasileira, principalmente da classe trabalhadora, em sua grande maioria, formada por pessoas doentes ou sem instrução higiênica<sup>330</sup>. Neste sentido, os soldados eram fracos e lhe faltavam condicionamento físico e capacidade de enfrentamento das atividades militares. Assim, compreende-se a importância da utilização da antropometria nos estudos eugênicos pelos médicos-eugenistas do período, e as suas preocupações pela falta de robustez dos soldados e da própria população brasileira. A antropometria brasileira bebia dos estudos do Dr. Pignet, médico militar francês, utilizado pelo exército da França, para excluir os homens considerados como fracos<sup>331</sup>. De acordo com os estudos de antropometria, a estatura da população brasileira era considerada baixa e magra em relação às medidas dos soldados franceses. Penna tinha a convicção de que as condições físicas do soldado brasileiro dependia do combate às verminoses, uma das grandes causadoras da malformação do aspecto físico da

---

<sup>328</sup>PENNA, Belisário. *Exercito e Saneamento*. Ibidem, p. 62.

<sup>329</sup>PENNA, Belisário. *Exercito e Saneamento*. Ibidem, p. 64.

<sup>330</sup>Durante a conferência Exercito e Saneamento, Belisário Penna trouxe dados dos Postos de Profilaxia Rural da Vila Proletária e da Vila Militar, onde foram examinados 2.196 praças dos 1º e 2º Regimentos de Infantaria, 1º Batalão de Engenharia, 1º Companhia de Aviação. 1º de Metralhadoras, a Ferro-Viaria e 1º Regimento de Cavalaria Divisionária. Os resultados variam entre 70% a 93% infectados por vermes, sendo classificados entre vermes gerais e de pilação. Cf.: PENNA, Belisário. *Exercito e Saneamento*. Ibidem, p. 54.

<sup>331</sup> Os estudos sobre antropometria no exército brasileiro em bases do Dr. Pignet, ao qual Penna utilizou, foram realizado pelo capitão e médico Murilo de Campos, pelo capitão e médico Romeiro da Rosa, Dr. Gustavo Lessa, o tenente Goés Monteiro e o trabalho divulgado pelo Dr. Renato Kehl na Revista "Brasil Médico", com o título "Povo São Povo Doente". Cf.: PENNA, Belisário. *Exercito e Saneamento*. Ibidem, p. 57-59.

população, principalmente a ancilostomose<sup>332</sup>. Ele defendia que a melhora da estatura do soldado brasileiro, conforme os padrões dos estudos antropométricos de Pignet, ocorreria pela profilaxia e de hábitos higiênicos, como prevenção da opilação e da contenção de outros vermes.

No projeto sanitário idealizado por Penna, o soldado também tinha um papel de educador. Em sua compreensão, os soldados e marinheiros que dessem baixas, em seus exercícios militares, passariam a ser voluntários para levar a todos os cantos do Brasil os cuidados higiênicos e sanitários, visando o melhoramento da população<sup>333</sup>. Nessa lógica, os militares levariam seus aprendizados para suas casas, para ensinar à família os valores militares, a educação sanitária, o civismo e o patriotismo, formando, em consequência, filhos robustos e fortes que contribuiriam para a regeneração da raça brasileira<sup>334</sup>. Assim sendo, caso a educação falhasse, nos ambientes escolares primários e profissionalizantes, a educação, em ambiente militar, condicionaria a formação de uma consciência sanitária.

O melhoramento da antropometria, em relação ao corpo e à regeneração da raça brasileira, também estava presente nas discussões sobre Educação Física<sup>335</sup>, que teve grande papel na formação de um ideal de estética relacionado à saúde e beleza física<sup>336</sup>. Um dos principais representantes foi o sociólogo e educador Fernando de Azevedo<sup>337</sup>, membro e primeiro secretário da sociedade eugênica de São Paulo<sup>338</sup>. Segundo Azevedo:

O exercício –esta maravilhosa ação mecânica, é que corrige e modela a estrutura humana. Quando pois, persistindo a causa durante varias gerações, a herança fixa definitivamente os caracteres adquiridos, as

<sup>332</sup>Em questões de estética, a sífilis também era considerada um dos fatores da “feiura” brasileira.

<sup>333</sup> PENNA, Belisário. *Exercito e Saneamento*. op. cit., p. 62.

<sup>334</sup> PENNA, Belisário. *Exercito e Saneamento*. Ibidem, p. 63.

<sup>335</sup>As discussões sobre Educação Física também se fizeram presente nos serviços militares. Em 1932 foi oficialmente aprovado o Regulamento de Educação Física do Exército (decreto nº 21.324, de 27/4). Ver mais em CASTRO, Celso. In *corpore sano: os militares e a introdução da educação física no Brasil*. *Antropolítica*, Niterói, RJ, nº 2, p.61-78, 1º sem. 1997.

<sup>336</sup> Sobre o tema, ver: MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza. Do ideal de robustez ao ideal de magreza: Educação Física, saúde e estética. *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 04, p. 175-191, outubro/dezembro de 2009, p. 175-191.

<sup>337</sup>Fernando de Azevedo, nasceu em 1894, em Sapucaí, Minas Gerais, formou-se em Direito na Universidade de São Paulo. Educador reconhecido, foi um dos expoentes do movimento da Escola Nova no Brasil. Enquanto Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal de 1926 a 1930 e Diretor Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo em 1933, realizou reformas radicais. Mentor e redator do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, de 1932, escreveu várias obras de vulto, entre elas *A Cultura Brasileira* (1942). É também reconhecido como o grande incentivador da introdução da Educação Física no currículo escolar brasileiro, morreu em 1974 (FGV - Fundação Getúlio Vargas. *A Era Vargas: dos anos 20 a 1945: Fernando de Azevedo*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Fundação Getúlio Vargas, obtido em abr. de 2020. Acesso em: [https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/fernando\\_de\\_azevedo](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/fernando_de_azevedo)).

<sup>338</sup> VECHIA, Ariclé; LORENZ, Karl Michael Lorenz. Fernando de Azevedo e a Questão da “Raça Brasileira”: sua regeneração pela educação física. *Cadernos de História da Educação* \_ v. 8, n. 1 \_ jan./jun. 2009, p. 62.

modificações anatômicas assim produzidas tornam-se permanentes e chegam à constituição de espécies novas, de maneira que uma adaptação a uma função útil pode definitivamente fixar-se sob forma de um caráter étnico, assim como a atrofia de certos órgãos pode chegar ao desaparecimento étnico<sup>339</sup>.

O sociólogo estava envolvido com a ciência de Galton, relacionada ao modelo neolarmackiano, de maneira que, as características adquiridas pelas atividades físicas poderiam ser passadas entre as gerações, como saúde e características anatômicas do corpo humano. O papel da eugenia, na Educação Física, era formar uma população mais robusta e forte. Sintetizando a eugenia, em sua visão, ela era alicerçada na ciência experimental, na ciência da antropometria, que caminhava em uma ou outra educação, em um ideal de perfectibilidade humana<sup>340</sup>. Nas concepções de Azevedo, a mulher brasileira tinha uma função essencial na reprodução, na conservação e no melhoramento das gerações futuras. Para ele, as “mulheres fortes fazem uma raça forte”, pelo viés da saúde, do fortalecimento do corpo e da beleza, elas estariam prontas para uma maternidade “adequada”, para gerar uma prole mais vigorosa<sup>341</sup>.

Os debates higiênicos e eugênicos sobre as mulheres eram bastante frequentes entre os eugenista e médicos. Temas como educação sexual, corpo, casamentos, aborto, raça e maternidade foram, amplamente, debatidos em torno da figura da mulher. Como forma de controle sobre o corpo e de comportamentos sexuais, os estudos eugênicos tiveram um grande papel no processo de definição de padrões culturais e sociais para as mulheres. É importante ressaltar que, nos projetos de médicos-eugenistas, existia um ideal de mulher, ou seja, a mulher, representada por eles, tinha um tipo eugênico “ideal”, e, muito provavelmente, elas pertenciam às camadas médias e alta da sociedade brasileira. De acordo com Francescon, “as mulheres pobres não eram as mesmas exigidas das mulheres ricas: das mulheres de famílias abastadas, esperava-se o bom preparo e a educação para o casamento, uma boa postura estética, tanto com a moda quanto com a casa”<sup>342</sup>. Quanto à análise do discurso, sobre a mulher, realizado em Renato Kehl, a historiadora ressalta que “seus conselhos sobre

---

<sup>339</sup> AZEVEDO, Fernando, 1920 apud VECHIA, Ariclê; LORENZ, Karl Michael Lorenz. *Fernando de Azevedo e a Questão da “Raça Brasileira”*. Ibidem, p. 63.

<sup>340</sup> AZEVEDO, Fernando, 1920 apud VECHIA, Ariclê; LORENZ, Karl Michael Lorenz. *Fernando de Azevedo e a Questão da “Raça Brasileira”*. Ibidem.

<sup>341</sup> AZEVEDO, Fernando, 1920 apud VECHIA, Ariclê; LORENZ, Karl Michael Lorenz. *Fernando de Azevedo e a Questão da “Raça Brasileira”*. Ibidem.

<sup>342</sup> FRANCESCON, Marcela Cristiane Cavalheiro Miranda. *Eugenia, corpo e educação sexual: imagens e interpretações sobre mulheres na obra de Renato Kehl (1920-1930)*. Dissertação (mestrado em História) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Paraná, 2017, p. 37.

casamento, educação e maternidade, apresentam o tom e o perfil da mulher rica”<sup>343</sup>. Desta forma, a padronização de comportamentos e hábitos aprisionou as mulheres burguesas em um conjunto de regras que a definiram como sendo “boas mulheres”, enquanto excluía todas as outras que não se comportassem, conforme os novos padrões sociais<sup>344</sup>.

O *Boletim de Eugenia* foi um espaço de sociabilidade dos intelectuais para a divulgação da eugenia, e os trabalhos publicados, nele, eram, em sua maioria, escritos por homens, com representações referente à mulher, realizadas a partir da figura masculina. Nas publicações do *Boletim*, destacamos a publicação de uma mulher, a autora Sylvia Serafim<sup>345</sup>, intitulado *Maternidade Consciente*<sup>346</sup>. Serafim foi jornalista e escritora, era filha de Augusto Serafim, auxiliar de Oswaldo Cruz, casada com o médico João Thibau Júnior, e mãe de dois filhos. Pode-se considerar a jornalista como pertencente à classe média, e seu público era destinado para a mesma classe. Em seu artigo, ao escrever sobre a maternidade, a autora colocou a ideia de que “ser mãe é uma fatalidade da natureza”<sup>347</sup>. Neste sentido, acabou contribuindo para a visão da naturalização do papel da mulher, enquanto mãe, criadora e educadora dos seus filhos, porque “só ela cria verdadeiramente porque cria conscientemente” e pela maternidade consciente ocorre a salvação da raça futura<sup>348</sup>. Em sua escrita, ela centra a responsabilidade sobre os filhos exclusivamente na mulher, ou seja, “as mulheres já nasceram para isso”, seus comportamentos, hábitos, responsabilidades e profissões, passaram por um processo de naturalização do seu papel na sociedade.

Assim, a função da mulher, representada pelos médicos e eugenistas, ia além da educação familiar. No projeto de educação higiênica, Belisário Penna considerava a escola primária como algo primordial para a conscientização sanitária. Segundo ele,

Para o bem da sociedade e da pátria haverá, depois do lar e da família, função de maiores responsabilidades e mais dignificantes do que a de educador? E a quem cabe essa função, senão à mãe de família no lar e à educadora na escola?<sup>349</sup>

<sup>343</sup> FRANCESCON, Marcela Cristiane Cavalheiro Miranda. *Eugenia, corpo e educação sexual*. Ibidem.

<sup>344</sup> FRANCESCON, Marcela Cristiane Cavalheiro Miranda. *Eugenia, corpo e educação sexual*. Ibidem.

<sup>345</sup> Sylvia nasceu no Rio de Janeiro, em 1902. Sylvia foi acusada pelo jornal carioca *A Crítica* de ter traído o marido, mantendo um caso com o também médico Manuel Dias de Abreu. Irritada, ela foi à redação do jornal armada, para matar o editor, Mário Rodrigues, no dia 26 de dezembro de 1929. Sylvia acabou atirando no filho dele, o também jornalista Roberto. *O Jornal*, do Rio de Janeiro no dia 23 de agosto de 1930, trouxe a notícia da absolvição da jornalista. Ela morreu em 1936 por suicídio.

<sup>346</sup> SERAFIM, Sylvia. *Maternidade Consciente*. *Boletim de Eugenia*. n. II, n. 14, fev. de 1930.

<sup>347</sup> SERAFIM, Sylvia. *Maternidade Consciente*. Ibidem.

<sup>348</sup> SERAFIM, Sylvia. *Maternidade Consciente*. Ibidem.

<sup>349</sup> PENNA, Belisário, apud SANTOS, Ricardo Augusto Dos. O plano de educação higiênica de Belisário Penna. 1900-1930. *Dynamis*, 2012, p. 63.



Em casa, além de criar os filhos, a mãe também tinha a tarefa de educar as filhas em atividades domésticas e prepará-las para se tornarem “boas mães”, pois seriam elas as germinadoras das futuras gerações. Além das responsabilidades em casa, a mulher da classe média foi representada, nesse período, como mulher-mãe-educadora. Por volta da década de 1920, intelectualmente, as mulheres da classe média passaram a participar das profissões como professoras e funcionárias públicas<sup>350</sup>. Devido aos aspectos de cuidadora e educadora, elas decorreram a ter uma maior participação nas escolas primárias, responsabilizando-as, tanto na casa como na escola, pela formação das crianças. Neste seguimento, as crianças também tinham um papel importante, pois começaram a ser vistas como capazes de adquirir conhecimentos, o que os davam a potencialidade de mudar o futuro do país. Por isso a preocupação de Penna, para a implementação de ensinos educacionais, voltados para a área da saúde, formando indivíduos saudáveis capazes de moralizarem os ambientes político-social, vistos por Penna, como desmoralizados, devido às castas dirigentes do país<sup>351</sup>.

Mas a realidade das crianças, relatadas pelo sanitarista, era totalmente negativa. Um dos principais problemas era a mortalidade infantil. Em seu trabalho sobre *Saúde, Trabalho e Educação*, relatou que 10 casais, geravam 80 filhos, entre 80 nasciam 68, mas morriam 38, durante o primeiro ano de vida, e, entre 1 ano a 8 anos de idade, morreriam mais 10, até os 15 anos, mais 4, e, sobrariam, ao total 16. Porém, entre os 16, o sanitarista ressalta que 6 estavam bem de saúde e os outros 10 inutilizados para o trabalho, por causa das endemias, à sífilis, ao alcoolismo e pela consanguinidade de “pais degenerados”, o que resultaria uma má reprodução nas gerações futuras<sup>352</sup>. Tal processo de degeneração racial tinha como chave explicativa, entre outras, a falta de educação higiênica, sobretudo, nas escolas, compreendida pelo sanitarista como o meio mais efetivo de criar hábitos salutar e de consciência sanitária<sup>353</sup>. O sistema de Governo brasileiro, corrompido pela lógica oligárquica, também era um dos principais obstáculos para a implementação do projeto educacional, via higiene, conforme propunha Belisário Penna.

Na mesma tradição de Alberto Torres, Penna criticou o sistema republicano federalista como sendo um “problema nacional brasileiro”, além do aspecto social, considerado como um dos principais fatores da ineficácia do ensino escolar brasileiro<sup>354</sup>.

---

<sup>350</sup>FRANCESCON, Marcela Cristiane Cavalheiro Miranda. *Eugenia, corpo e educação sexual*. op. cit., p. 37.

<sup>351</sup>PENNA, Belisário. *A Escola e a República*. 1925. (recorte avulso, Fundo Belisário Penna, DAD-COC).

<sup>352</sup>PENNA, Belisário. *Saneamento*. Saúde, Trabalho e Educação. 1920. (recorte avulso, Fundo Belisário Penna, DAD-COC).

<sup>353</sup>PENNA, Belisário. *Saneamento*. op. cit.

<sup>354</sup>PENNA, Belisário. *A Escola e a República*. op. cit. p. 1.

Uma das principais críticas de Penna recaía sobre a Constituição de 1891, que dava autonomia aos Estados em relação ao ensino primário, liderados pelas oligarquias, ao qual não fazia referências à saúde, higiene, educação e a instrução profissional, que eram, para ele, fundamentos nacionais essenciais para o progresso do país<sup>355</sup>. Além disso, a constituição brasileira, descentralizada, impedia a intromissão do Governo Federal em assuntos estaduais e municipais, sem a iniciativa do Estado, caso contrário, era visto como uma intervenção sobre os poderes das oligarquias estaduais<sup>356</sup>.

Conforme vimos, as críticas realizadas por Belisário Penna e pelos intelectuais, envolvidos com o movimento sanitarista quanto ao sistema republicano, e às reivindicações efetuadas, durante a década de 1910, para a execução de reformas nas áreas da saúde e educação em nível federal, contribuíram, de forma contundente, para a criação de instituições nesses setores. Por exemplo, a fundação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), ocorreu em 1920, e do Departamento Nacional de Educação (DNE), em 1925. A criação das respectivas instituições resultou maiores poderes para a União, referente às políticas de saúde dos Estados e Municípios. Esse processo, de acordo com Ferreira, contribuiu para a perda do poderio político das oligarquias tradicionais<sup>357</sup>. O centro do poder do Estado era uma das principais ideias defendidas por Penna, e a centralização da educação, em nível federal, representava mais do que o combate ao analfabetismo. A centralização representava também a criação e a padronização de hábitos e comportamentos higiênicos que poderiam combater as doenças e os vícios com a finalidade de regenerar a raça. Portanto, a conscientização da elite política sobre a importância da saúde e da educação era um processo de suma importância, para a concretização do projeto sanitário nacional, defendido por Penna.

Além do problema relacionado com a política das oligarquias, o analfabetismo era uma questão essencial para a compreensão da necessidade de uma escola voltada para o ensino primário. Como já foi visto, nesta pesquisa, durante a viagem científica Neiva-Penna, realizada em 1912, os médicos relataram um alto índice de analfabetismo da população brasileira, destacando que, em alguns lugares do interior do Brasil, a taxa chegava em torno

---

<sup>355</sup> PENNA, Belisário. *A Escola e a República*. Ibidem, p. 3.

<sup>356</sup> Ver sobre educação e saúde no período da Primeira República no texto de FERREIRA, Leonardo Costa. Educação e Saúde na Primeira República: debates e reformas entre 1910 e 1920. *Revista Nupem*, Campo Mourão, v. 4, n. 6, jan./jul. 2012, p. 103-118.

<sup>357</sup> FERREIRA, Leonardo Costa. *Educação e Saúde na Primeira República*. op. cit., p. 116.

de 80% a 95% da população analfabeta<sup>358</sup>. Na época, a responsabilidade da educação estava estritamente ligada às oligarquias estaduais e municipais, conforme previa a Constituição de 1891. Pela lógica do pensamento político de Belisário Penna, assim como a saúde, a educação também tinha um papel essencial para a formação de uma unidade nacional. Nessa perspectiva, o sistema federativo descentralizado vigente, no Brasil, desde a implantação da República, atrapalhava Penna na implantação de um projeto sanitário nacional.

Durante os anos de 1920 e 1930, a educação se tornou um meio essencial nos projetos nacionais defendidos pelos intelectuais brasileiros, para ressaltar sua importância no processo regenerativo racial e social, e a necessidade da intervenção do Estado. A importância da educação, perante à sociedade, não foi algo defendido apenas por Belisário Penna, mas, sim, por um grupo importante de intelectuais, pertencentes à geração da Primeira República, dos críticos da república federativa, tanto do campo da saúde e da educação, quanto pensadores sociais, juristas e literatos, entre eles figuras como Roquette-Pinto, Levi Carneiro, Oliveira Vianna, Vicente Licínio Cardoso, Ronald de Carvalho, e outros. Durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, por exemplo, Levi Carneiro<sup>359</sup> defendeu a educação e o meio social como elementos fundamentais para a transformação da sociedade, inclusive das futuras gerações, uma vez que, do seu ponto de vista neolamarckiano, os benefícios da educações poderiam inclusive ser passados, hereditariamente, às proles futuras<sup>360</sup>. Para Carneiro, a “intelligencia é attributo caracteristico da especie humana” e é a obra que a “educação póde realizar”<sup>361</sup>, e o dever do Estado é difundi-la com extensa generalidade, por isso a importância da existência das escolas na sociedade brasileira<sup>362</sup>. A educação teria, ainda, a função de corrigir os vícios e os defeitos hereditários, tendo em vista a educação, desde a etapa infantil até a adulta. Assim, Carneiro ressalta:

---

<sup>358</sup>NEIVA, Arthur; PENNA, Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. op. cit.

<sup>359</sup>Levi Fernandes Carneiro nasceu em Niterói no dia 8 de agosto de 1882, filho de Francisco Fernandes Carneiro e de Maria Josefina de Sousa Carneiro. Se formou em 1903, na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Em 1912, foi secretário da delegação brasileira à Conferência Internacional de Jurisconsultos. Ocupou a presidência do Instituto dos Advogados do Brasil nos triênios iniciados em 1921 e 1929, tornando-se, no fim da década, membro do conselho superior da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Em 1930 no Governo de Getúlio Vargas, foi nomeado para o cargo de consultor-geral da República. 1932 foi eleito presidente da OAB. Faleceu no Rio de Janeiro em 5 de setembro de 1971 (FGV - Fundação Getúlio Vargas. Verbete bibliográfico: Levi Fernandes Carneiro. Dicionário histórico-biográfico brasileiro. Fundação Getúlio Vargas: on-line, obtido em abr. de 2020. Acesso em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/levi-fernandes-carneiro>).

<sup>360</sup>CARNEIRO, Levi. Educação e Eugenia. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, 1929, p. 107-108.

<sup>361</sup>CARNEIRO, Levi. *Educação e Eugenia*. Ibidem, p. 108.

<sup>362</sup>CARNEIRO, Levi. *Educação e Eugenia*. Ibidem, p.109.

Dahi o dever do Estado de proporcionar, ou facilitar a educação integral. Dessa inferência andamos particularmente despercebidos. Tendemos a reduzir o período educativo. Limitamo-lo a pouquíssimos annos. Encerramo-lo em plena puberdade. Quando muito, com a obtenção do diploma academico. No entanto, deveríamos amplia-lo, como realmente se amplia, nos dois sentidos, em todos os paizes zelosos da preparação dos seos homens<sup>363</sup>.

Conforme o jurista e educador, ao assumir a importância da eugenia, para a transmissibilidade de certas características, adquiridas hereditariamente, cresce a relevância social da educação e de sua continuidade, sendo garantida pelo Estado. No final da conferência, defendeu, ao lado de Belisário Penna, a relação da educação com a eugenia, defendendo que o ensinamento da eugenia era o mesmo da educação, colocando-as como aliadas. Levi Carneiro via os países considerados “cultos” como modelos a serem seguidos.

Do mesmo modo que Carneiro, e como era comum às elites intelectuais e políticas brasileiras, Penna também utilizava exemplos vindos do exterior, especialmente da Europa, como referência a ser seguida pelos brasileiros. Citando René Sand<sup>364</sup>, Penna enxergava a Inglaterra um país que possuía uma educação quase perfeita, que se preocupava com a saúde e concebia consciência sanitária, mas, mesmo assim, ainda havia problemas educacionais ocasionados pelo alcoolismo<sup>365</sup>. Sua referência à Inglaterra teve a intencionalidade de comparação com o Brasil, onde os governantes não tinham uma consciência sanitária, e não havia preocupação com a saúde, nem com a educação. Além disso, os problemas sociais não se definiam exclusivamente ao alcoolismo, todavia as doenças e o analfabetismo eram questões essenciais para compreender o estado de atraso em que se encontrava a população brasileira. Além do mais, essas questões geravam um problema na mão de obra e, conseqüentemente, na economia do país, uma vez que a maioria dos trabalhadores eram vista como fraca e improdutivo<sup>366</sup>.

Em seu projeto de construção nacional, Penna idealizava um ensino escolar que pudesse gerar cidadãos capazes de moralizar a sociedade e a política brasileira, e um governo

---

<sup>363</sup>CARNEIRO, Levi. *Educação e Eugenia*. Ibidem.

<sup>364</sup>O médico René Sand nasceu em 3 de janeiro de 1877 em Bruxelas e morreu em 1953. Sand foi um excelente especialista em tendências contemporâneas em serviço social na área anglo-saxônica, o que influenciou sua compreensão do serviço social em nível nacional na Bélgica. Ele estudou a situação social e econômica do pós-guerra na Bélgica, que havia sido devastada em grande parte. Com algumas personalidades de destaque na Bélgica, Sand decidiu fundar o primeiro instituto nacional para a formação de assistentes sociais em 1919 em Bruxelas, a “Escola Central de Aplicação de Serviços Sociais.

<sup>365</sup>PENNA, Belisário. *Saneamento*. op. cit.

<sup>366</sup>PENNA, Belisário. *Saneamento*. Ibidem.

republicano que inserisse estudos sobre a saúde nas escolas<sup>367</sup>. Ele acreditava ser necessário criar, entre os brasileiros, uma “consciência sanitária”. Conforme já vimos, durante sua trajetória, por sua passagem no Instituto Oswaldo Cruz (IOC), Penna adquiriu aprendizados sobre a medicina experimental, e viu em Oswaldo Cruz “o maior brasileiro”<sup>368</sup>, o primeiro a ter consciência sanitária. Não à toa, depois de sua convivência na instituição, liderada por Oswaldo Cruz, o sanitarista passou a ter consciência da importância da saúde pública no Brasil, ao divulgar as condições sociais e o abandono da população. Foi depois de suas viagens científicas realizadas pelo IOC, que Penna passou a chamar a atenção das autoridades públicas para uma tomada de consciência sanitária, ou seja, para ele, os problemas nacionais poderiam ser finalmente resolvidos pelos vieses da saúde e da educação. Os problemas físicos, morais, psíquicos, seriam assentados pela profilaxia, higiene e saneamento, educação higiênica e eugênica, garantindo, assim, a regeneração da raça brasileira, o que levaria à civilização do país. A tomada de consciência sanitária entre os brasileiros era a “convicção do valor econômico, étnico, moral e social da normalidade biológica, resultante da saúde”<sup>369</sup>. Depois de os médicos passarem a ter consciência, as autoridades governamentais também deveriam adquirir, desta maneira, a implementação da ideologia sanitária passaria a fazer parte de um projeto governamental, implantado no sistema educativo, como nas instituições militares, chegando até às famílias brasileira, onde as mulheres passariam a ter um papel essencial para a educação higiênica de seus filhos. Isto posto, no entendimento de Penna, todos os brasileiros, de todas as camadas da sociedade, teriam que adquirir a consciência sanitária nacional.

Como vimos, a elaboração desse projeto de educação higiênica e seu esforço em defesa da consciência sanitária nacional foi possível devido às conferências realizadas pelo médico-sanitarista. Em muitas delas, Penna adaptou seu discurso conforme o público ouvinte. Assim sendo, quando suas palavras eram dirigidas para médicos, o discurso do sanitarista buscava explicar o dever da classe médica para a conscientização da importância da saúde na sociedade brasileira<sup>370</sup>. Quando o público era o meio militar, suas preocupações estavam voltadas para a conscientização da importância da higiene para a própria

---

<sup>367</sup> Penna, não via uma necessidade de mudança de regime, mas uma moralização e um centralização de poder no sistema republicano brasileiro (PENNA, Belisário. *A Escola e a República*. op. cit.).

<sup>368</sup> PENNA, Belisário. *Conferencia realizada pelo Dr. Belisario Penna, na Universidade do Paraná, no dia 2 de agosto de 1921*.

<sup>369</sup> PENNA, Belisário. *Higiene e Civilização*. 1920. (recorte avulso, Fundo Belisário Penna, DAD-COC).

<sup>370</sup> PENNA, Belisário. *Conferencia realizada pelo Dr. Belisario Penna, a 20 de maio de 1922, na cidade de campos, a convite da Sociedade Fluminens de Medicina e Cirurgia*, p. 11.

sobrevivência nos campos de batalha, assim como a busca de fortalecimento corporal, com um ideal de corpos robustos e saudáveis, através de práticas profilaxia<sup>371</sup>.

A função dos governantes do país, que se encontravam, de acordo com o sanitarista, em um sistema de “politicalha”, era de garantir a educação higiênica, nas instituições de ensino, com uma centralização do poder sobre a União<sup>372</sup>. O papel da mulher no projeto de Penna, também é visto de suma importância. Com um tom de naturalização de seus deveres, a mulher é representada como a responsável pelos cuidados familiares, enquanto mulher-mãe-educadora<sup>373</sup>. Cabe ressaltar novamente, que a mulher, ao modelo eugênico, referia-se, principalmente, às mulheres de classe média e alta da sociedade, muitas delas não estavam nos padrões estabelecidos pelos médicos-eugenistas, e pela própria formação de uma classe burguesa, que ditava padrões de diferenciação da classe trabalhadora<sup>374</sup>. Na educação higiênica, idealizada por Belisário Penna, a infância possuía um papel central, as crianças e os jovens começaram a ganhar visibilidade como agentes com potencialidade de ocasionarem mudanças sociais através do conhecimento, além disso, os jovens passariam, também, pela educação profissionalizante, se tornando-se potencialmente produtivos, enquanto mão de obra para o trabalho<sup>375</sup>. O que todos esses agentes históricos têm em comum, no projeto sanitário nacional de Belisário Penna, é a educação higiênica e eugênica, como fatores determinantes para a concretização de uma sociedade saudável e produtiva, permitindo que o Brasil entrasse nos trilhos do progresso e dos países considerados civilizados<sup>376</sup>.

---

<sup>371</sup>PENNA, Belisário. *Exercito e Saneamento*. op. cit.

<sup>372</sup>PENNA, Belisário. *A Escola e a República*. op. cit.

<sup>373</sup>PENNA, Belisário, apud SANTOS, Ricardo Augusto Dos. *O plano de educação higiênica de Belisário Penna. 1900-1930*. op. cit., p. 63.

<sup>374</sup>FRANCESCON, Marcela Cristiane Cavalheiro Miranda. *Eugenia, corpo e educação sexual*. op. cit.

<sup>375</sup>PENNA, Belisário. *A Escola e a República*. op. cit.

<sup>376</sup> PENNA, Belisário. *Higiene e Civilização*. op. cit.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a análise de nosso objeto de pesquisa, discutimos, de início, o contexto brasileiro de República, higiene e modernidade. O intuito da discussão foi perceber a aliança entre o discurso higiênico e o Estado, como forma de legitimar ações estatais, no período histórico decorrente. Entre essas ações destacamos o processo de modernização da cidade do Rio de Janeiro, nos primeiros decênios do período republicano. Como modelo de Estado moderno, as ações governamentais acabaram por interferir de modo direto na vida da população brasileira, de princípio, na transformação da cidade do Rio, em seguida, pelo projeto estatal de incorporação de espaços afastados do interior do Brasil, realizado pelas viagens ao interior. Entre essas viagens, destacamos em especial as expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz. Tais viagens trouxeram uma imagem de Brasil diferentemente das interpretações, até então retratadas, como as visões ufanistas, românticas e os determinismos raciais e climáticos. A nova roupagem, trazida pelos viajantes ligados ao IOC, caracterizava a população sertaneja como sendo um povo doente, alcoólatra e analfabeto, de modo consequente gerava a degeneração racial. Uma das principais críticas feitas pelos médicos-viajantes estava centralizado no abandono da população pelo Estado, procurando afastar de suas interpretações os determinismos raciais e biológicos tão comuns nas leituras sobre os problemas do Brasil.

Após as viagens pelo interior e a percepção da doença, como o grande problema do país, a interdependência social, ocasionada pela doença, deu suporte para o surgimento do Movimento Sanitarista da metade da década de 1910. Como destacamos, o Movimento teve grande visibilidade no cenário nacional, conseguindo atingir os poderes públicos, sobretudo após a criação da Liga Pró-Saneamento do Brasil, em 1918. A Liga teve seu fim com o alcance de seus objetivos, tais como a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), em 1920, o que significou o surgimento do poder público e da institucionalização da saúde no interior do Brasil. Direta ou indiretamente, a criação de serviços públicos de forma integral no Brasil, centralizado na saúde, atingiu a população brasileira, assim como a criação do Departamento Nacional de Educação (DNE), em 1925. Consideramos que foram iniciativas fundamentais para a fundação de outras instituições educativas e de saúde que viriam a existir como o Ministério da Educação e Saúde Pública, na década de 1930, durante o governo de Getúlio Vargas.

O Movimento Sanitarista atingiu, também, a intelectualidade brasileira, conforme vimos em Monteiro Lobato e Gilberto Freyre, por exemplo, autores que foram influenciados em suas interpretações a respeito da população brasileira. A princípio, Lobato em seu personagem “Jeca-Tatu”, que passou por um processo de mudança de perspectiva, após ter contato com o movimento sanitário e as ciências médicas, em especial com Arthur Neiva, Belisário Penna, Oswaldo Cruz e Carlos Chagas. O personagem, antes determinado racialmente, ganhou uma nova interpretação, uma vez que o Jeca, ao ser medicado e tratado pela ciência, melhorou o seu estado de saúde, tornando-se um homem produtivo, fazendeiro que começava a competir e superar o seu vizinho italiano, filho da imigração europeia.

Já no caso de Gilberto Freyre, destacamos como essa influência impactou em *Casa-grande e Senzala*, sua grande obra de interpretação do Brasil. Como vimos, o impacto que as ideias do movimento exerceu na sua maneira de compreender os problemas brasileiros aparece, no prefácio da obra, demonstrando a centralidade que as questões de saúde tiveram em suas explicações o processo de constituição da sociedade brasileira, destacando a forte influência do discurso sanitário em suas interpretações do Brasil e os brasileiros.

É nesse contexto histórico de debates sobre a identidade nacional e reforma da sociedade brasileira que Belisário Penna estava inserido. A partir da sua aprovação, no concurso público da Diretoria Geral de Saúde Pública, que ele integrou a equipe de Oswaldo Cruz, na inspetoria sanitária do Rio de Janeiro, nos primeiros anos do século XX. Em 1907, compôs o grupo de expedições científicas, realizadas no interior do país, pelo Instituto Oswaldo Cruz, sendo marcante, em sua trajetória, a expedição que realizou com Arthur Neiva. Nessa viagem, como destacamos ao longo da dissertação, Neiva e Penna incorporaram visões sociológicas sobre o Brasil e retrataram a população brasileira a partir das condições sociais em que viviam, especialmente pela presença endêmica de doença, do alcoolismo e do analfabetismo. Uma das principais causas dos problemas sociais estava centralizado no abandono da população brasileira pelo Governo. Tal interpretação da sociedade brasileira levou Penna a pertencer à geração dos intelectuais críticos do sistema republicano federalista nos anos que sucederam a viagem. Ainda em sua interpretação de Brasil e do brasileiro, Penna, ao mesmo tempo em que se contrapôs às interpretações deterministas raciais e climáticas, interpretou a cultura afrodescendente como associada à barbárie e ao atraso da civilização, considerando a moralidade e os hábitos da população branca mais “civilizados” do que a moralidade e hábitos trazidos pelos africanos. Além disso, Penna considerava alguns



costumes dos negros como sendo atos de “selvagens”. Portanto, além da abrangência, Penna apresentou ambiguidade em sua interpretação da sociedade e da população brasileira.

A partir da expedição Neiva-Penna, o médico-sanitarista colocou em ação seu projeto sanitário nacional, defendendo a saúde como sendo a principal solução para os problemas do Brasil. Foi, no final da década de 1910, que ele se tornou um dos principais líderes do Movimento Sanitarista, cuja atuação, no movimento, o levou a ocupar importantes cargos públicos, durante a década de 1920 e no início dos anos 1930. Entre divergências administrativas, e por falta de autonomia, Penna foi ocupando cargos públicos, em momentos turbulentos, e acabava pedindo demissão como uma forma de estratégia para manter-se fiel aos seus discursos de patriotismo e desapego aos cargos políticos. Essa estratégia também pode ser vista como uma forma de retaliação, pois, no jogo político, conforme destaca Carvalho, Belisário Penna possuía pouco poder de negociação. Mantendo-se em cargos públicos, durante as décadas de 1920 e 1930, muito mais pela sua autoridade médico-científica e o discurso nacionalista e moralista do que pela sua habilidade política<sup>377</sup>.

Entre seus ideais, consideramos que ele pertenceu a uma geração nacionalista, gestada ao longo da Primeira República, e teve um papel decisivo na construção de discursos e representações duradouras sobre a realidade e as mazelas do Brasil. Ainda, nesse sentido, a intelectualidade brasileira se via como salvacionistas dos interesses nacionais, e Penna não ficou ileso a essa missão a que se colocavam os intelectuais. Seu projeto sanitário tinha a intenção de salvar o país do atraso e da degeneração racial, desejando reinventar a nação em termos modernos e civilizados. Desta forma, ao absorver a eugenia em seus debates referentes à reforma social e políticas de saúde pública, no Brasil, acabou associando a eugenia como sendo indissociável da higiene. Para ele, como procuramos ressaltar, a ciência de Galton não poderia existir sem a auxílio da higiene e do saneamento, como uma forma de melhorar o meio social e, conseqüentemente, as características adquiridas e transmitidas de forma hereditária. Assim sendo, Penna esteve ligado ao modelo “preventivo” de eugenia, preocupando-se muito mais no combate a doenças, vistas como degenerativas, como por exemplo a sífilis, a ancilostomose, e, ainda, os problemas sociais: o alcoolismo e o analfabetismo, questões essenciais para entender seu projeto sanitário nacional.

Neste ponto, a educação higiênica e eugênica foram fundamentais em seu projeto. O sanitarista via, na educação, a melhor forma de educar higienicamente a população brasileira,

---

<sup>377</sup>CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil*. op. cit., p. 9.

formando uma consciência que julgava indispensável para solucionar os problemas brasileiros. Em sua compreensão, como procuramos destacar, os estudos higiênicos e eugênicos tinham que estar presentes em todas as camadas da sociedade, permitindo a difusão e incorporação de suas práticas por todos os cantos do país. Em uma população que, segundo seus índices, chegava entre 80% a 95% de analfabetos, a educação infantil era essencial, pois, além de combater o analfabetismo e a ignorância, também combateria a mortalidade infantil pelos ensinamentos higiênicos. É importante lembrar que a mortalidade era um grande problema a ser resolvido no período, inclusive do ponto de vista da própria formação da mão de obra brasileira e de um mercado de trabalho que começava a exigir braços saudáveis para as atividades industriais das grandes cidades brasileiras.

Vale lembrar, ainda, que, no início do século XX, a preocupação quanto à infância era vista pelos médicos-eugenistas como centrais para a reforma da sociedade, uma vez que acreditavam que as crianças eram moldáveis e, portanto, poderiam receber ensinamentos os quais lhes fossem propostos. Por este viés, Penna via uma forma de solucionar os problemas de “politicagem” no poder público brasileiro, além de moldar, nos hábitos da população brasileira, padrões sanitários e higiênicos. Neste sentido, tanto as crianças como as mulheres passaram a ser alvos de políticas públicas. A mulher, enquanto mulher-mãe-educadora, teria o papel de educar os filhos, na casa e nas escolas, bem como ensinar suas filhas a serem boas esposas e mães, preparando-as para a maternidade, já que eram elas as responsáveis para a geração de proles saudáveis.

Caso a educação falhasse, nas casas e nas escolas, na visão de Penna, o quartel militar seria o responsável pela educação higiênica e eugênica, em um contexto marcado pela Primeira Guerra Mundial, no qual as questões sobre a militarização e a criação de bons soldados estavam na “ordem do dia”. Deste modo, em seu projeto de construção sanitária nacional, o sanitarista via a necessidade de criar soldados robustos e fortes, frente a um cenário em que a população era vista como magra, fraca e degenerada pela doença. Devido às enfermidades e pela falta de preceitos higiênicos, a educação foi vista como sendo essencial na formação de um exército forte, dentro do projeto de nação, defendido por Belisário Penna. Além disso, o sanitarista compreendia que os soldados bens instruídos também poderiam passar seus conhecimentos para a sociedade, servindo como um mediador social significativo.

A classe médica era uma das mais importantes para o sanitarista, pois estaria, nela, o dever de cuidar, informar e de educar, onde lhe dessem espaços, levando, assim, os preceitos de profilaxia, saneamento, higiene e de eugenia, a fim de regenerar a “raça brasileira”. Portanto, no projeto sanitário nacional de Penna, a centralização da saúde, como forma de solucionar os problemas brasileiros, estava alicerçada na educação, visando criar em todas as camadas da sociedade uma “consciência sanitária nacional”. Só assim o Brasil teria uma população regenerada, com trabalhadores fortes e produtivos, capaz de colocar o Brasil no rumo do tão almejado progresso e a entrada, no mapa, dos países ditos como “civilizados”.

Apesar das ambivalências nas perspectivas, ideias e projetos de Belisário Penna, analisando a higiene e a eugenia em seus debates sobre reforma social e políticas de saúde pública, percebemos a importância da intelectualidade e da pesquisa científica em criar soluções e respostas para os problemas sociais, econômicos e políticos no mundo moderno. Em um período que vemos surgir debates anti-intelectual e anticientífico, de puro negacionismo, compreendemos que as pesquisas sobre a história das ciências e da saúde pública são fundamentais para refletir o atual contexto da história do Brasil, marcado por ataques generalizados contra as políticas públicas de saúde, contra as atividades científicas e a educação pública.

Belisário Penna pertenceu a uma geração de intelectuais que se via como salvacionista e que visava retirar o Brasil do seu atraso por meio da promoção da ciência, principalmente por meios higiênicos e sanitários. A educação e a saúde eram vistas como forma de intervenção social que estava presente em vários projetos dos sanitaristas e eugenistas do início do século XX, embora isso não signifique que seus projetos foram totalmente eficazes e efetivados, nem que estivessem imunes às visões autoritárias e ambíguas sobre a população brasileira. Por outro lado, os projetos sanitaristas colaboraram para mudanças na atuação do Estado e na formulação de instituições e na promoção de políticas públicas de saúde, assim como mudanças nos hábitos sociais relacionados aos cuidados com a saúde, o corpo e a vida.

Diante do exposto, entendemos que este trabalho contribui para a reflexão sobre o papel dos intelectuais e da ciência na sociedade, permitindo pensar suas intervenções sociais em momentos turbulentos de enfrentamento de doenças endêmicas ou epidêmicas, como no atual momento em que enfrentamos a pandemia do novo coronavírus. Em frente ao cenário de pandemia, aumenta ainda mais a importância dos profissionais da saúde e de um sistema de saúde pública bem estruturado e equipado, como também a educação higiênica para criar

hábitos e comportamentos que possam salvar vidas. É, em contextos como estes, que percebemos, apesar dos distintos processos históricos, a centralidade dos serviços de saúde pública em nossa sociedade.

## FONTES

*Actas e trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. 1, 1929.

CARNEIRO, Levi. Educação e Eugenia. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, 1929, p. 107-116.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48 ed. São Paulo: Global, 2003, [1933].

KEHL, Renato. Eugenia e Eugenismo. *Boletim de Eugenia*. Ano.1, v.8, ago. de 1929.

KEHL, Renato. O Nosso Boletim. *Boletim de Eugenia*. vol. 1, nº. 1, jan. de 1929.

LOBATO, Monteiro. *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*. Obras completas de Monteiro Lobato, 1 série, literatura geral. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, v. 8, 1957b.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. Obras completas de Monteiro lobato, 1 série, literatura geral, 9.ed. São Paulo: Brasiliense, v. 1. 1957.

NEIVA, Arthur; PENNA, Belisário. Viagem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauhí e de norte a sul de Goiaz. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*; 1916.

PENNA, Belisário. *A Era do Saneamento*. Conferência realizada pelo Dr. Belisário Penna, em Entre Rios, no dia 6 de junho de 1920.

PENNA, Belisário. *A Escola e a República*. 1925. (recorte avulso, Fundo Belisário Penna, DAD-COC).

PENNA, Belisário. A Luta contra o alcoolismo. *Revista Brazil-Médico*. Rio de Janeiro, ano XXXVI, vol. 11, out. 1922, p. 212.

PENNA, Belisário. *Conferencia realizada no Sindicato Médico*. Em 14 de maio de 1932.

PENNA, Belisário. *Conferencia realizada pelo Dr. Belisario Penna, a 20 de maio de 1922, na cidade de campos, a convite da Sociedade Fluminens de Medicina e Cirurgia*.

PENNA, Belisário. *Conferencia realizada pelo Dr. Belisario Penna, em Entre Rios, no dia 6 de junho de 1920*.

PENNA, Belisário. *Conferencia realizada pelo Dr. Belisario Penna, na Universidade do Paraná, no dia 2 de agosto de 1921*.

PENNA, Belisário. Discurso pronunciado pelo Dr. Belisário Penna, na Academia Nacional de Medicina, por ocasião da posse de membro honorário, em 5 de setembro de 1921.

PENNA, Belisário. Eugenia e Eugenismo. *Boletim de Eugenia*. Ano. I, N.10, out. de 1929.

PENNA, Belisário. Exército e Saneamento. Rio de Janeiro: *Revista dos Tribunaes*, 1920.

PENNA, Belisário. Minas e Rio Grande do Sul. Estado da doença, Estado da saúde. Rio de Janeiro: Tipografia *Revista dos Tribunais*, 1918.

- PENNA, Belisário. *O Cancro Nacional*: Conferência realizada na sociedade nacional de agricultura pelo dr. Belisário Penna. *Hygia*. 22 de julho de 1929, p. 17.
- PENNA, Belisário. Pequenos cuidados higienicos. *Revista do Brasil*. Ano III, n. 33, setembro de 1918.
- PENNA, Belisário. Prefácio. In: KEHL, Renato. *Eugenia e Medicina Social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1920.
- PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil*. Rio de Janeiro. 1918.
- PENNA, Belisário. *Saneamento Rural*. Conferência realizada pelo Dr. Belisário Penna, em Belo Horizonte, a 1º de maio de 1918, na sede da Sociedade Mineira de Agricultura. Belo Horizonte, 1º de maio de 1918.
- PENNA, Belisário. *Saneamento*. Saúde, Trabalho e Educação. 1920. (recorte avulso, Fundo Belisário Penna, DAD-COC).
- ROQUETTE-PINTO, Edgard. Actas da Sessão de abertura. In: *Actas e trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. 1, 1929. p. 07-12.
- ROQUETTE-PINTO, Edgard. “Notas sobre os tipos antropológicos do Brasil”. *Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, 1929, p. 119-147.
- SERAFIM, Sylvia. Maternidade Consciente. *Boletim de Eugenia*. n. II, n. 14, fev. de 1930.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Maria Cecília Neves de. *Um olhar sobre o sertão*: as fotografias do relatório da expedição científica de Arthur Neiva e Belisário Penna. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*: tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*: tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998.
- BENCHIMOL, Jaime. “Reforma Urbana e Revolta da Vacina do Rio de Janeiro”. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves, Orgs. *O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República a Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 231-286.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta M. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1998.
- BOURDIEU, Pierre. Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. O campo intelectual: um mundo a parte. In: *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 169-181.
- BRITTO, Nara. *Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1995, p. 19-39.

BVS- Biblioteca Virtual de Saúde Adolpho Lutz. Trajetória: Adolpho Lutz. Biblioteca Virtual de Saúde. On-line, obtido em abr. de 2020. Disponível em: <http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/html/pt/static/trajetoria/introducao.php>.

CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não Foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil: saúde pública, política e integralismo na trajetória de Belisário Penna (1868-1939)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.

CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. Soberania Nacional em Risco: uma crítica de Belisário Penna à ação da fundação Rockefeller no Brasil (1923). *Outros Tempos*, vol. 14, n. 24, 2017, p. 17-34.

CASAZZA, Ingrid Fonseca. *O Jardim Botânico do Rio de Janeiro: Um lugar de ciência (1915-1931)*. Dissertação (Mestrado em História) – Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, Rio de Janeiro, 2011.

CASTRO, Celso. In corpore sano: os militares e a introdução da educação física no Brasil. *Antropolítica*, Niterói, RJ, nº 2, 1º sem. 1997, p. 61-78.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial*. 2º ed. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

CHIOC- Coleção Helminológica do Instituto Oswaldo Cruz. Histórico dos Curadores: José Gomes de Faria. Instituto Oswaldo Cruz: on-line, obtido em abr. de 2020. Acesso em: <http://chioc.fiocruz.br/index?history>.

DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

EILERS, Kertin. René Sand (1877-1953) and His Contribution to International Social Work, IASSW-President 1946 – 1953. *Social Work and Society International Online Journal*. v. 5, n. 1. 2007.

FERREIRA, Leonardo Costa. Educação e saúde na primeira República: debates e reformas entre 1910 e 1920. *Revista NUPEM*, v. 4, 2012, p. 103-118.

FERREIRA, Luiz Otávio. *O nascimento de uma instituição científica: o periódico médico brasileiro da primeira metade do século XIX*. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

FGV - Fundação Getúlio Vargas. A Era Vargas: dos anos 20 a 1945: Fernando de Azevedo. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Fundação Getúlio Vargas, obtido em abr. de 2020. Acesso em: [https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/fernando\\_de\\_azevedo](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/fernando_de_azevedo).

FGV - Fundação Getúlio Vargas. Verbetes bibliográficos: Afrânio Peixoto. Dicionário histórico-biográfico brasileiro. Fundação Getúlio Vargas: on-line, obtido em abr. de 2020. Acesso em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/julio-afranio-peixoto>.

FGV - Fundação Getúlio Vargas. Verbetes bibliográficos: Arthur Neiva. Dicionário histórico-biográfico brasileiro. Fundação Getúlio Vargas: on-line, obtido em abr. de 2020. Acesso em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/neiva-artur>.

FGV - Fundação Getúlio Vargas. Verbete bibliográfico: Levi Fernandes Carneiro. Dicionário histórico-biográfico brasileiro. Fundação Getúlio Vargas: on-line, obtido em abr. de 2020. Acesso em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/levi-fernandes-carneiro>.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANCESCON, Marcela Cristiane Cavalheiro Miranda. *Eugenia, corpo e educação sexual: imagens e interpretações sobre mulheres na obra de Renato Kehl (1920-1930)*. Dissertação (mestrado em História) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Paraná, 2017.

HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento: as bases das políticas de saúde pública no Brasil*. 3º. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

HOCHMAN, Gilberto. Regulando os efeitos da interdependência: sobre as relações entre saúde pública e a construção do Estado (Brasil 1910-1930). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.6, n. 11, 1993, p. 40-61.

KROPF, Simone Petraglia. *Doença de Chagas, doença do Brasil: ciência, saúde e nação, 1909-1962*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009.

LIMA, Nísia. Trindade. Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, vol. V (suplemento), julho 1998, p. 163-193.

LIMA, Nísia. Trindade. Uma brasileira médica: o Brasil Central na expedição científica de Arthur Neiva e Belisário Penna e na viagem ao Tocantins de Julio Paternostro. *História. Ciências. Saúde Manguinhos* vol.16 supl.1 Rio de Janeiro, July 2009.

LIMA, Nísia. Trindade. *Um Sertão Chamado Brasil: Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAN, 1999.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. “Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República”. In: Maio, Marcos Chor e Santos, Ricardo Ventura. *Raça Ciência e Sociedade*. RJ: Editora Fiocruz, 1996, p. 23-40.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN. “Pouca saúde e muita saúde”: sanitarianismo, interpretação do país e ciências sociais. In: HOCHMAN, Gilberto, and ARMUS, Diego, Orgs. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. História e Saúde collection. 568 p.

LUTZ, Adolpho; MACHADO, Astrogildo. Viagem pelo rio São Francisco e por alguns de seus afluentes entre Pirapora e Joazeiro”. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, V.7, nº 1, Rio de Janeiro, 1915.

MAIO, Marcos Chor. Raça, Doença e Saúde Pública no Brasil: um debate sobre o pensamento higienista do século XIX. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça como questão: história, ciência e identidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010, p. 51-81.

MELLO, Maria Teresa Villela Bandeira de; PIRES-ALVES, Fernando. Expedições científicas, fotografia e intenção documentária: as viagens do Instituto Oswaldo Cruz (1911-1913). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, supl.1, jul. 2009, p.139-179.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza. Do ideal de robustez ao ideal de magreza: Educação Física, saúde e estética. *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 04, out./dez. 2009, p. 175-191.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990.

REZENDE, Maria José de. Organização, coordenação e mudança social em Alberto Torres. *Estudos de Sociologia*, n. 8, 1º sem. 2000, p. 35-58.

SÁ, Dominichi Miranda de. *A Ciência como Profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SÁ, Dominichi Miranda de. *O Brasil “modelado” na obra de Belisário Penna (1916-1935)*. Dissertação (mestrado em História) - UFRJ, IFCS, Rio de Janeiro, 1998.

SÁ, Dominichi Miranda de. Uma interpretação do Brasil como doença e rotina: a repercussão do relatório médico de Arthur Neiva e Belisário Penna (1917-1935). *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 16, supl. 1, jul. 2009. p. 183-203.

SANTOS, Luiz Antonio de Castro. O pensamento sanitário na Primeira República: Uma ideologia de construção da nacionalidade. Dados. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v.28, n.2, 1985, p.193-210.

SANTOS, Luiz Antonio de Castro. Poder, ideologias e saúde no Brasil da Primeira República: ensaio de sociologia histórica. HOCHMAN, Gilberto, and ARMUS, Diego, Orgs. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. História e Saúde collection. 568 p. ISBN 978-85-7541-311-1. Available from SciELO Books. p. 249-294.

SANTOS, Luiz Antonio de Castro; FIGUEIREDO, Regina Érika Domingos de. Belisário Penna, Combatente: um capítulo da história da saúde pública brasileira. *Saúde Soc.* São Paulo, v.21, n.4, 2012, p.848-857.

SANTOS, Ricardo Augusto dos; LOURENÇO, Francisco dos Santos. João Pedro ou João Pedroso. *A Brasileira Fotográfica*, jan. de 2019.

SANTOS, Ricardo, Augusto, dos. Ilusões Biográficas: O Sanitarista Belisário Penna (1868-1939). *16º Seminário Nacional de História da ciência e da tecnologia*. UFCG / UEPB, Campina Grande, Paraíba, 15 a 18. Outubro. 2018, p. 1-14.

SANTOS, Ricardo, Augusto, dos. O plano de educação higiênica de Belisário Penna. 1900-1930. *Dynamis*, 2012, p. 45-68.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

SCHWEICKARDT, Júlio César; LIMA, Nísia Trindade. Os cientistas brasileiros visitam a Amazônia: as viagens científicas de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas (1910-1913). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, suplemento, dez. 2007, p. 15-50.

SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Scipione, 1993.

SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

SKINNER, Quentin. Significado y comprensión em la historia de las ideas. Tradução de Horacio Pons. In: Prisma: *Revista de História Intelectual*. N. 4, 2000, p. 149-191.



SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A política biológica como projeto: a “eugenia negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)*. Dissertação (Mestrado em História) - Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, Rio de Janeiro, 2006.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. As ideias eugênicas no Brasil: ciência, raça e projeto nacional no entreguerras. *Revista Eletrônica História em Reflexão*: Vol. 6 n. 11 – UFGD - Dourados jan./jun. 2012, p. 1-23.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Autor, Texto e Contexto: a história intelectual e o ‘contextualismo lingüístico’ na perspectiva de Quentin Skinner. *Revista de História e Estudos Culturais*. v.5, ano.v, n°.4. out. nov. dez. 2008, p.1-19.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Em busca do Brasil: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905-1935)*. Rio de Janeiro: FGV Editora e Editora Fiocruz, 2017.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. História Intelectual: objetos, abordagens e perspectivas. *Café História: história feita com cliques*. (Online). 2017.

STEPAN, Nancy. A Eugenia no Brasil – 1917 a 1940. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (orgs). *Cuidar, Controlar, Curar: Ensaio históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio: Editora Fiocruz, 2004 [1985], p. 331-391.

TEIXEIRA, L. A. Da raça à doença em Casagrande e senzala. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, IV(2):231-243 jul.-out. 1997, p. 231-243.

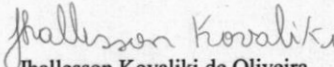
THIELEN, Eduardo Vilela; SANTOS, Ricardo Augusto dos. Belisário Penna: notas fotobiográficas. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2009, p. 387-404.

VECHIA, Ariclê; LORENZ, Karl Michael Lorenz. Fernando de Azevedo e a Questão da “Raça Brasileira”: sua regeneração pela educação física. *Cadernos de História da Educação*, v. 8, n. 1, jan./jun. 2009, p. 57-70.

Autorizo a divulgação integral deste trabalho no banco de dados do  
PPGH/UNICENTRO.

Autorizo apenas a divulgação do resumo e do *abstract* no banco de dados do  
PPGH/UNICENTRO.

Irati(PR), 18 de Setembro de 2020.

  
Jhalleson Kovaliki de Oliveira